UMA TEORIA CIENTÍFICA SOBRE COMO PERDER TEMPO A PENSAR NO TEMPO

VÍTOR RUA



Uma Teoria Científica sobre Como Perder Tempo a Pensar no Tempo

Vítor Rua

ASOKA MIAU RECORDS · LISBOA · 2026

Ficha técnica

Uma Teoria Científica sobre Como Perder Tempo a Pensar no Tempo
Vítor Rua

© 2026 Vítor Rua. Todos os direitos reservados.
Edição: Asoka Miau Records · Lisboa.
Composição editorial: uma máquina de medir o que escapa aos relógios.

"O que é, então, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; mas se quiser explicar a quem pergunta, já não sei." – Santo Agostinho

Prefácio

O tempo. Esse companheiro invisível que nos segue desde o instante em que abrimos os olhos pela primeira vez até ao momento em que os fechamos para sempre. Ele é ao mesmo tempo uma presença silenciosa e uma força avassaladora, moldando cada pensamento, cada passo, cada escolha. No entanto, raramente paramos para o questionar. O que é, afinal, o tempo? Um amigo que nos guia ou um tirano que nos apressa? Um enigma por resolver ou uma ilusão que inventámos para dar ordem ao caos? Este livro não pretende oferecer respostas definitivas. Pelo contrário, ele é um convite à contemplação, à dúvida, ao riso e, talvez, ao assombro.

Aqui, o tempo não é um conceito rígido ou uma linha recta, mas uma personagem viva que atravessa páginas e cenas, um fio que entrelaça ideias, histórias e encontros improváveis. A cada hora deste livro, exploramos uma faceta do tempo. Desde os seus primórdios no nascimento do universo até à sua presença nas vidas caóticas e banais de um casal moderno. Encontramo-lo nas notas de uma sinfonia, no estalar de um segundo perdido, no último suspiro de uma vida ou no momento fugaz de um sorriso imortalizado numa tela. O tempo é retratado como aliado, inimigo, mistério e, sobretudo, como uma peça fundamental daquilo que somos.

Escrito com humor, ironia e um toque de lirismo, este é um livro para quem já se perdeu no tique-taque de um relógio, para quem já sentiu o

peso de um minuto eterno ou a leveza de uma tarde que se esvaiu num piscar de olhos. É um livro que dança entre o passado, o presente e o futuro, onde a ciência se cruza com a arte, e a filosofia se mistura com as histórias do quotidiano. Mas não se engane, leitor. Este não é um livro para compreender o tempo. Afinal, quem poderia? Este é um livro para senti-lo, vivê-lo, rir com ele e, talvez, aprender a respeitar os seus mistérios. Agora, respire fundo. O tempo já começou a passar, e a primeira página espera por si.

Índice

00:00 O Tempo Existe, Caro Rovelli!

01:00 Einstein e o Enigma do Relógio Cósmico

02:00 Quando o Tempo Faz Psicanálise com O Gato de Schrödinger

03:00 O Sorriso Fora do Tempo

04:00 O Último Peido do Führer: Uma Reflexão Gasosa sobre o Tempo

05:00 Rossini e o Enigma da Abertura Inacabada: Uma Ópera, um Encontro e um Quarteto de Cordas

06:00 Os Últimos Pensamentos de Madame du Barry e o Relâmpago Final de Nicola Sacco

07:00 O Último Segundo do Mundo: O Dia em Que a Terra Parou

08:00 O Primeiro Relógio: Quando o Sol e a Lua nos Ensinaram o Tempo

09:00 Soufflé de Milionésimos: Ben Johnson e Michael Phelps na Cozinha do Tempo

10:00 Zenão, a Tartaruga e a Lebre: Um Sonho de Tempo e Contradições

11:00 Segundos que Redefiniram a Humanidade: O Tempo entre Hiroshima e Nagasaki

12:00 Os Primeiros Suspiros do Cosmos: De Segundos a Milhões de Anos Após o Big Bang

13:00 Do Fuso ao Turno: Como a Revolução Industrial Sincronizou o Tempo

14:00 Quando Beethoven se Torna um Ponto: O Tempo e a Música na Perspectiva de Stockhausen

15:00 O Tempo Passado, O Futuro Esquecido: Miguel e Mariana no Crepúsculo das Alterações Climáticas

16:00 O Relógio e o Cronómetro: Uma Conversa Onírica sobre o Tempo

17:00 A Escultura que Canta: Quando o Tempo e o Espaço se Encontram

18:00 A Partida entre o Espaço e o Tempo: Duchamp e Cage no Tabuleiro

19:00 O Brinde ao Tempo ou Um Diálogo entre a Heroína e a Cocaína

20:00 A Dromologia: Quando o Tempo Acelera Demais para Ser Visto ou O Disparo que Nunca Acontece

21:00 No Bar do Tempo: Uma Formiga, um Hipopótamo e uma Girafa Entram Numa Anedota

22:00 O Debate Infinito entre a Vida e a Morte

23:00 O Último Ponto Final ou O Livro Que Nunca Termina

24:00 Epílogo — A Hora que Fecha e Recomeça

Índice remissivo

00:00

O Tempo Existe, Caro Rovelli!

Quando digo em voz alta, ou mesmo apenas em pensamento, a frase de Carlo Rovelli, “O tempo não existe”, ocorre-me algo fascinante e irónico: a própria enunciação dessa ideia é a prova irrefutável de que o tempo existe. Para proferir tal frase, necessito de tempo. O som das palavras, “O tempo não existe”, vagueia pelo ar, contorna as esquinas invisíveis da minha mente, e ecoa no vazio de um segundo que já não é meu. O tempo, esse ladrão silencioso, desliza entre os espaços das sílabas. A cada palavra dita, os segundos passam; a cada letra escrita, os ponteiros imaginários do relógio movem-se.

É como se cada pensamento desenhasse o seu próprio percurso numa estrada invisível, pavimentada por momentos que se desvanecem antes mesmo de podermos agarrá-los. Experimentemos. Se digo calmamente: “O tempo não existe”, posso levar aproximadamente $3\pi + 2 \approx 1{,}938564934$ segundos. Um breve instante em que o som repousa como uma folha que cai. Acelerando a pronúncia, talvez consiga reduzir para algo em torno de $e - 1 + \pi \ln(2) \approx$ segundos. Este som já não repousa; é uma flecha, um relâmpago. Caso decida pronunciar como um rapper com pressa de apanhar um comboio, talvez reduza para $10 - 3 + e^{21}$

≈0,0113546 segundos. Aqui, as palavras já não são palavras.

Tornam-se fragmentos de luz, partículas aceleradas que mal têm tempo de existir. Contudo, há um limite: é-me absolutamente impossível pronunciar tal frase em 0 unidades de tempo. Zero tempo é um abismo, uma ideia que desmorona sob o peso da sua própria ausência. É um paradoxo de proporções quânticas e filosóficas, uma dança onde os passos não deixam marcas no chão. Este paradoxo é, aliás, algo que o físico Lee Smolin discute em "Time Reborn": "O tempo não é apenas uma ilusão, mas sim a base para a realidade.

Sem tempo, não há mudança, não há evolução, não há vida." É precisamente isso que torna a ideia tão irónica: enquanto afirmamos a inexistência do tempo, ele continua a fluir, a mover-se, a moldar cada palavra que pronunciamos ou escrevemos. Tal como uma corrente invisível, ele move não apenas os ponteiros dos relógios, mas também as sombras dos nossos pensamentos. O comprimento de Planck, essa inacreditavelmente pequena unidade de medição do Universo, talvez nos ofereça um paralelismo curioso. Imagine este intervalo, $5,39 \times 10-44$ segundos, como um pequeno vislumbre do infinito.

Se imaginarmos um “Tempo de Planck” – o menor intervalo de tempo concebível – mesmo esse vislumbre seria suficiente para dizer: “O tempo não existe”. E nesse instante, num paradoxo digno de Kafka, já teríamos usado tempo para provar a sua inexistência. Stephen Hawking, em "A Brief History of Time", brinca com a ideia: "A existência do

Tempo de Planck mostra-nos o quanto o universo adora limites – mesmo quando insiste em desafiar a nossa compreensão."

Mas há algo poético nisto tudo, não achas? O tempo, este companheiro invisível, está em toda a parte e, ao mesmo tempo, escapa-nos. Talvez seja como uma melodia que ouvimos de longe, uma canção que reconhecemos mas não conseguimos cantar. Talvez o tempo, afinal, seja como nós: eterno na sua busca por significado, mas fugaz na sua manifestação. Proponho, portanto, uma alternativa criativa: o Tempo de Rua, o qual nomeio em honra ao meu apelido. Um intervalo de tempo suficientemente curto para capturar os pensamentos mais fugazes e suficientemente elástico para ser preenchido com ironias sobre a passagem do tempo.

Imagine uma nova escala onde, em vez de Planck, medimos a duração do Universo em momentos de epifanias existenciais. Entre um Tempo de Rua e outro, cabem os versos de uma música, a leitura de uma frase ou, talvez, o silêncio de um instante roubado ao caos. O Tempo de Rua é como um interlúdio entre actos de uma peça cósmica. Num instante, podemos quase ouvir o universo a sussurrar segredos que normalmente se perdem no ruído do quotidiano. Talvez um momento tão breve quanto um Tempo de Rua seja suficiente para nos fazer sentir que, entre a vastidão do espaço e o frenesim do tempo humano, existe algo profundamente simples e extraordinário: a percepção.

Aqui reside a ironia: dizer que “o tempo não existe” é, paradoxalmente, um acto de reafirmação da sua

existência. Mesmo a negação requer a sua passagem. O tempo, tal como um comediante experiente, adora brincar com os seus próprios paradoxos. Como o filósofo Martin Heidegger escreveu em "Ser e Tempo": "A temporalidade não é algo que acontece connosco. É algo que somos." No fundo, somos os actores e os espectadores deste teatro cósmico onde cada segundo é uma réplica, cada instante um movimento em cena. O tempo, tal como a ironia, é um espelho que nos devolve aquilo que somos, mas de um ângulo que nunca havíamos imaginado.

Agora, imaginemos uma cena digna de ficção científica: num futuro não muito distante, cientistas conseguem reduzir todos os fenómenos físicos à inexistência do tempo. O mundo transforma-se num quadro estático, um mosaico de partículas suspensas num vácuo eterno. Nada acontece. Nem mesmo o pensamento é possível, porque pensar exige duração. Alan Lightman, físico e escritor, coloca-o poeticamente em "Einstein's Dreams": "O tempo é o tecido do nosso ser. Sem ele, desfazemo-nos em pedaços." E é aqui, nesse vazio sem tempo, que reside a ironia final: na tentativa de eliminar o tempo, percebemos que somos feitos dele. Existir é ser tempo.

Henri Bergson captou esta verdade numa frase simples e profunda: "O tempo é a matéria de que sou feito." Talvez o Tempo de Rua seja a pausa entre os ponteiros do relógio, uma fenda invisível na qual habitam todas as perguntas que nunca

ousamos fazer. Talvez seja a pausa entre uma nota e outra de uma melodia esquecida, a fractura do

silêncio que dá sentido ao som. Entre as dimensões da física e as divagações da filosofia, a verdade é que o tempo nos escapa sempre que tentamos agarrá-lo. É como tentar capturar a água com as mãos: quanto mais apertamos, mais ela escorre. Carlo Rovelli, em "The Order of Time", resume esta ideia com um toque poético: "O tempo não é um rio que flui. É uma paisagem que exploramos – e somos parte dela." O tempo, afinal, é um enigma que nunca se cansa de nos provocar.

Por isso, caro Rovelli, mesmo que negues a existência do tempo, deixa-me dizerte isto: enquanto o dizes, ele está aí, a deslizar por entre as palavras e os momentos. O tempo, tal como a ironia, nunca perde uma oportunidade de nos surpreender, e talvez, no final de tudo, ele seja apenas o reflexo da nossa tentativa de compreender o incompreensível. Se o tempo não existisse – como afirma Rovelli – porque é que Proust diz que anda "Em Busca do Tempo Perdido"? A própria ideia de buscar algo perdido implica que, em algum momento, isso existiu. Não se busca o invisível, o inexistente. Ninguém jamais ouviu falar de alguém em busca do unicórnio de três cabeças ou do calor no vácuo absoluto.

A busca, como a perceção, exige um ponto de partida: a memória de algo que foi, que passou, que pertence ao tempo. Proust, no seu extenso mergulho pelas camadas da memória, não só confirma a existência do tempo como também nos mostra que ele é tecido na nossa subjectividade. Como Henri Bergson descreve em "Matéria e Memória": "O tempo é como um elástico que se

estica e se contrai, moldado pela intensidade da nossa consciência." Talvez Proust, ao descrever a perda e a recuperação do tempo, esteja a ilustrar precisamente este elástico – uma dança entre a percepção e a realidade. Mas será que Proust poderia estar enganado? Se o tempo fosse uma ilusão, o que exactamente ele teria perdido?

A ironia é que o próprio acto de escrever sete volumes sobre esta busca envolve tempo – anos de reflexão, escrita e revisões. Cada palavra que Proust escreveu é uma evidência palpável do fluxo do tempo, um testemunho silencioso contra a negação de Rovelli. Talvez o físico esteja a brincar connosco, tal como o tempo adora fazer. Mesmo Einstein, com toda a sua genialidade, reconhecia o papel central do tempo na experiência humana. Ele escreveu uma vez numa carta a Michele Besso: "Para nós, físicos convictos, a distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão, ainda que persistente." Ora, se é uma ilusão persistente, não será precisamente por isso que o buscamos?

A persistência é a assinatura do tempo, o rasto que ele deixa na nossa consciência. Alan Lightman, no seu livro "Einstein's Dreams", explora múltiplas realidades temporais. Num dos seus sonhos ficcionais, descreve uma cidade onde o tempo é

circular, onde as pessoas revivem continuamente os mesmos eventos. Se o tempo não existisse, onde ficariam estas repetições? A busca de Proust seria impossível, porque não haveria caminho nem retorno. Sem tempo, não há histórias, não há memória, não há “tempo perdido”. E se quisermos ser mais rigorosos, até a mecânica quântica parece

alinhar-se com Proust. O físico Carlo Rovelli, em "The Order of Time", defende que o tempo, tal como o conhecemos, é uma construção emergente. Mas até as construções emergentes têm raízes. "A estrutura granular do espaço-tempo é como as páginas de um livro", escreve Rovelli.

Se cada instante é uma página, então a busca de Proust é a leitura desse livro – página a página, memória a memória, até que se compreenda a história. A conclusão é clara: o tempo existe porque nos escapa. É como tentar agarrar areia com as mãos. Quanto mais apertamos, mais depressa ele foge. Proust sabia disso, Einstein sabia disso, e até Rovelli, ao negar a sua existência, o confirma. Porque não se nega aquilo que não existe – apenas aquilo que nos confunde, nos provoca, nos desafia a entender. O tempo, afinal, é o enigma que nunca se cansa de nos lançar a sua sombra, convidando-nos a segui-lo, mesmo que nunca o alcancemos.

01:00

Einstein e o Enigma do Relógio Cósmico

No derradeiro instante da sua vida, Einstein, o homem que ousou dobrar o espaço-tempo, encontra-se deitado numa cama simples. A sala é silenciosa, preenchida apenas pelo som distante de um relógio que insiste em marcar os segundos. Mas, para Einstein, o tempo já não é uma linha. É um ponto, um instante infinito onde tudo converge. Dizem que, nos momentos finais, a vida inteira passa diante dos nossos olhos. Para Einstein, esta não é apenas uma metáfora; é uma verdade física. No crepúsculo da consciência, ele vê-se a criança curiosa que desmontava relógios na sua casa em Munique, fascinado pelo mistério das engrenagens. O pequeno Albert, de olhos atentos, questionava-se sobre o que fazia as coisas se moverem.

Era ali que o tempo começava para ele – um tempo que ele passaria a vida a tentar compreender. Num piscar de olhos, a cena muda. Agora, é o jovem Einstein, de cabelos desalinhados, a caminhar pelas ruas de Berna. Está absorto nos seus pensamentos, enquanto o mundo em redor continua no seu ritmo habitual. Trabalha no escritório de patentes, mas a sua mente está num outro plano, a perseguir ideias que ninguém mais vê. "E se o tempo fosse relativo?", ele pensa. A relatividade não surge como um relâmpago súbito, mas como uma melodia que

se compõe no fundo da sua mente, camada por camada. Num instante, ela toma forma.

Einstein, de olhos fixos na distância, vê o tempo dobrar-se e expandir-se, os ponteiros do relógio já não são absolutos; tornam-se flexíveis, dançando ao ritmo da velocidade e da gravidade. Nesse momento, a ciência é transformada para sempre. A imagem dissolve-se novamente e surge Mileva, a primeira esposa de Einstein. Ele vê-se sentado com ela numa noite tranquila em Zurique, os dois debruçados sobre uma mesa cheia de papéis e fórmulas. A conversa flui entre risos suaves e olhares cúmplices. "Albert", diz Mileva, "às vezes sinto que estás mais apaixonado pelas estrelas do que por mim." Einstein levanta os olhos dos cálculos e seguralhe as mãos.

"As estrelas são fascinantes", responde ele, "mas tu és o meu universo." É uma memória tão vívida que ele quase pode sentir o toque dela novamente, o calor da sua presença a iluminar o que, de outro modo, seria uma noite fria. De repente, algo salta para o colo de Einstein nesta memória: um gato, de pelo cinzento e olhos penetrantes, que ele chamava de Plank. "Ah, Plank", murmura Einstein com um sorriso nostálgico. No presente, no limite da consciência, ele imagina o gato a seu lado, como se o tempo tivesse dobrado mais uma vez e o trouxesse de volta. "Diz-me, Plank," sussurra Einstein no seu estado crepuscular, "o que achas do tempo?"

Plank, com a autoridade felina de quem conhece todos os segredos do universo, inclina a cabeça e responde, ou assim parece a Einstein: "O tempo é como uma janela aberta, Albert. Nós, gatos,

passamos por ela sem nos preocuparmos. Vocês, humanos, tentam fechá-la, medi-la, compreendê-la. Mas talvez o tempo só queira ser deixado em paz." Einstein sorri, encantado com a sabedoria do seu companheiro imaginário. "Talvez tenhas razão, Plank. Sempre te invejei a serenidade." E no entanto, mesmo nesse diálogo absurdo, há uma verdade inescapável: o tempo é o que dá forma a todas as coisas, sejam elas um pensamento, uma memória ou um instante de amor. A imagem do jovem Einstein dissolve-se, mas não sem deixar um rasto.

Ele não sabe, mas aquele pensamento mudará o curso da humanidade. No instante final, na quietude da sua despedida, o tempo parece devolver-lhe os pedaços da sua existência, como um mosaico que se completa na escuridão do infinito. O instante seguinte traz o Einstein mais velho, de cabelos brancos como as nuvens, a segurar a sua fórmula famosa: . Ele recorda a emoção de descobrir que a energia e a massa são intercambiáveis, um pensamento que lhe chegou como um relâmpago numa tempestade tranquila. "O tempo", ele sussurra, "é a chave de tudo." Mas, no fundo, sempre soube que o tempo era um paradoxo – o fio invisível que unia todas as coisas, mas que, ao mesmo tempo, desafiava qualquer tentativa de o capturar.

Enquanto reflecte sobre isso, surge a lembrança de Mileva. Ele vê-se sentado com ela numa varanda em Zurique, num fim de tarde dourado. Plank, o gato, enrola-se aos seus pés, indiferente às complexidades do universo. "Albert, achas que

algum dia conseguirás explicar tudo isto?" pergunta Mileva, com um sorriso tão luminoso quanto o sol que se põe. Einstein olha para ela, e por um momento, a ciência perde a primazia. "Explicar, talvez. Compreender, nunca completamente. Mas tu, Mileva... tu dás sentido ao que não tem explicação." Plank mia, como se aprovasse a profundidade romântica daquele momento. A cena dissolve-se e dá lugar a um palco mais sombrio.

Einstein vê a carta que escreveu a Roosevelt, as palavras marcadas por um peso que ele nunca quis carregar. "Uma invenção fora do tempo", pensa, enquanto relembra o tom grave com que alertou sobre o potencial destrutivo da energia nuclear. Na penumbra da memória, ele sente a sombra do pesar a envolver-lhe o coração. Plank reaparece, saltando para o seu colo. "Sabes, Albert," diz o gato numa voz calma e quase filosófica, "a ciência é como uma bola de lã. Tu desenrolas para entender, mas nunca sabes onde o fio vai acabar." Einstein sorri perante a sabedoria inesperada do seu companheiro felino. "Plank, talvez seja isso mesmo.

Mas quando o fio nos leva à destruição, como podemos chamar-lhe progresso?" O gato pisca lentamente, como se quisesse dizer que nem todas as respostas podem ser encontradas.

Finalmente, Einstein vê-se no presente. Ele está ali, deitado, frágil mas sereno. O seu corpo já não responde, mas a sua mente brilha uma última vez. Mileva surge de novo, não como memória, mas como uma sensação intangível – o amor que transcende o tempo. Plank, agora no presente, enrosca-se ao seu lado, emitindo um ronronar que

parece alinhar-se com o próprio ritmo do universo. "O tempo", pensa Einstein, "não é uma linha nem um círculo. É um mosaico de momentos, cada um único e infinito, interligados por fios invisíveis de significado. É aquilo que dá forma ao que somos." E então, tudo se apaga. O instante infinito de Einstein termina.

Mas a sua vida, os seus pensamentos, as suas teorias – esses permanecem, gravados para sempre no tecido do tempo que ele ajudou a revelar. Como um eco eterno, Einstein vive no intervalo entre as estrelas, nos murmúrios de cada equação e na inquietação de cada mente curiosa que, como ele, ousa perguntar: "O que é o tempo?"

02:00

Quando o Tempo Faz Psicanálise com O Gato de Schrödinger

Dentro da caixa escura, o Gato de Schrödinger encontra-se numa posição verdadeiramente desconfortável. "Vivo ou morto, quem imaginaria que a eternidade seria tão claustrofóbica?", pensa o gato, sentindo o ar imóvel ao seu redor. Mas, como gato que desafia as regras da física clássica, ele não se contenta em ficar quieto. "Vivo ou morto, eu sou um gato pensador," murmura, enquanto ajusta as suas vibrissas imaginárias. Na sua versão viva, o Gato de Schrödinger começa a reflectir sobre o tempo. "Se o tempo não existisse, eu não poderia estar aqui, a abanar a cauda ou a sentir o tique-taque imaginário da caixa." Ele olha para o vazio.

"Como é possível que um conceito tão intangível como o tempo seja o que separa o meu estado vivo do estado morto?" O Gato vivo suspira e, num tom irónico, diz: "Talvez o tempo seja apenas o humano a tentar justificar a bagunça do universo. Para mim, é apenas a distância entre a minha próxima refeição e agora." No mesmo instante, na parte "morta" da caixa, o fantasma do Gato de Schrödinger aparece, mas com um ar igualmente pensativo. "Ah, vivo ou morto, o tempo é igualmente frustrante," diz o

fantasma do gato, ajustando o seu ectoplasma. "Quando estás morto, percebes que o tempo deixa de ser uma linha e se torna... como dizer... um tapete enrolado.

As memórias estão todas ali, mas não tens corpo para as organizar. É como se a fórmula de Dirac tentasse explicar a vida e a morte numa única equação, mas esquecesse que, para nós, o tempo é o verdadeiro operador." O Gato vivo ouve este murmúrio espectral e decide que, já que estão na mesma caixa, podem ter uma conversa. "Olá, minha versão ectoplásmica! Como é que o tempo funciona no teu lado da equação?" pergunta, com um sorriso felino. O Gato morto responde com um tom filosófico: "Oh, no meu lado, o tempo é uma ilusão. Eu vejo tudo ao mesmo tempo – o momento em que caí da árvore, o momento em que roubei um pedaço de frango da mesa, e até este momento em que tu e eu falamos.

É um caos ordenado, como Nietzsche descreveu: 'O tempo é a maior ilusão dos mortais, mas também a mais necessária.'" "Interessante," responde o Gato vivo, inclinando a cabeça. "Eu também revivo essas memórias, mas como histórias. Quando as relembro, tenho a sensação de que o tempo flui. Isso não prova que o tempo existe? Se o tempo não existisse, como eu poderia sentir que o passado e o presente são diferentes?" O Gato morto ronrona (ou faz o equivalente fantasmagórico de ronronar). "Boa pergunta. Talvez o tempo seja apenas a tua forma de racionalizar a experiência de estar vivo. Para mim, ele já não importa. Sou apenas um gato fantasma a apreciar o que passou.

Talvez o tempo seja como uma equação incompleta – algo que nunca conseguimos resolver enquanto estamos vivos."

"Então o tempo existe para quem está vivo, mas não para quem está morto?" pergunta o Gato vivo, com os olhos brilhando de curiosidade. O Gato morto dá de ombros (se é que um fantasma pode dar de ombros). "Talvez o tempo só exista enquanto temos um coração a bater, algo que marque os segundos. Quando isso pára, o tempo deixa de ser um rio e se transforma num lago – calmo, mas cheio de reflexos. Esses reflexos, no entanto, podem enganar. Quando olho para o passado, vejo tudo ao mesmo tempo, como se as minhas memórias fossem capturadas numa esfera perfeita de cristal." O Gato vivo reflecte por um momento, observando a escuridão em redor.

"Sabes," começa ele, "talvez o tempo seja como uma corda vibrante numa dimensão superior, algo que só conseguimos perceber de forma fragmentada. Talvez seja por isso que os humanos têm tantas teorias sobre ele." Ele faz uma pausa e cita: "Como disse Augustine, 'O que é o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; mas se quiser explicar, já não sei.'" "Ah, sim," responde o Gato morto, piscando os olhos fantasmagóricos. "E talvez Dirac tivesse razão ao dizer que as equações mais belas são aquelas que revelam o universo sem precisar de o descrever completamente.

Talvez o tempo seja assim: algo belo e incompleto, uma dança que nunca termina." E assim, na escuridão da caixa, o Gato de Schrödinger – vivo e morto – continua a debater o tempo, tecendo as

suas reflexões entre memórias, filosofia e física. Eventualmente, a tampa da caixa abre-se, e o paradoxo desaparece. O gato, agora unificado, salta para fora, sacudindo o pó da incerteza. Ainda tem muitas perguntas, mas aprende que, no jogo do tempo, talvez nunca hajam respostas definitivas. E, afinal, não é isso que o torna tão fascinante?

Freud, ao observar o dilema do Gato de Schrödinger, provavelmente ajustaria os óculos e diria: “Ah, aqui temos um caso clássico de angústia existencial felina.” A cena da caixa não é apenas uma experiência quântica; é um verdadeiro divã psicanalítico onde o tempo, a vida e a morte estão em constante disputa. A caixa onde o Gato se encontra é o lugar perfeito para Freud começar a sua análise. “É claro que a caixa representa o inconsciente!” diria ele, enquanto segurava o charuto (que às vezes é só um charuto). Dentro dela, o Gato vivo e o Gato morto são dois aspectos do id e do ego, a brigarem como dois gatos por uma tigela de leite imaginária.

O Gato vivo, ansioso, sente o tic-tac inexistente e reflecte sobre o fluxo do tempo. Ele está preso ao princípio da realidade: o tempo é uma linha, com um início (hora de comer) e um fim (hora de dormir). O Gato morto, por outro lado, relaxa no princípio do prazer. “Para que serve o tempo se não há mais frango na mesa nem ratos para perseguir?” pergunta o fantasma do gato. Para ele, o tempo é como uma bola de lã que já foi desenrolada: existe, mas está num canto da memória.

Freud teria ficado encantado com o diálogo entre os dois estados do Gato. Quando o Gato vivo diz: “Se o

tempo não existisse, como eu poderia sentir que o passado e o presente são diferentes?", ele expressa o dilema humano por excelência: a tentativa de agarrar o tempo, mesmo sabendo que ele escorrega por entre os dedos. O Gato morto, no entanto, responde com uma serenidade que só um fantasma poderia ter: "Talvez o tempo seja apenas a tua forma de racionalizar a experiência de estar vivo. Para mim, ele já não importa." Freud sorriria com esta resposta, vendo nela uma aceitação do Thanatos (instinto de morte).

Para o Gato morto, o tempo deixou de ser um rio e tornou-se um lago tranquilo, onde as memórias flutuam como patos metafóricos. Freud não perderia a oportunidade de introduzir as suas ideias sobre o tempo e o inconsciente. Ele provavelmente sugeriria que o Gato vivo está preso à ansiedade do tempo: a sensação de que o relógio está sempre a andar, a empurrar-nos para algo (um futuro que, spoiler, inclui comida ou a ausência dela). Já o Gato morto, ao ver todas as suas memórias de forma simultânea, vive o eterno presente do inconsciente. Ele é, como Freud diria, um gato que transcendeu a linearidade do tempo para abraçar a atemporalidade do desejo.

É por isso que ele pode ver ao mesmo tempo o momento em que caiu da árvore e o momento em que, vivo, discutia filosofia com o Gato vivo. Tudo é agora, e agora é tudo. No final, Freud certamente concluiria que o paradoxo do Gato de Schrödinger não é apenas sobre física quântica, mas sobre a forma como percebemos o tempo e a existência. "O Gato vivo tenta controlar o tempo. O Gato morto

ri-se disso. E é neste paradoxo que reside a essência da psique.” E, com um sorriso irónico, Freud talvez sugerisse que o Gato de Schrödinger não precisa de se preocupar tanto.

“No fim, todos acabamos como bolas de lã – um pouco desfiados, mas ainda parte do grande tapete do universo.” Porque, como o próprio Freud diria: “O tempo é um conceito tão elusivo quanto um rato num corredor. É por isso que é tão divertido tentar compreendê-lo.”

03:00

O Sorriso Fora do Tempo

Leonardo da Vinci estava absorto, como sempre, na sua incessante busca pela perfeição. Diante dele, a Mona Lisa, ou Lisa del Giocondo, mantinha uma expressão de paciência infinita, os olhos ligeiramente semicerrados, como quem observa um génio em acção. O estúdio estava mergulhado em silêncio, interrompido apenas pelo som do pincel que deslizava sobre a tela. Para Leonardo, cada pincelada era uma dança entre luz e sombra, mas naquele momento, era mais do que isso. Era uma tentativa de capturar algo que desafiava todas as regras da pintura: o tempo.

“Sabes, Lisa,” disse Leonardo, sem levantar os olhos da tela, “o tempo, em pintura, não existe.” Lisa inclinou ligeiramente a cabeça, o que fez com que um fio de cabelo escapasse do véu que lhe cobria os ombros. “Oh, Leonardo,” respondeu ela com um tom entre o riso e o desafio, “se o tempo não existe, então como pensas terminar este quadro? Porque, pelo que vejo, já levaste tempo suficiente para pintar metade do meu rosto.” Leonardo levantou o olhar, o pincel suspenso no ar como uma espada pronta para desferir o golpe final. “Lisa, o que capturo aqui não é o tempo. É a eternidade. O teu sorriso, o teu olhar... Não estão presos a nenhum momento específico.

São, como direi... universais.” Lisa sorriu, um sorriso que ele reconheceu imediatamente como o sorriso. “Ah, então é por isso que dizes que o tempo não existe. Não tens tempo para me enamorar, porque estás ocupado a pintar esta tal eternidade. O que é mais importante para ti, Leonardo? O meu sorriso ou a tua tela?” Ele hesitou, algo que raramente fazia. “Por um instante,” confessou, “acho que não sei. Talvez sejam a mesma coisa.” Lisa soltou uma pequena gargalhada. “Que poético para um homem tão preso aos seus cadernos de esquemas e máquinas voadoras.” Ela recostou-se ligeiramente, o que deu ao véu uma leve ondulação, como se até ele estivesse a participar na conversa. “Mas dizes que o tempo não existe.

Então, o que fazes com o tempo que levas para me pintar? Não conta?” Debaixo da mesa onde Leonardo apoiava os pincéis, dois pequenos olhos brilhavam. Eram de Alfredo e Tito, dois ratinhos de pelo castanho-claro e caudas finas que se moviam como fios de seda ao menor som. Estavam imóveis, espreitando para o pedaço de queijo que descansava ao lado de uma chávena de chá fumegante. Leonardo tinha preparado aquele pequeno lanche para Lisa antes de começar a pintar, mas ela, distraída com a conversa, deixara um pedaço intacto.

“Quanto tempo achas que nos vai levar até lá?” sussurrou Alfredo, cujos bigodes tremiam de antecipação. “Se formos rápidos, ele não nos vê.” “Não é só o tempo, Alfredo,” respondeu Tito, com um tom de quem estudava o universo. “É o ângulo. Se subirmos pela perna da cadeira e saltarmos

direto para a mesa, reduzimos a distância. Mas, claro, isso depende do movimento daquele pincel gigante." Tito lançou um olhar apreensivo para o braço de Leonardo, que se movia em círculos calculados. "És sempre tão teórico," reclamou Alfredo. "O queijo não espera!

Cada segundo que passamos a planear é um segundo que podia estar no meu estômago!" "Alfredo," disse Tito, com um tom que misturava paciência e reprovação, "o tempo não é apenas uma questão de rapidez. É uma questão de oportunidade. Se corrermos sem pensar, arriscamo-nos a ser vistos. E, francamente, aquele homem parece alguém que já estudou a anatomia de ratos. Prefiro não arriscar." Enquanto isso, acima da mesa, Leonardo inclinava-se ligeiramente para observar melhor o sorriso de Lisa. "É curioso," disse ele, "como um instante pode durar para sempre.

Como se o tempo se dobrasse sobre si mesmo apenas para capturar este momento." "Parece-me uma forma poética de dizer que estás a demorar demasiado," respondeu Lisa, sorrindo. Debaixo da mesa, Alfredo bufou. "Se ele não acredita no tempo, então não vai reparar se demorarmos um segundo ou dez." "Talvez," admitiu Tito, "mas é precisamente por isso que precisamos de agir com precisão. Sabes o que dizia o filósofo Zenão? Que o movimento é uma ilusão. Talvez nem precisemos de correr. Basta imaginar que já chegámos ao queijo." Alfredo revirou os olhos. "Imagina o que quiseres, mas eu vou buscar aquele queijo.

Se o tempo não existe para ele, também não existe para mim." E, com um salto audacioso, Alfredo

começou a escalar a perna da cadeira, enquanto Tito o seguia, resmungando algo sobre a importância de cálculos precisos. Acima, Leonardo e Lisa continuavam a conversar sobre o tempo e a eternidade, alheios à pequena aventura que se desenrolava aos seus pés. Leonardo baixou o pincel, pensativo. “O tempo que levo para te pintar, Lisa, é uma prova de que o tempo existe. Mas, na verdade, quando olho para ti, sinto que ele para. O tempo é um paradoxo, sabes? Existe e não existe.

É o que me permite capturar o instante em que sorriste desse jeito, mas também é o que desaparece quando olho para ti.” “Então, és um pintor e um filósofo,” disse Lisa, com um brilho malicioso no olhar. “Mas diz-me, Leonardo, se o tempo não existe, como é que vais saber quando terminar este quadro?” Leonardo riu, um som raro que ecoou pelo estúdio. “Ah, Lisa, o quadro termina quando o teu sorriso for tão perfeito que engane até o tempo.” Ele aproximou-se

ligeiramente, com um olhar mais suave. “Mas sabes? Talvez nunca termine. Talvez o teu sorriso seja algo que eu tenha de perseguir para sempre.” “Então, se nunca terminares, terei de voltar todos os dias para o estúdio?” perguntou Lisa, arqueando uma sobrancelha. “Não me parece muito prático, Leonardo. E, além disso, se queres que eu sorria, tens de me dar algo mais do que palavras bonitas.” “E o que te daria, Lisa, que pudesse estar à altura do teu sorriso?” perguntou ele, meio divertido, meio sério. Ela inclinou-se para ele, o suficiente para que o som do seu véu a roçar a cadeira quebrasse o silêncio. “Talvez o teu tempo, Leonardo.

Porque, afinal, mesmo que o tempo não exista na tua pintura, ele existe entre nós. E é isso que faz o teu pincel mover-se, não é?" Leonardo ficou em silêncio, segurando o pincel como se fosse a chave para um enigma que nunca resolveria. Ele sabia que ela tinha razão. Era o tempo, aquele que dizia não existir, que o impulsionava, que lhe dava a urgência de capturar o que, no fundo, era efémero. O sorriso dela. E então, naquele momento, Lisa sorriu. Não foi um sorriso amplo, nem pequeno. Foi aquele sorriso. Leonardo soube que o tinha encontrado. O instante em que o tempo e a eternidade se encontravam. Aquele momento tornou-se eterno, preso para sempre na tela.

Enquanto isso, debaixo da mesa, Alfredo e Tito, os dois ratinhos, observavam a cena com os seus olhos atentos. Alfredo abanou a cauda com impaciência. "Vês, Tito? É como eu te disse. O tempo existe, porque aquele homem levou tempo a descobrir o que já estava bem na frente dele. Nós, ratos, sabemos estas coisas de forma muito mais eficiente." Tito, sempre o filósofo, ronronou uma pequena gargalhada. "Ah, Alfredo, mas não percebes? O tempo não está apenas na descoberta do sorriso. Está no queijo que ainda não comemos. Está na espera, no plano, na antecipação. O tempo não é algo que possas simplesmente agarrar, mas é o que faz tudo acontecer." Alfredo revirou os olhos. "Muito bonito, Tito.

Mas enquanto tu filosofas, eu vou buscar aquele queijo." Ele saltou para a mesa, rápido como uma sombra, e num instante o pedaço de queijo desapareceu entre as suas patas. Leonardo olhou de

relance para a mesa e viu o movimento, mas não fez nada. “Vês, Lisa? Até os ratos sabem quando é o momento certo.” Ele riu, e Lisa acompanhou-o, o som das suas gargalhadas ecoando pelo estúdio. E assim, entre pinceladas, sorrisos e pequenos furtos de queijo, o tempo continuava a existir – ou talvez não. Para Leonardo, Lisa e até para Alfredo e Tito, o que importava era que, naquele instante, tudo parecia perfeito. E talvez isso fosse mais importante do que qualquer teoria sobre o tempo.

04:00

O Último Peido do Führer: Uma Reflexão Gasosa sobre o Tempo

No coração do bunker, a tensão era palpável, mas não pela iminência do fim da guerra. Hitler, sentado num canto, com as pernas dobradas e o rosto contorcido de dor, segurava o estômago como se quisesse arrancar de dentro de si o motivo da sua agonia. “Daria tudo por um bom peido,” gemeu ele, apertando os dentes. “Tudo! Até o meu império! O que é uma Europa inteira comparada com o alívio destas malditas cólicas?” Eva Braun, de pé ao seu lado, abanava um lenço perfumado com gestos delicados. “Mein Liben Hitlerzinho,” murmurou, inclinando-se para ele, “o que posso fazer para te ajudar? Queres que te faça umas massagens no estômago?

Ou talvez um chá de camomila?” Ele acenou negativamente com a cabeça, com uma expressão que parecia oscilar entre a fúria e a resignação. “Eva, a camomila não vai resolver! O que preciso é de expulsar este... este gás do inferno que está preso dentro de mim! Daria tudo para poder soltar um bom peido! Até o tempo, se pudesse!” Do outro lado da sala, a cineasta Leni Riefenstahl preparava a sua câmara. “Mein Führer,” começou ela, ajustando o foco, “se me permites, este é um

momento histórico. Posso sugerir que te coloques de cócoras, com o traseiro ligeiramente elevado?

Isso criará uma composição mais simbólica, como a do herói lutando contra forças invisíveis." "De cócoras?!?!" Hitler olhou para ela com indignação. "Achas que sou um rato a roer queijo?!" Ele contorceu-se novamente, apertando o abdómen. "Ah, mas daria tudo... tudo... até a ideia de mil anos do Reich... por um simples peido!" Eva ajoelhou-se ao lado dele, colocando uma mão delicada no seu braço. "Querido, por que não tentas relaxar? Dizem que respirar profundamente ajuda. Fecha os olhos, imagina que estás no topo de uma montanha..." "Eu estou no fundo de um bunker, Eva!" gritou ele, a sua voz ecoando pelas paredes. "E a única coisa que imagino é a saída deste maldito gás! O que dirão os livros de história?

Que o grande Adolf Hitler foi vencido por uma cólica intestinal!" Leni, agora empoleirada numa cadeira para ajustar o ângulo da filmagem, interveio: "Mein Führer, a tua luta não é apenas contra os Aliados, mas contra o próprio tempo. Como Einstein disse: 'O tempo é relativo.' Talvez o teu sofrimento seja apenas uma manifestação do espaço-tempo curvando-se sobre si mesmo no teu abdómen. Uma metáfora, se quiseres." Hitler olhou para ela como se tivesse perdido completamente o juízo. "Einstein? Uma metáfora? Eu preciso de física prática, Leni! Onde está Heisenberg quando preciso de um cálculo quântico que me liberte deste tormento?!"

Eva tentou novamente. "Se queres algo prático, querido, posso trazer uma almofada e colocas-te de

lado. Dizem que ajuda a expulsar os gases." Leni sorriu, ajustando a câmara. "Sim, sim, a almofada é uma ideia brilhante! E, se possível, inclina a cabeça ligeiramente para a direita, Mein Führer. Quero captar a expressão do teu rosto quando o alívio finalmente chegar." Hitler gemeu alto, contorcendo-se como um peixe fora de água. "Chega! Não quero filmagens, nem almofadas! Quero apenas... Ahhh, este gás é pior do que Stalingrado!" Ele respirou fundo, mas rapidamente voltou a contorcer-se. "Eva, vai buscar algo. Qualquer coisa!

Um livro sobre física, talvez isso distraia o meu cérebro deste inferno." Eva levantou-se rapidamente, procurando nas prateleiras empoeiradas do bunker. "Aqui está," disse ela, segurando um volume de Niels Bohr. "Ele fala sobre a mecânica quântica. Talvez isso te ajude." "Bohr?!" Hitler bufou. "Bohr pode explicar porque é que o universo é um paradoxo, mas não pode ajudar o meu intestino!" Leni, com o entusiasmo de uma artista inspirada, interveio novamente. "Mein Führer, talvez a resposta esteja na teoria das cordas. Se pensarmos no tempo como uma corda, talvez as tuas dores sejam apenas uma vibração mal sintonizada.

Precisas de ressoar na frequência certa para libertar o gás." Eva lançou um olhar desconfiado a Leni. "Tu queres ajudar ou ganhar um prémio com este filme absurdo?" Leni deu de ombros. "Por que não ambos? Afinal, a arte é eterna, assim como o tempo – e, aparentemente, o gás do Führer." Hitler, com uma última explosão de indignação, apontou

para Leni. “Apaga essa câmara agora mesmo! Não quero que o mundo veja isto! A minha dor... o meu sofrimento... são privados!” Mas, enquanto gritava, um som inesperado ecoou pelo bunker. Um longo, grave e libertador “pfffftttt” encheu o espaço. O silêncio que se seguiu foi quase religioso. “Ahhh...” murmurou Hitler, o alívio evidente no seu rosto.

“Finalmente... o meu grande triunfo.” Eva bateu palmas, emocionada. “Bravo, meu querido! Disseste que não havia tempo, mas olha só! Conseguimos!” Leni ajustou a câmara com um sorriso satisfeito. “Mein Führer, este foi, sem dúvida, o momento mais humano da tua vida. Talvez o único que valha a pena ser lembrado.” Enquanto Hitler tentava recobrar a dignidade, sentando-se novamente com um suspiro de alívio, um novo espasmo atravessou o seu corpo. Ele parou, os olhos arregalados, e agarrou-se ao estômago com uma expressão que oscilava entre o horror e a inevitabilidade. “Não... Não pode ser... outra vez!” gemeu, já suando novamente.

Eva, ao seu lado, inclinou-se para ele com uma preocupação quase maternal. “Meu querido, queres que eu vá buscar mais chá? Talvez com erva-cidreira desta vez? Dizem que é excelente para acalmar os nervos... e, bem, o que mais precisar de acalmar.” Hitler abanou a cabeça freneticamente. “Não preciso de chá, Eva! Preciso que o universo, a física, ou até aquele maldito Einstein façam alguma coisa! Isto... isto é uma conspiração quântica contra mim!” Leni, sempre com a câmara pronta, focou-se em capturar o momento com uma precisão quase artística. “Mein Führer,” disse ela, ajustando o

enquadramento, “se me permites, este é o clímax perfeito. O grande homem contra as forças invisíveis do tempo e da biologia.

Talvez até escrevam livros sobre isto. ‘A Última Batalha de Hitler’... Tem um certo apelo, não achas?” “Cala-te, Leni!” gritou Hitler, contorcendo-se novamente. “A última batalha! Isto não é uma batalha, é uma tortura! Eva, faz qualquer coisa! Traz... traz as minhas fraldas!” Eva tentou esconder um sorriso enquanto se levantava rapidamente. “Claro, meu querido, já volto.” Nesse momento, um som gutural e prolongado encheu o bunker, seguido por um silêncio de cortar a respiração. Todos os olhares se fixaram em Hitler, que permanecia imóvel, os olhos fechados, como se estivesse a avaliar a dimensão do desastre. “Foi isso...” murmurou ele finalmente, com a voz embargada.

“Foi... mas...” Eva regressou com as fraldas nas mãos e parou à porta, olhando para ele com uma mistura de alívio e confusão. “Querido, foi tudo? Já estás bem?” Hitler abriu os olhos lentamente, mas antes que pudesse responder, uma mancha evidente começou a formar-se no uniforme impecável. Eva levou as mãos à boca, enquanto Leni, incapaz de conter-se, aproximou-se com a câmara. “Mein Führer, isto é... É pura arte! O grande líder, reduzido à sua humanidade mais básica. É simbólico, sabes? Como disse Heisenberg, ‘A incerteza está no coração de tudo.’ E tu provaste isso agora.” “Leni!” rosnou Hitler, enquanto tentava cobrir-se com o casaco. “Desliga essa maldita câmara!

Não quero que isto... que isto seja imortalizado!" Eva aproximou-se, ignorando os protestos. "Meu querido, não te preocupes. Estas coisas acontecem. Sabes, os bebés também têm acidentes, e eu sempre achei que tinhas um lado adoravelmente infantil. Agora deixa-me limpar-te." Ela segurou a fralda com delicadeza e inclinou-se para ele, como uma enfermeira dedicada. "Não toques em mim, Eva!" gritou Hitler, vermelho de vergonha. "Isto... isto é uma humilhação! Leni, se esta gravação sair do bunker, mando-te para o front!" Leni, no entanto, não recuou. Com um sorriso tranquilo, continuou a filmar. "Mein Führer, este momento é maior do que todos nós. Como disse Einstein, 'A distinção

entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão.' Este momento transcende o tempo e, de certa forma, a tua liderança. É um legado." Hitler olhou para ela, incrédulo, enquanto Eva terminava de colocar a fralda limpa. "Legado?! Isto é o meu legado?! Eu... o grande Führer... reduzido a isto?!" Eva sorriu docemente e acariciou-lhe o ombro. "Querido, o tempo cura tudo. Até fraldas sujas." E assim, entre cólicas, discussões sobre o tempo e a imortalidade da arte, o bunker testemunhou um momento que, de alguma forma, uniu ciência, sofrimento e humor – um evento que, como tudo o que envolve o tempo, jamais seria esquecido, pelo menos por quem o viveu.

05:00

Rossini e o Enigma da Abertura Inacabada: Uma Ópera, um Encontro e um Quarteto de Cordas

Gioachino Rossini estava sentado numa cadeira desconfortável numa sala apertada e mal iluminada, dentro do teatro onde, em poucas horas, estrearia a sua nova ópera, La Gazza Ladra. A confusão e o burburinho nos bastidores eram audíveis, mas, dentro daquele espaço quase claustrofóbico, Rossini enfrentava um dilema monumental: ainda não tinha escrito a abertura. “Ah, o tempo,” suspirou ele, ajustando a gravata. “Sempre a fugir quando mais preciso dele. Por que não posso simplesmente prender o tempo numa pauta, como prendo as notas?” Ele tamborilou os dedos na mesa, o olhar perdido num ponto imaginário. “Lembro-me de Beethoven,” murmurou.

“Aquele velho carrancudo, mas com uma mente tão brilhante quanto incompreensível. Que ironia. Ele, que parecia desprezar a leveza da ópera italiana, mostrou-me os seus esboços. Sim, foi naquele encontro em Viena... ou foi em Praga? Não importa. O que importa é o segundo andamento do penúltimo quarteto. O que ele dizia mesmo? Algo sobre

harmonia ser o reflexo do tempo em espiral...” Rossini ergueu-se de repente, como se uma corrente eléctrica o tivesse atravessado. “Isso é! O andamento lento, aquele tema melódico... Será que consigo adaptá-lo para a minha abertura? Claro que Beethoven não ficaria muito satisfeito se soubesse disso, mas, bem, ele também se inspirou em todos nós.

Chamemos a isto... partilha cultural.” Sentou-se novamente, o olhar fixo na partitura em branco à sua frente. “Agora, como era mesmo? Tum, tum, ti-tu-tu... Não, isso é demasiado militar. Talvez algo mais... leve. Sim, leve, mas com uma tensão latente. Afinal, é uma ópera sobre uma ladra, e o público precisa de sentir o drama desde a primeira nota.” Rossini apoiou a cabeça nas mãos. “Beethoven deve estar a rir-se de mim do além. Ele, tão meticuloso, tão cheio de certezas, e eu aqui, a tentar lembrar-me de algo que vi apenas por instantes. E pensar que ele me chamou de ‘pequeno italiano leviano’!

Pois bem, grande alemão, o teu pequeno italiano vai roubar-te mais do que uma melodia hoje.” Um sorriso escapou-lhe, apesar da pressão. “Ah, mas como não roubar de Beethoven? Ele tem tanto que nunca chega ao fim, tantas ideias empilhadas, tão... tão densas! Enquanto eu, ah, eu sou o mestre da síntese. Onde ele escreve cinquenta compassos, eu escrevo cinco e ainda acrescento uma boa dose de humor.” Lá fora, ouviam-se passos apressados e vozes a chamarem pelo maestro. Rossini ignorou, imerso nos seus pensamentos. “E se começar com os metais? Sim, metais fortes, como um chamado.

Depois, cordas rápidas, como um murmúrio de

intriga. Ah, e o ritmo... claro, o ritmo será a chave. Talvez um crescendo dramático, algo que faça o público esquecer que já esperou horas pela cortina." De repente, parou e riu. "Beethoven diria que isto é uma heresia. 'Rossini, a música não é para entreter, é para elevar!' Pois bem, meu caro Ludwig, hoje a minha música vai fazer as duas coisas. E quem sabe, talvez até te elevasse, se estivesses cá para ouvi-la." Com uma nova energia, Rossini começou a rabiscar na partitura. As notas surgiam numa torrente, cada uma ecoando o encontro fugaz com Beethoven, cada uma carregando um pedaço daquele andamento que ele mal conseguia recordar, mas que, de alguma forma, sabia que estava certo.

"Ah, a abertura de La Gazza Ladra," murmurou, enquanto as ideias tomavam forma. "Um pouco de Beethoven, um pouco de Rossini, e uma boa dose de pressa. Afinal, o tempo pode ser um tirano, mas, às vezes, também é o nosso melhor aliado." Lá fora, alguém bateu à porta. "Maestro Rossini! Faltam duas horas para a estreia!" Ele olhou para a porta com uma expressão exasperada. "Duas horas? É mais do que suficiente. Podia compor uma sinfonia nesse tempo, se quisesse." Mas, enquanto as vozes lá fora se afastavam, Rossini voltou à sua partitura, determinado a transformar a inspiração daquele momento num dos momentos mais memoráveis da história da ópera.

Porque, afinal, como Beethoven lhe ensinara, o tempo não é apenas o que temos. É o que fazemos com ele. A tensão no teatro atingia níveis

insuportáveis. Nos bastidores, os cantores ajustavam figurinos e afinavam vozes, enquanto a orquestra afinava instrumentos com um nervosismo palpável. A estreia de La Gazza Ladra aproximava-se, e, dentro de uma pequena sala no fundo do teatro, Rossini estava prestes a fazer história... ou a escândalo. Sentado à mesa com a partitura aberta, Rossini tinha a testa coberta de suor, mas o sorriso travesso de um homem que acabara de encontrar a solução perfeita para o seu dilema. Com o lápis na mão, começou a rabiscar furiosamente.

“Tum, tum, ti-tu-tu-tu!” cantarolava, enquanto marcava os compassos com o pé. “Ah, Beethoven, meu velho amigo, hoje vou roubar-te sem remorsos. Afinal, quem vai notar? Só precisam de algo que prenda o público nos primeiros minutos, e depois a história faz o resto.” O som de passos apressados ecoava do lado de fora. Alguém bateu à porta com urgência. “Maestro Rossini! Precisamos da abertura! A estreia é em meia hora!” Rossini ergueu a cabeça, irritado com a interrupção. “Já vai, já vai! A arte não se apressa!” Resmungou baixinho: “Bem, às vezes apressa-se, mas não precisam de saber disso.”

Com um movimento dramático, arrancou a primeira folha da partitura e dirigiu-se à pequena janela da sala, onde um jovem copista aguardava ansiosamente. “Toma, meu rapaz! Escreve rápido, mas com cuidado. Estas notas são preciosas.” O copista pegou a folha como se segurasse um manuscrito sagrado. “Sim, Maestro! Já volto por mais!” Rossini voltou à mesa e mergulhou

novamente no trabalho. “Agora os metais... fortes, majestosos. Um chamado à atenção! Sim, algo como... tum-da-da-dum! Ah, Beethoven, se pudesses ver isto.

Provavelmente irias gritar comigo, mas, bem, estou a usar a tua genialidade para salvar a minha pele.” Enquanto rabiscava freneticamente, a porta abriu-se com estrondo, e o director do teatro entrou, pálido de ansiedade. “Rossini! Onde está a abertura?! Não podemos atrasar mais!” Rossini, sem levantar os olhos, apontou para a janela. “Vai saindo, folha por folha. Confia em mim, será um sucesso.” “Folha por folha?!” O director quase engasgou. “Estamos a estrear uma ópera, não a montar um jornal!” Rossini abanou a mão, dispensando o protesto. “Relaxa, homem. A genialidade não se mede pelo método, mas pelo resultado.

Agora, deixa-me trabalhar.” Com um suspiro resignado, o director saiu, enquanto Rossini arrancava mais uma folha e a entregava pela janela. “Aqui está o próximo movimento! Rápido, meu rapaz, que o tempo é curto, mas a inspiração é infinita.” O copista, agora suado e esbaforido, pegou a folha e desapareceu pelo corredor. Rossini voltou à mesa, cantarolando enquanto rabiscava as últimas notas. “Ah, a melodia vai voar como a gazza! Leve, mas cheia de energia. Beethoven, se me estás a ouvir, obrigado por deixares os teus esboços tão acessíveis.” Finalmente, com um gesto triunfante, escreveu a última nota e caiu para trás na cadeira, exausto mas satisfeito. “Está feito! Uma abertura digna de entrar para a história.

Agora, se me derem licença, vou beber um copo de vinho antes que alguém me peça para rever os sopranos.” Do lado de fora, o teatro fervilhava de atividade enquanto os músicos recebiam as folhas copiadas em tempo real. O maestro da orquestra, de olhos arregalados, analisava as partes e dava instruções. “Rápido, rápido! Esta abertura vai ser tocada com a energia de quem não teve tempo de ensaiar – e isso, senhores, é Rossini!” O público começava a encher a sala, e o murmúrio de expectativa aumentava. Rossini, observando de longe com o copo de vinho na mão, sorriu. “Ah, o tempo, esse tirano... Consegui vencê-lo mais uma vez. Agora só resta esperar pelos aplausos – ou pelos tomates.”

06:00

Os Últimos Pensamentos de Madame du Barry e o Relâmpago Final de Nicola Sacco

Era uma manhã cinzenta e pesada em Paris, e o murmúrio da multidão junto à Place de la Révolution crescia a cada momento. A guilhotina, a mais recente invenção da Revolução para igualar todos na morte, erguia-se sombria contra o horizonte. E ali, na fila para o inevitável, encontrava-se Madame du Barry, outrora a favorita de Louis XV, agora apenas mais uma entre tantos condenados. Enquanto esperava, a sua mente estava surpreendentemente calma, mas não isenta de reflexões. “Tempo,” pensava ela, sentindo a madeira fria do cadafalso debaixo das mãos. “Que coisa curiosa és tu.

Corres como um cavalo selvagem quando estou nos braços de um amante, mas arrastas-te como um carrasco hesitante quando te espero aqui.” Ao seu lado, um padre murmurava orações, mas Madame du Barry não prestava atenção. Os seus pensamentos estavam ocupados com o mecanismo metódico à sua frente. A guilhotina, com as suas lâminas afiadas e o seu design cruelmente eficiente,

parecia mais uma máquina de cozinha exagerada. “Dizem que é rápida,” murmurou para si mesma, ignorando os olhares curiosos. “Mas como é que sabem? Alguém voltou para contar? E se houver um instante entre o corte e o nada, em que sinto a falta da minha cabeça?

Talvez eu devesse ter perguntado isso ao doutor Guillotin quando ainda estava em Versailles...” Ela soltou um riso nervoso. “Ah, e pensar que um dia eu era o centro do tempo de tantos homens. O tempo deles, os sorrisos, os olhares... tudo para mim. E agora, aqui estou, com todo o tempo do mundo para reflectir e nenhum para viver.” A fila movia-se lentamente, e Madame du Barry observava os condenados antes dela. Alguns choravam, outros gritavam slogans revolucionários, mas ela permanecia serena, embora a sua mente fervilhasse. “Se esta é realmente a morte mais rápida, talvez devêssemos agradecer aos revolucionários por pelo menos esta pequena cortesia. Afinal, nada de torturas prolongadas ou cenas grotescas.

Apenas um corte limpo, dizem eles. Como uma pausa abrupta numa melodia. Uma nota final.” Quando chegou a sua vez, os guardas colocaram-na no centro do cadafalso. A multidão rugiu, mas Madame du Barry apenas ergueu o olhar para a lâmina suspensa. “Ah, lá estás, meu carrasco moderno. Tão eficiente, tão prático. Pergunto-me, será que me recordarão pelo meu estilo ou pelo meu grito final? E o que é um grito, afinal, senão o som de quem tenta agarrar-se ao tempo enquanto ele escapa?” Os carrascos ajustaram-na

cuidadosamente, e um deles, talvez por compaixão, sussurrou: “Vai ser rápido, madame.”

Ela virou ligeiramente a cabeça e respondeu com um sorriso irónico: “Rápido? Espero que sim. Tenho um jantar marcado no céu... ou no inferno. De qualquer forma, prefiro não chegar atrasada.” Com um último olhar para a multidão e um pensamento final — “O tempo, mesmo quando termina, é irresistivelmente fascinante” — Madame du Barry fechou os olhos. A lâmina desceu. E o tempo, para ela, parou. Mas não para a multidão. Naquele instante de silêncio, enquanto todos prendiam a respiração, a cena gravou-se na memória colectiva como uma prova de que, mesmo na rapidez implacável de uma guilhotina, o tempo pode parecer interminável.

Se Madame du Barry teve a sua vida encerrada pelo corte preciso da guilhotina, numa tentativa quase poética de tornar a morte uma questão de segundos, Nicola Sacco, séculos mais tarde, enfrentará o fim pela fria brutalidade da cadeira eléctrica. De um golpe mecânico para uma descarga eléctrica, o tempo, em ambos os casos, permanece o grande juiz: rápido, mas implacável, desafiando o entendimento humano da efemeridade e do momento final. Era uma sala fria e estéril, iluminada por uma luz crua que parecia expor até os pensamentos mais escondidos.

Nicola Sacco estava sentado na cadeira eléctrica, as correias apertadas nos pulsos e tornozelos, enquanto o murmúrio dos guardas e o zumbido quase imperceptível dos cabos criavam um pano de fundo desconcertante. O tempo, como sempre, era o

seu maior companheiro e o seu maior inimigo. “Então é assim que termina,” pensou ele, com um sorriso irónico no rosto. “Uma cadeira, uma corrente eléctrica e um bando de homens ansiosos para ver se vou gritar. Tão civilizado, tão moderno. Ah, o progresso.” Ele ajustou-se ligeiramente, ou pelo menos tentou. A madeira da cadeira era dura, e as correias impediam qualquer movimento significativo. “Tempo,” murmurou para si mesmo. “Sempre o tempo. Sempre a minha obsessão.

Quando fui condenado, disseram que tinha pouco tempo. Quando me sentaram aqui, disseram que era uma questão de segundos. Mas é curioso como esses segundos agora parecem uma eternidade.” Estava perdido nas memórias da sua vida. “Nasci no campo, onde o tempo era medido pelas colheitas e pelas estações. Cresci a pensar que o tempo era algo que podíamos controlar, como regar uma planta ou cortar a relva. Mas depois veio a cidade, e o tempo tornou-se um patrão cruel, sempre a correr, sempre a exigir mais.” Ele riu-se baixinho, ignorando o olhar confuso do guarda à sua frente. “E agora, aqui estou eu, a contemplar o tempo como um velho amigo que me traiu. Dizem que este processo é rápido, indolor.

Mas o que é o tempo, afinal? E se houver um

momento entre a primeira descarga e o fim, um instante em que percebo tudo mas não posso fazer nada? Talvez seja esse o verdadeiro inferno.” A sua mente voltou-se para a sua mulher e filhos. “Que tempo lhes resta sem mim? Que memórias terão? Talvez me lembrem como um homem que lutou pelo que acreditava, ou talvez apenas como uma

ausência. O tempo, para eles, vai continuar. Para mim, vai parar. Ou talvez não. Talvez esta cadeira seja apenas o início de outra coisa." O carrasco ajustou os cabos, e Sacco olhou para ele com uma curiosidade quase científica. "Dizem que a electricidade é instantânea. Uma fração de segundo, e pronto. Mas uma fração de segundo também pode ser uma eternidade, dependendo de quem a vive.

Einstein dizia que o tempo é relativo. Talvez ele estivesse certo. Talvez este momento se estique como um elástico antes de finalmente rebentar." Ao invés de um capelão, era um psicólogo quem se aproximava, segurando um bloco de notas. Ele ajustou os óculos e fez um gesto cordial para Sacco. "Nicola," disse o psicólogo com um tom calmo, "antes de continuarmos, gostava de perguntar: como te sentes em relação ao tempo neste momento?" Sacco ergueu uma sobrancelha, intrigado. "Como me sinto? Diria que o tempo é como um comediante ruim. Quando menos esperamos, faz uma piada sem graça e depois desaparece." Ele sorriu de lado. "Mas devo admitir que, agora, ele parece mais lento do que nunca.

O que acha disso, doutor?" O psicólogo anotou algo no bloco. "Interessante. Muitos relatam essa percepção de que o tempo abranda nos momentos finais. Pode ser o teu próprio mecanismo de defesa. Alguma vez pensaste que talvez o tempo não exista de facto? Que é apenas uma construção nossa para fazer sentido do caos?" Sacco inclinou a cabeça. "Ah, doutor, se o tempo é uma construção, então quem me pode devolver as horas que passei aqui

sentado? Ou as que gastei a lutar por algo em que acreditava? Não. O tempo é real. Talvez cruel, mas real." "E o que é o tempo para ti, Nicola?" insistiu o psicólogo, com um leve sorriso. Sacco riu-se, embora o som fosse mais um suspiro.

"O tempo é a diferença entre o que eu era e o que sou agora. Um jovem que acreditava que podia mudar o mundo e um homem que vai ser lembrado por morrer sentado nesta cadeira." Ele pausou, pensativo. "E talvez... talvez seja também aquilo que nunca conseguimos agarrar, não é? Algo que escapa pelos dedos, como a corrente eléctrica." Os guardas prenderam os eléctrodos na sua cabeça, e Sacco sentiu o metal frio contra a pele. Fechou os olhos por um momento, não por medo, mas por uma necessidade de introspeção. "Afinal, a electricidade também é tempo," murmurou. "Uma corrente que atravessa o espaço, que liga um ponto a outro. Sou apenas um elo nesta cadeia. O tempo, como a electricidade, não pode ser detido."

O psicólogo aproximou-se um pouco mais. "Nicola, se pudesses mudar alguma coisa neste momento, o que seria?" Ele abriu os olhos e olhou directamente para o psicólogo. "Talvez o menu do pequeno-almoço desta manhã. Podia ter sido melhor. Mas falando sério? Não mudava nada. Não me arrependo. O tempo que tive foi meu. Faria tudo de novo, mesmo sabendo que acabaria aqui." O carrasco ajustou a alavanca, e Sacco ergueu o olhar, com um último sorriso. "Então é isso. Adeus, tempo. Foi bom enquanto durou." A alavanca foi puxada. A corrente atravessou o seu corpo. E, por um instante — um instante que podia ser infinito —, Sacco

compreendeu tudo. A sala ficou em silêncio.

O zumbido da electricidade cessou, e o tempo, para Nicola Sacco, parou. Mas para aqueles que assistiam, o tempo continuava, carregado com o peso daquilo que tinham acabado de presenciar. E, de alguma forma, o legado de Sacco permaneceu, como uma corrente eléctrica que nunca se dissipa completamente, atravessando gerações e memórias.

07:00

O Último Segundo do Mundo: O Dia em Que a Terra Parou

Era uma manhã comum, há cerca de 66 milhões de anos, num planeta que ainda não sabia o que era o medo. O céu sobre a região que hoje chamamos de Península de Yucatán era de um azul profundo, salpicado por algumas nuvens suaves, como pinceladas feitas por mãos divinas. As florestas tropicais, densas e vibrantes, exalavam o aroma fresco de folhas e flores primordiais, enquanto os raios de sol penetravam pela folhagem, criando mosaicos de luz e sombra. Pequenos dinossauros, de penas coloridas e olhos atentos, moviam-se entre os troncos, cacarejando numa cacofonia quase alegre, alheios à iminente catástrofe.

Nas vastas planícies abertas, saurópodes colossais andavam lentamente, mastigando plantas com uma serenidade que apenas criaturas tão imensas poderiam exibir. Os seus passos ressoavam como trovões suaves, ecoando pela terra fértil. Ao longe, um predador veloz, talvez um tiranossauro, espreitava, esperando o momento certo para atacar um herbívoro desatento. Mas mesmo ele, rei da cadeia alimentar, não tinha como imaginar que a soberania dos dinossauros estava prestes a terminar. Nos oceanos quentes e pouco profundos,

criaturas pré-históricas deslizavam como dançarinas aquáticas. Mosassauros e plesiossauros moviam-se com graça assustadora, enquanto cardumes de peixes primitivos brilhavam sob a luz do sol.

A vida marinha estava em pleno apogeu, tão rica e diversificada quanto o mundo terrestre acima das ondas. Era um momento de prosperidade e equilíbrio que parecia eterno. A 150 milhões de quilómetros dali, uma rocha espacial de 10 quilómetros de diâmetro movia-se em direção à Terra com precisão implacável. Era uma relíquia da formação do sistema solar, composta de ferro, níquel e outras substâncias que testemunharam o nascimento das estrelas. Esta rocha, indiferente à sua jornada, tinha passado eons vagando pelo vazio cósmico, acumulando velocidade e propósito sem saber.

Com uma velocidade de 20 quilómetros por segundo, cortava o espaço como uma lâmina invisível, aproximando-se de um destino que mudaria para sempre a história do planeta. Quando a rocha entrou na atmosfera terrestre, o céu, antes azul e calmo, transformou-se num espectáculo apocalíptico. Primeiro, houve um brilho intenso, um clarão que fez o sol parecer tímido e apagado. A rocha, agora uma bola de fogo incandescente, rasgava os céus com um rugido ensurdecedor, criando ondas de choque que eram sentidas a milhares de quilómetros de distância antes mesmo de tocar o solo. O horizonte ficou tingido de laranja, vermelho e amarelo, cores de uma paleta que anunciavam destruição.

Criaturas em terra levantaram a cabeça, alarmadas pelo ruído e pela luz. Um pterossauro, planando tranquilamente, perdeu o equilíbrio e

começou a guinchar em pânico. Um grupo de pequenos dinossauros correu para se esconder entre as árvores, mas não havia refúgio suficiente para proteger ninguém do que estava prestes a acontecer. Quando o meteorito atingiu a região que hoje chamamos de Chicxulub, no México, o impacto foi mais devastador do que qualquer força natural que o planeta já tivesse conhecido. A energia liberada foi equivalente a 10 mil milhões de bombas atómicas como a de Hiroshima. A terra tremeu como se o próprio núcleo do planeta estivesse a protestar. Montanhas foram pulverizadas, rios evaporaram num instante, e o solo foi lançado ao ar como cinzas num vulcão colossal.

O primeiro segundo do impacto foi suficiente para vaporizar tudo num raio de centenas de quilómetros. Plantas, animais, até mesmo a própria terra, transformaram-se em cinzas e vapor. Num piscar de olhos, a paisagem mudou de vibrante para estéril, como se um artista colérico tivesse apagado uma tela repleta de detalhes com um golpe brusco. Um número inimaginável de seres vivos desapareceu em 10^{-6} segundos — tempo tão breve que nem sequer permitiu um último suspiro. Mas o verdadeiro horror veio nos segundos seguintes. O calor gerado pelo impacto era de tal magnitude que florestas a milhares de quilómetros pegaram fogo instantaneamente. Era como se um gigantesco sopro de dragão tivesse atravessado o planeta.

O verde das árvores tornou-se negro, os troncos desintegraram-se e o ar ficou impregnado de um cheiro acre de destruição. Rios e oceanos fervilharam, expelindo vapor que subiu aos céus em nuvens espessas de cinzas. O azul do céu desapareceu, substituído por uma escuridão que anunciava o fim de uma era. Uma onda de choque colossal percorreu o globo, atravessando continentes e oceanos com uma velocidade aterradora. As montanhas vibraram como cordas de um instrumento desafinado, e tsunamis gigantescos ergueram-se nos mares, engolindo costas inteiras com uma fúria que parecia imparável.

Esses muros de água levaram consigo ecossistemas inteiros, sepultando criaturas marinhas que haviam sobrevivido a milénios de evolução. O caos não poupou nada. Num espaço de minutos, três quartos das espécies vivas foram dizimadas. Os grandes dinossauros, que haviam reinado por mais de 150 milhões de anos, desapareceram em questão de horas. Um tiranossauro, com a sua majestade ameaçadora, ficou paralisado diante de uma muralha de fogo que se aproximava; o seu rugido final foi engolido pelo rugido maior da Terra em convulsão. Animais menores, como pequenos mamíferos e aves primitivas, tentavam desesperadamente encontrar refúgio em tocas ou buracos, enquanto a temperatura em redor os sufocava.

Mas não eram apenas os animais. As florestas, outrora pulmões do planeta, foram reduzidas a carvão em questão de minutos. O ar tornou-se irrespirável, carregado

de fuligem e enxofre. As plantas aquáticas, dependentes da luz solar para sobreviver, murcharam e morreram à medida que o sol desaparecia sob o espesso cobertor de poeira que agora envolvia o planeta. A chuva ácida, provocada pela evaporação de rochas ricas em enxofre, destruiu ecossistemas inteiros, enquanto criaturas abissais, tão longe da luz do dia, sucumbiram a alterações drásticas na temperatura e na composição química das águas. A temperatura da Terra tornou-se um paradoxo: primeiro, um calor insuportável que fazia as pedras derreterem; depois, um frio glacial. Com a luz do sol bloqueada, o planeta mergulhou num inverno nuclear que duraria meses, talvez anos.

E no entanto, para cada ser vivo que perecia, o tempo parecia desdobrar-se em camadas. Cada segundo era uma luta, um suspiro final prolongado numa eternidade de agonia. Nos seus últimos momentos, muitos animais lutaram desesperadamente. Um pterossauro, de asas enormes, planava num céu em chamas, procurando um refúgio que não existia. Um tricerátopo, protegido pela sua couraça natural, tentava em vão encontrar abrigo enquanto a terra tremia debaixo das suas patas. Mas a natureza foi implacável. Nenhuma defesa natural poderia competir com a força bruta do impacto. E, no entanto, foi o próprio tempo que salvou algumas formas de vida.

Pequenos mamíferos, escondidos em tocas, e criaturas marinhas, enterradas nas profundezas, resistiram. Foram estes sobreviventes que plantariam as sementes para o futuro. Em 103

segundos — aproximadamente 17 minutos —, o mundo como era tinha terminado. Mas a vida, embora reduzida ao mínimo, continuava a pulsar. Na vastidão do tempo geológico, este evento foi um instante. Um segundo na escala do universo, mas um segundo que moldou tudo o que viria a seguir. E assim, enquanto a poeira se assentava e o planeta começava, lentamente, a curarse, o tempo prosseguia, indiferente. O relógio do cosmos não parava, e a Terra, agora irreconhecível, estava pronta para começar de novo.

08:00

O Primeiro Relógio: Quando o Sol e a Lua nos Ensinaram o Tempo

Era uma noite clara na vasta savana africana, onde o fogo, ainda uma novidade, crepitava alegremente no centro de um pequeno grupo de humanos primitivos. A luz tremulante projetava sombras dançarinas nas rochas em redor, enquanto dois membros da tribo, conhecidos por grunhidos que soavam algo como Orr e Naha, conversavam. Bem, se se pode chamar conversa ao conjunto de sons, gestos e olhares carregados de intenção. Orr, o mais velho, apontou para o céu onde a lua cheia brilhava intensamente. "Grande bola branca volta sempre. Mas por quê?" disse, inclinando a cabeça de forma inquisitiva. Naha, mais jovem e com a mente cheia de curiosidade, franziu o cenho. "Bola branca vai e depois vem. Como sol.

Talvez esteja a contar... coisas." Orr coçou a barba espessa, intrigado. "Contar? O quê?" perguntou, olhando para as mãos de Naha que faziam movimentos repetitivos, como se imitassem a passagem das estrelas. "Dias!" exclamou Naha, com uma excitação que assustou um pequeno lagarto escondido entre as pedras. "Bola branca conta quando sol vai e volta. Bola amarela conta é o calor. Naha sabe que calor volta sempre depois de muitas

bolas brancas." Orr grunhiu, impressionado. "Naha, pensar muito. Mas por que contar?" Naha olhou fixamente para o fogo. "Se sabemos quando calor volta, sabemos quando comida cresce. Quando bolas brancas são muitas, sabemos que é altura de procurar os grandes bichos para caçar.

Bola branca e bola amarela... dão-nos tempo." Orr olhou para ela, com um respeito renovado. "Tempo? O que é isso, Naha?" Ela hesitou, procurando as palavras. "Tempo é quando coisas acontecem. Como agora, quando Orr e Naha falam. Mas depois isso vai embora. Fica... atrás." Orr olhou para o horizonte, onde a lua parecia suspensa entre o passado e o futuro. "Atrás... e depois?" "Depois é quando acordamos e bola amarela aparece outra vez," explicou Naha, agora mais confiante. "Tempo é o que separa agora do depois e do atrás." Orr coçou a cabeça e sorriu. "Tempo é como caça. Preciso de lembrar do antes para apanhar bicho depois.

Naha é esperta." Eles ficaram em silêncio por um momento, ouvindo o fogo estalar e as criaturas noturnas cantar a sua melodia distante. Foi então que uma ideia lhe ocorreu. Orr pegou num pedaço de madeira e riscou uma linha na terra. "Aqui é agora. Ali é depois. E lá atrás é antes," disse, apontando para cada extremidade da linha. Naha sorriu e desenhou círculos em redor da linha. "E o antes volta. Sempre. Como bola branca e bola amarela. Tempo é linha e também é círculo."

Orr grunhiu de aprovação, admirado pela simplicidade da ideia. "Naha é boa com desenhos. Ensinar tribo sobre... tempo." No dia seguinte,

enquanto o sol nascia e as sombras longas se encurtavam, Orr e Naha contaram a descoberta ao resto da tribo. Embora nem todos entendessem o conceito abstracto de "tempo", os mais atentos começaram a notar os padrões do dia e da noite, das estações e das estrelas. A consciência temporal havia nascido. A partir desse momento, a tribo tornou-se mais eficiente na procura por comida, na organização de tarefas e na previsão do futuro. E assim, o tempo, que antes era apenas um ritmo silencioso imposto pela natureza, tornou-se algo que a humanidade começava a compreender.

A consciência temporal foi o primeiro passo para a criação de calendários, de relógios e, eventualmente, de uma civilização que mediria os segundos como se fossem preciosos. Mas naquela noite, sob a luz da lua, tudo o que importava era a simplicidade do momento. O fogo crepitava, a lua brilhava e Orr e Naha, sem saber, tinham mudado o curso da história. Assim como Orr e Naha, que sob a luz da lua deram os primeiros passos para compreender o tempo como algo que une o antes, o agora e o depois, Miguel e Mariana, séculos depois, continuam a debater e a viver sob a tirania do mesmo conceito.

Se os nossos antepassados tentavam capturar o ritmo das estações para sobreviver, hoje o casal moderno tenta encaixar-se num relógio social, que dita compromissos e horários. Embora os cenários sejam distintos, a essência permanece: a luta humana para se relacionar com o tempo, esse companheiro invisível que molda todas as nossas acções. Era um apartamento moderno em Lisboa,

numa tarde que já carregava a pressa da cidade. Mariana estava em frente ao espelho, aplicando rímel com uma precisão cirúrgica. Miguel, sentado na cama, examinava dois casacos como se estivesse a decidir entre o futuro da moda ou da sua própria vida.

"Qual é melhor, o preto ou o azul?" perguntou ele, levantando os dois casacos como se fossem relíquias. "O preto é mais clássico, mas o azul tem um ar descontraído." Mariana não desviou os olhos do espelho. "Estamos a falar de um concerto do Stockhausen, Miguel. Achas mesmo que alguém vai reparar no teu casaco? O público vai estar mais preocupado em decifrar sons de planetas colidindo." Ele franziu o sobrolho, ainda mais indeciso. "Mas e se tiver um código de cores implícito? Azul para os atrasados? Preto para os que percebem de tempo?" Mariana soltou um riso curto. "Stockhausen podia pensar nisso, mas nós?

Estamos é atrasados, anda com qualquer um." Miguel suspirou, levantando o casaco azul como se estivesse a contemplar uma obra de arte. "Não consigo decidir. O azul é sofisticado, mas o preto parece mais seguro..."

"Se continuas assim, vamos perder a primeira parte do concerto," avisou Mariana, agora guardando o rímel na mala. "E o Karlheinz, seja onde estiver, vai revirar os olhos para nós." Miguel ergueu o olhar, filosófico. "Se ele dizia que o tempo é uma dimensão maleável, tecnicamente não estamos atrasados. Estamos apenas a adaptar-nos ao fluxo." Ela virou-se para ele, incrédula. "Mesmo para um fluxo, é preciso estar na hora certa! Vamos ouvir Stunden,

sobre a ‘hora’. Se perdermos a entrada, vai ser irónico demais." "Está bem, ganhaste," cedeu ele, vestindo finalmente o casaco preto. "Mas e o teu rímel? Já está pronto ou estás a criar uma obra-prima?" Mariana ajustou a alça da mala, enquanto ia em direção à porta.

"Maquilhar-me leva menos tempo do que as tuas indecisões filosóficas. E não te esqueças: maquilhagem é um investimento no presente." "Presente? Pensei que estavas presa num loop entre o passado da base e o futuro do batom," comentou Miguel, apressando-se atrás dela. Ela abriu a porta com um sorriso. "Vens ou queres que Stockhausen componha algo como Miguel e a Eternidade a Escolher um Casaco?" No carro, enquanto se dirigiam apressadamente para o teatro, Miguel voltou ao tema, sempre com um tom de desafio. "Sabes que chegar à hora exacta é apenas um construto social. O importante é estar no momento certo, não?" Mariana abanou a cabeça. "O momento certo é agora.

O problema é que estamos a usar o futuro para compensar o tempo perdido. E isso, meu caro, nem Stockhausen pode corrigir." Por um golpe de sorte ou talvez pela relatividade do tempo, chegaram ao teatro exactamente um minuto antes de as luzes se apagarem. Ao som das primeiras notas da peça, Miguel sussurrou: "Estás a ver? Ainda no tempo certo." Mariana olhou para ele com um sorriso contido. "Às vezes, estar certo é apenas uma questão de sorte."

09:00

Soufflé de Milionésimos: Ben Johnson e Michael Phelps na Cozinha do Tempo

Ben Johnson, sentado numa cadeira gasta num canto do ginásio, olha para o relógio na parede com um misto de desdém e fascínio. Aquele objecto, que marca cada segundo como se fosse um tambor de guerra, parecia rir-se dele. E assim, começa o seu monólogo. “Sabes, relógio, tu e eu temos uma relação complicada. Já fomos amigos, aliados inseparáveis. Durante aqueles 9,79 segundos, foste meu cómplice, meu padrinho, o meu maior fã. Mas depois disso, transformaste-te num traidor. Tudo porque me atrevi a ser rápido demais. Rapidez é virtude, não? Pelo menos era o que eu pensava. Falam de doping, como se isso fosse a única razão para eu ter corrido como corri.

Como se cada gota de suor, cada treino de madrugada, cada passo dado na pista fosse irrelevante. Mas deixa-me dizer-te, relógio: doping não ensina a correr. Não te dá aquela sensação de voar. Se fosse assim, qualquer um podia ser rápido. Mas não são, pois não? E sabes o que é irónico? Dizem que eu abrandei antes de cruzar a linha de

chegada. Imagina só! Abrandei para não parecer suspeito, e mesmo assim não adiantou. Talvez o problema tenha sido exactamente esse: devia ter corrido tão rápido que nem os cronómetros me pudessem apanhar. Devia ter ultrapassado o tempo em si, como Einstein sugeria. “O tempo é relativo,” disse ele.

Bem, Einstein, se me ouves onde quer que estejas, deixa-me corrigir-te: o tempo é um sacana. Para mim, ele é o juiz, o júri e o carrasco. Ele decidia quem era o mais rápido, mas depois deu meia-volta e tirou tudo de mim. Tudo! E agora, quando olho para aquele relógio ali na parede, só consigo pensar: porque é que corri tão rápido? Para isto? Mas sabes o mais engraçado? É que ninguém fala dos milésimos de segundos. Só quem viveu no limite os compreende. Esses milésimos, que podem tornar-te um deus ou um pária. É como se estivesses a andar numa corda bamba, e cada balanço fosse uma escolha entre a glória e a ruína. Eu escolhi a glória, claro. Quem não escolheria? Mas a ruína veio de brinde.

“Ah, mas Ben,” dizem-me, “tu enganaste o mundo!” E eu respondo: enganar? Vocês é que foram enganados pelo vosso conceito de perfeição. Queriam ver um homem tão rápido que desafiasse a lógica. Bem, aqui estou eu. E agora? Vocês não estavam prontos para isso. Vocês não estavam prontos para mim. Então, aqui estou eu, sentado nesta cadeira, a falar com um relógio que não me responde. Talvez eu devesse ser grato. Pelo menos tive os meus 9,79 segundos de glória, não é? E o que é a vida, afinal, senão uma corrida contra o

tempo? Mas deixa-me dizer-te, relógio: eu ainda sou o homem mais rápido que tu já viste.

Mesmo que o mundo tenha decidido esquecer isso. Porque o tempo, esse ladrão de memórias, não pode apagar o que eu senti naquele momento. E no fundo, talvez seja isso que importa." Noutra parte do globo, Michael Phelps está deitado à beira de uma piscina, os pés ainda molhados da sua última sessão de treinos. Com os óculos de natação pendurados ao pescoço, ele olha para o reflexo da água com um sorriso que mistura orgulho e exasperação. “Sabes, tempo, tu e eu temos uma relação complicada. Eu passei a minha vida a tentar ser mais rápido que tu, a cortar segundos como quem corta fatias de um bolo. E, na maior parte do tempo, consegui. Vinte e três medalhas de ouro! Quem diria, não?

Mas é curioso: quanto mais rápido eu ficava, mais lento o mundo parecia entender-me. Depois vieram as acusações. Ah, Phelps não devia competir com humanos normais. Phelps é uma máquina! E o meu favorito: Phelps deve ser um golfinho geneticamente modificado. Escuta, se eu fosse um golfinho, achas que teria de segurar a respiração tanto tempo? E mais: dizem que a minha condição — ah, sim, a tal ‘hipermobilidade das articulações’ e o tamanho desproporcional dos meus braços — me dá vantagem. Só falta dizerem que os meus espermatozóides também nadam mais rápido. Aposto que é isso que estão a pensar, não?

Mas deixa-me dizer-te uma coisa: vantagem ou não, nenhum talento substitui as madrugadas no frio, os quilómetros de braçadas e o sabor eterno do cloro.

Achas que o meu ‘corpo de golfinho’ fez todo o trabalho? Pois bem, experimenta acordar às cinco da manhã para mergulhar numa piscina gelada enquanto o resto do mundo ainda sonha com croissants. Einstein dizia que o tempo é relativo. Ora, eu sei disso melhor do que ninguém. Quando estou na água, cada segundo se estica como um elástico. Um milésimo pode ser a diferença entre o ouro e nada. Sabes o que é isso? O mundo inteiro a olhar para o cronómetro e decidir o teu valor baseado em um milésimo de segundo? Deixa-me dizer-te, é uma porcaria. Mas é também viciante.

E, de alguma forma, eu adoro. A verdade é que o tempo é como a água. É flexível, implacável e não espera por ninguém. Mas sabes o que me orgulha? Cada braçada que dei foi um soco na cara do tempo. E se ele é um sacana, eu sou pior. Porque, no fim, eu não sou apenas um nadador. Sou um sobrevivente. De competições, de críticas e, acima de tudo, do próprio tempo. Agora, enquanto me sento aqui a olhar para a piscina, penso: não importa o que disseram ou dizem. Eu ganhei. Porque o tempo pode levar tudo, mas nunca vai levar os meus recordes. E, honestamente, se os meus espermatozóides realmente nadarem mais rápido, então talvez eles também ganhem umas medalhas no futuro. Quem sabe?"

Apesar de suas trajetórias tão distintas, Ben Johnson e Michael Phelps encontram uma estranha e inegável irmandade que transcende as modalidades que os tornaram lendas. Ben, outrora o homem mais rápido do mundo, conhece como poucos o sabor amargo de ter a glória subitamente

arrancada pelo implacável julgamento do tempo e das circunstâncias. Phelps, com seu domínio absoluto na piscina, também vive sob o peso de milionésimos de segundo que definem não apenas vitórias, mas legados. Ambos compartilham um respeito quase reverente pelo tempo, mas também um ressentimento silencioso pelas formas como ele moldou as suas histórias.

Quando decidem reunir-se, longe das pistas e das piscinas, na intimidade de uma cozinha, não é apenas por camaradagem; é pela necessidade de partilhar experiências, de explorar como o tempo não é apenas um conceito abstracto, mas um adversário que enfrentaram e que, de alguma forma, os tornou espelhos um do outro. Entre conversas sobre fracassos, vitórias e os momentos que definem a humanidade, o tempo emerge não como um inimigo, mas como um elo que os une em uma obsessão comum e universal. Tendo em conta os fatores que unem estes dois atletas, tornam-se amigos e decidem jantar juntos, encontrando-se na casa de um deles.

Ben Johnson está na cozinha com um avental estampado com relógios, claramente desconfortável. Michael Phelps, por outro lado, está relaxado, mexendo uma tigela de claras com a mesma destreza com que nadaria uma piscina olímpica. Na bancada, os ingredientes para o souflé estão meticulosamente alinhados, como se fossem competidores numa corrida cronometrada. “Sabes, Michael,” começa Ben, olhando para a receita com desconfiança, “a pista era mais simples que isto. Pelo menos ali eu sabia que o objectivo era correr.

Aqui, tens de misturar, bater, medir... tudo tem um tempo exacto. Quem inventou este prato devia ser obcecado por relojoeiros." Phelps ri enquanto continua a bater as claras.

"Ben, pensa no souflé como uma prova de 100 metros. Tens de acertar cada passo. Se bates as claras demais, ficas com algo rígido. Se é de menos, desaba. Precisas de ritmo, tal como na pista ou na piscina." Ben observa Phelps mexer as claras com concentração. "Fácil para ti dizeres. Estás habituado a movimentos perfeitos. Eu corro, cara. Nunca precisei de ser delicado. E este tempo exacto? Dez minutos no forno? Como é que sabes que são dez minutos certos? O meu cronómetro já me traiu antes." Phelps levanta uma sobrancelha. "Relaxa, Ben. Um souflé é como um recorde mundial. Precisa de precisão, sim, mas também de confiança. Se ficas obcecado com o relógio, vais falhar. Foca-te no processo.

O tempo é um aliado, não um inimigo."

Ben revira os olhos e pega no batedor de claras. "Aliado? O tempo nunca foi meu aliado. Ele tirou-me tudo. Agora queres que confie nele para que este... este bolinho de ar não desabe?" "Não é um bolinho de ar," corrige Phelps com um sorriso. "É um prato que exige respeito. Tal como uma prova. Olha, vamos trabalhar juntos. Eu bato as claras, tu derretes o chocolate. Tempo é trabalho em equipa. Se acertarmos cada passo, no final o resultado é ouro... ou neste caso, chocolate." Ben hesita, mas acaba por pegar numa panela e começa a derreter o chocolate. "Sabes, talvez este seja o meu treino para recuperar o meu lugar na história.

Se consigo acertar num souflé, talvez consiga lidar com o tempo outra vez." "Aí está o espírito," diz Phelps, colocando as claras firmemente batidas ao lado do chocolate derretido. "Agora, hora de misturar. Lembra-te: suavemente. É como deslizar na água. Sem pressa, mas sem pausa." Enquanto misturam os ingredientes, um alarme na bancada apita. Phelps olha para o forno e verifica a temperatura. "Tudo pronto para entrar. Vamos lá, Ben. Este é o momento da verdade." Eles colocam o souflé no forno e olham para o relógio de contagem regressiva. Ben cruza os braços, claramente inquieto. "Dez minutos. Mais longos que uma corrida de 100 metros, mas menos exaustivos que um Ironman.

Aposto que, no final, ninguém vai lembrar quem misturou as claras ou derreteu o chocolate. Só vão falar do souflé." Phelps ri. "Bem-vindo à competição culinária, Ben. Aqui, o tempo ainda é o juiz, mas pelo menos, no final, comemos o resultado." Quando o timer finalmente apita, os dois abrem o forno em suspenso. O souflé está perfeito, dourado e imponente como uma medalha de ouro. Ben olha para Phelps, depois para o prato. "Então, o tempo foi nosso aliado desta vez. Quem diria?" Phelps pega numa colher e entrega uma a Ben. "Vê, Ben? No final, não se trata de vencê-lo. Trata-se de aprender a dançar ao ritmo dele.

Agora, vamos provar este ouro." Eles riem e mergulham as colheres no souflé, celebrando não apenas a vitória contra o tempo, mas também a improvável parceria que descobriram ao longo do caminho.

10:00

Zenão, a Tartaruga e a Lebre: Um Sonho de Tempo e Contradições

Na antiga Eleia, numa manhã em que o sol pintava as colinas com tons dourados, Zenão estava sentado na soleira da sua casa, observando o pequeno mercado que fervilhava ao longe. A sua mente, sempre inquieta, vagava entre ideias que pareciam grandes demais para o mundo visível. Era um homem conhecido tanto pela sua sabedoria quanto pela habilidade de criar problemas filosóficos que deixavam até os melhores pensadores sem palavras. Naquele dia, o mundo parecia girar com a mesma cadência de sempre: os mercadores gritavam os preços dos produtos, as crianças corriam atrás de cabras rebeldes, e uma tartaruga passava lentamente pela estrada de terra batida. De repente, um jovem atléta decidiu brincar com a situação.

Com um sorriso desafiador, gritou para a tartaruga: “Corrida comigo, quem ganha?” Todos riram, mas a tartaruga, no seu silencioso ócio, parecia aceitar o desafio com dignidade. Zenão estreitou os olhos, intrigado. Algo no movimento contrastante entre o jovem veloz e a tartaruga pachorrenta capturou a sua atenção. O jovem deu à tartaruga uma vantagem de vários passos antes de arrancar numa

disparada. Era óbvio que a lebre humana iria alcançá-la rapidamente. Contudo, na mente de Zenão, o "óbvio" não era suficiente. "Espera," murmurou para si mesmo, com a testa franzida. "Se ele tem de cobrir a distância até à tartaruga, primeiro precisa de chegar ao ponto onde ela estava.

Mas quando ele chega lá, a tartaruga avança um pouco mais. E assim por diante. Como pode ele realmente alcançá-la se sempre há um novo ponto a atingir?" Levantou-se de repente, os olhos brilhando com o entusiasmo de uma ideia revolucionária. "Mas que maravilhoso paradoxo! O movimento, que todos tomam como algo tão simples, é afinal uma ilusão. Cada distância pode ser dividida em infinitas partes. Para atravessar o primeiro pedaço, ele precisa de tempo; para o próximo, também. E assim, infinitamente. Como pode ele percorrer algo que nunca termina?" Zenão riu alto, para espanto dos que passavam por perto. "Talvez o tempo seja como esta tartaruga — lento, inescapável e infinitamente dividido.

Nós apenas corremos contra ele, mas nunca o apanhamos. Pobre jovem! Acredita que vai ganhar, mas está preso ao mesmo paradoxo que todos nós." Com um olhar divertido, Zenão dirigiu-se para a sua mesa de escrita. Pegou num rolo de pergaminho e começou a escrever, tentando capturar a essência do que acabara de presenciar. Entre reflexões, rabiscos e novos murmúrios, deixou escapar: "Einstein ainda não nasceu, mas este paradoxo seria do agrado dele. Afinal, o tempo é mais um conceito do que uma realidade. O que parece tão linear

talvez

seja um quebra-cabeças cósmico. E agora, esta pequena tartaruga acaba de me ensinar isso." Ele riu de novo. "E pensar que todos acreditam que eu sou o sábio. Hoje, a sabedoria veio de um casco e de quatro patas lentas. Talvez o tempo não exista mesmo — ou talvez exista, mas não como o imaginamos. Quem sabe?" No final daquela tarde, enquanto o jovem atléta festejava a sua vitória – por pouco, mas válida –, Zenão continuava a meditar sobre o paradoxo. Sabia que ele não seria compreendido por muitos, mas também sabia que tinha plantado uma semente de curiosidade que desafiaria a humanidade por milénios. E assim, com uma tartaruga como musa, Zenão deixou a sua marca na filosofia, no tempo e na própria eternidade.

Zenão, exausto de tanto filosofar, adormeceu profundamente na sua mesa, com a pena ainda entre os dedos e o pergaminho por terminar. No seu sonho, encontrouse numa paisagem surreal — uma planície infinita onde o sol nunca se movia do horizonte, e o tempo parecia estar suspenso. Diante dele, para sua surpresa, estavam a tartaruga e a lebre, ambas com expressões bem mais eloquentes do que qualquer animal deveria ter. "Ah, então é este o famoso Zenão de Eleia?" disse a lebre, cruzando as patas dianteiras e erguendo uma sobrancelha imaginária.

"O homem que insiste que eu não consigo ultrapassar esta senhora de casco?" A tartaruga, com um ar de superioridade que apenas os mais lentos conseguem ostentar, interveio calmamente:

“Oh, não o culpes, minha cara lebre. Ele apenas tenta compreender o universo. Embora, sejamos honestos, é engraçado como ele conseguiu transformar a minha caminhada em algo tão complicado.” Zenão esfregou os olhos, confuso. “Mas... como é possível? Vocês... estão a falar? Isto é um sonho?” A lebre deu uma gargalhada curta. “Claro que é um sonho, filósofo. Ou achas que na vida real eu teria paciência para discutir contigo?

Já teria dado mil voltas ao mundo enquanto tentavas explicar o teu paradoxo.” A tartaruga, lenta mas certeira, replicou: “Talvez seja um sonho, mas as questões que tu levantaste, Zenão, são muito reais. E agora que estamos todos aqui, por que não resolvemos isto de uma vez por todas? Afinal, tu afirmas que a lebre nunca me ultrapassa, mas, ao mesmo tempo, aqui estamos — todos no mesmo ponto.” Zenão tentou organizar os pensamentos. “O problema não é ultrapassar-te, minha querida tartaruga. É que, logicamente, para o movimento acontecer, primeiro precisamos percorrer uma infinidade de pontos. E como é que alguém percorre o infinito?” A lebre revirou os olhos. “Oh, lá vamos nós com o infinito outra vez.

Sabes o que é infinito, Zenão? O tempo que eu fico à espera enquanto tu pensas nestas coisas.”

A tartaruga sorriu, paciente. “Calma, lebre. Ele tem um ponto. O tempo é uma coisa curiosa. Para mim, ele passa devagar, como se fosse feito para eu o saborear. Para ti, passa depressa demais, como se nunca tivesses tempo suficiente. Talvez o problema não seja o tempo em si, mas como cada um de nós o vive.” Zenão coçou a cabeça. “Então estás a dizer

que o tempo é relativo? Isso é fascinante. Talvez seja algo que dependa do observador. Mas isso não resolve o paradoxo. Como pode a lebre ultrapassar-te se, matematicamente, há sempre um ponto que precisa de ser alcançado antes?" A lebre deu um salto teatral. "Sabe o que resolve isso? Simples: eu ultrapasso-a porque o tempo real não é como o teu tempo filosófico.

Aqui fora, as patas mexem-se, o mundo gira e eu chego à meta. Não é uma questão de lógica; é uma questão de prática." A tartaruga concordou, surpreendentemente. "Ela tem razão, sabes. A tua filosofia é bela, mas a realidade tem uma maneira peculiar de ignorar as nossas teorias. No entanto, adoro o facto de que, por tua causa, toda a gente olha para mim com mais respeito. Afinal, sou a tartaruga que desafia o tempo e o movimento." Zenão suspirou, um sorriso cansado no rosto. "Talvez vocês tenham razão. A filosofia pode não ter todas as respostas, mas pelo menos faz as perguntas certas.

Talvez seja isso o mais importante." De repente, o cenário começou a desvanecer-se, as vozes da tartaruga e da lebre ecoando ao longe. Antes de acordar, Zenão ouviu-as rirem juntas, como velhas amigas que partilham um segredo que ele jamais compreenderia completamente. Quando abriu os olhos, estava de volta à sua mesa, o pergaminho à sua frente. "Um sonho..." murmurou, pegando na pena e começando a escrever novamente. "Mas talvez o sonho tenha mais verdades do que eu imaginava."

11:00

Segundos que Redefiniram a Humanidade: O Tempo entre Hiroshima e Nagasaki

Era 6 de agosto de 1945, uma manhã clara e aparentemente comum em Hiroshima. O sol nascia sereno sobre a cidade japonesa, enquanto as ruas ganhavam vida com o movimento quotidiano. Crianças corriam para a escola, vendedores abriam as suas lojas e agricultores colhiam os primeiros frutos do dia. O tempo fluía com a naturalidade de sempre, mas, acima das nuvens, a um ritmo invisível, a marcha da destruição aproximava-se. A bordo de um bombardeiro B-29 chamado Enola Gay, o piloto Paul Tibbets liderava uma missão que mudaria para sempre o curso da história. A bomba que transportavam tinha um nome peculiar: Little Boy.

Criada no âmbito do ultrasecreto projecto Manhattan, ela representava o auge da ciência e da engenhosidade humana, mas também a sua capacidade de destruição. Cientistas como Robert Oppenheimer e Enrico Fermi haviam trabalhado incansavelmente para transformar a teoria nuclear em uma arma de poder inimaginável. Agora, aquele

dispositivo mortal estava pronto para ser usado. Às 08h15, o Enola Gay sobrevoou Hiroshima, alinhando-se para o ataque. Dentro da cabine, o tempo parecia parado. Cada segundo era medido, cada movimento cronometrado com precisão milimétrica. Paul Tibbets deu a ordem final, e Little Boy foi libertada. A bomba iniciou a sua queda de 44 segundos, rasgando o ar em direção ao coração da cidade.

Às 08h16, o impacto transformou o mundo. A explosão libertou uma energia equivalente a 15 quilotoneladas de TNT, gerando uma bola de fogo que alcançou uma temperatura de milhares de graus em frações de segundo. Num raio de 500 metros do ponto de impacto, a vida foi instantaneamente vaporizada. Humanos, animais, plantas — tudo desapareceu em 10^{-6} segundos. As sombras das pessoas ficaram gravadas nas paredes, como fantasmas que o tempo não conseguiu apagar. A onda de choque varreu a cidade, destruindo edifícios, derrubando árvores e espalhando destroços por quilómetros. Tsunamis de fogo espalharam-se pelas ruas, enquanto o calor intenso transformava corpos em cinzas.

Num instante, Hiroshima deixou de ser uma cidade para se tornar um cenário apocalíptico. Mas o horror não terminou ali. A radiação invisível penetrou na terra, na água e nos corpos dos sobreviventes. Nos dias e meses seguintes, milhares sucumbiram a queimaduras e doenças causadas pela radiação. Em apenas alguns segundos, o tempo desdobrou-se em uma eternidade de sofrimento para os que permaneceram. No solo, o tempo

parecia ter perdido todo o sentido. Testemunhas relataram que o dia se transformou em noite, com uma nuvem em forma de cogumelo cobrindo o

céu. Relógios pararam exactamente às 08h16, como se o universo quisesse marcar para sempre o momento em que a humanidade cruzou uma linha sem retorno. Enquanto isso, nos Estados Unidos, o presidente Harry S. Truman aguardava notícias do sucesso da missão. Ele tinha dado a ordem final, acreditando que a bomba era necessária para encerrar a Segunda Guerra Mundial. O custo humano dessa decisão, no entanto, permaneceria como uma mancha indissociável da sua presidência.

Robert Oppenheimer, ao saber do impacto da bomba, recitou uma frase do texto sagrado hindu Bhagavad Gita: "Agora eu tornei-me a Morte, o destruidor de mundos." Para ele, e para muitos outros cientistas envolvidos no projecto Manhattan, o tempo deixou de ser apenas uma dimensão. Tornou-se um peso insuportável, carregado com a consciência de que haviam dado à humanidade o poder de se aniquilar. Hiroshima, num piscar de olhos, deixou de ser apenas um ponto no mapa para se tornar um símbolo. A cidade destruída pelo tempo concentrado em um único instante passou a ser uma lembrança perpétua do que pode acontecer quando a ciência ultrapassa os limites da compreensão humana.

E assim, naquele dia, o tempo provou que podia ser mais do que uma abstração: ele tornou-se o agente da destruição, o cronómetro da mortalidade e o marcador de um novo capítulo na história da humanidade. Era 9 de agosto de 1945, apenas três

dias após a destruição de Hiroshima, e o mundo já tinha mudado para sempre. Mas o tempo, indiferente às tragédias humanas, continuava a avançar. Em Nagasaki, uma cidade portuária vibrante, famosa pelos seus estaleiros e pela sua história de interacção com o Ocidente, o dia começava com uma atmosfera de incerteza. Alguns tinham ouvido rumores sobre o que acontecera em Hiroshima, mas a dimensão da destruição era inimaginável.

O sol erguia-se no horizonte, e a rotina da cidade prosseguia, enquanto o tempo seguia o seu curso habitual. A bordo de outro bombardeiro B-29, chamado Bockscar, um novo instrumento de destruição aproximava-se. Desta vez, a bomba tinha o nome irónico de Fat Man, uma referência ao seu formato arredondado. Desenvolvida com uma abordagem ligeiramente diferente da Little Boy usada em Hiroshima, Fat Man baseava-se em plutônio, um elemento ainda mais letal. O comandante Charles Sweeney liderava a missão, enquanto a tripulação monitorava cada segundo com atenção. A precisão temporal era crucial: o sucesso ou o fracasso dependia de cada momento cuidadosamente calculado. Nagasaki não era o alvo principal.

Inicialmente, a cidade de Kokura estava destinada a receber a bomba, mas condições meteorológicas adversas obrigaram a tripulação a mudar de rota. Este desvio de minutos foi suficiente para selar o destino de Nagasaki.

Às 11h02, o Bockscar sobrevoou a cidade e libertou Fat Man. A bomba caiu em direção ao solo durante

47 segundos, atravessando camadas de atmosfera com uma precisão mortal. Quando finalmente detonou, a cerca de 500 metros acima do solo, o mundo estilhaçou-se mais uma vez. A explosão gerou uma energia equivalente a 21 quilotoneladas de TNT, ainda mais poderosa do que a bomba de Hiroshima. Num instante, o tempo congelou para dezenas de milhares de pessoas. A bola de fogo expandiu-se rapidamente, atingindo temperaturas superiores a 4 mil graus Celsius. Tudo no epicentro — edifícios, árvores, pessoas — foi instantaneamente reduzido a cinzas.

A radiação penetrou a terra e os corpos, deixando um legado invisível mas mortal. Num raio de dois quilómetros, a vida foi aniquilada em milésimos de segundo. A explosão destruiu grande parte da cidade, mas as montanhas em redor atenuaram ligeiramente a onda de choque, poupando algumas áreas periféricas. O impacto sobre Nagasaki foi devastador. Cerca de 40 mil pessoas morreram instantaneamente, enquanto outras milhares sucumbiriam nas semanas e meses seguintes devido às queimaduras e à exposição à radiação. Os sobreviventes, conhecidos como hibakusha, carregariam para sempre as marcas físicas e psicológicas daquela manhã. Para os que estavam no bombardeiro, o tempo não parecia real.

A partir da altitude segura, eles podiam apenas observar o cogumelo nuclear a erguer-se no céu. Era uma visão de outro mundo, ao mesmo tempo fascinante e terrível. Charles Sweeney e a sua tripulação sabiam que tinham cumprido a missão, mas também carregariam o peso moral daquela

acção pelo resto de suas vidas. O presidente Harry S. Truman, ao ser informado do sucesso do segundo ataque, reafirmou a sua decisão: a guerra precisava terminar rapidamente. Para ele, cada dia prolongado do conflito significava mais mortes.

Mas para os cientistas que criaram a bomba, como Oppenheimer, o impacto de Nagasaki cimentou o que já sentiam após Hiroshima: a criação da bomba não era apenas uma vitória tecnológica; era também um pacto com a destruição. Na cidade devastada, o tempo parecia oscilar entre o movimento frenético e a completa imobilidade. Relógios pararam exactamente às 11h02, como se o universo tivesse marcado aquele instante para sempre. Os sobreviventes relatam que os minutos após a explosão pareceram horas, enquanto procuravam desesperadamente por familiares ou lutavam para escapar das chamas. E assim, em apenas alguns segundos, o destino de Nagasaki foi selado.

A cidade, tal como Hiroshima, tornou-se um marco na história do tempo humano — uma lembrança dolorosa do que acontece quando o poder da ciência ultrapassa os limites da compreensão moral. E enquanto a poeira assentava e os primeiros sinais de vida tentavam emergir, o tempo continuava o seu percurso indiferente,

deixando para trás uma cidade marcada para sempre e um mundo que nunca mais seria o mesmo. Em Hiroshima e Nagasaki, o tempo tornou-se o protagonista de uma tragédia incomensurável. Num piscar de olhos, a humanidade testemunhou o poder destrutivo do avanço tecnológico, com dois cogumelos nucleares a erguerem-se como

marcadores de um novo e aterrador capítulo da história. Em Hiroshima, às 08h16 de 6 de agosto de 1945, e em Nagasaki, às 11h02 de 9 de agosto, milhares de vidas foram obliteradas em segundos, enquanto outros milhares sucumbiram lentamente ao peso invisível da radiação.

As duas cidades transformaram-se em memórias petrificadas do que acontece quando o tempo — e a ciência — são usados como armas de destruição, lembrando-nos que, mesmo quando o tempo avança, certas marcas jamais desaparecem.

12:00

Os Primeiros Suspiros do Cosmos: De Segundos a Milhões de Anos Após o Big Bang

Era um momento em que o tempo não tinha ainda significado e o espaço não conhecia limites. Um instante antes do Big Bang, tudo o que hoje existe estava contido num ponto de densidade infinita, onde as leis da física colapsavam sob o peso do desconhecido. E então, aconteceu. Um clarão. Um começo. Nos primeiros 10^{-3} segundos, o universo era um mar fervilhante de energia pura, onde as temperaturas atingiam biliões de graus. Partículas subatômicas, como quarks e gluões, dançavam numa caótica coreografia, incapazes de se ligar. Era o caos absoluto, mas um caos que escondia as sementes da ordem futura.

O tempo, que antes não existia, agora marcava o seu início — cada fração de segundo carregava o potencial para tudo o que viria. Com o passar de 10^{-2} segundos, a temperatura começou a cair, embora ainda fosse inimaginável para os nossos padrões. Nesse instante, os quarks uniram-se para formar prótons e neutrões — os alicerces dos átomos que constituiriam estrelas, planetas e a própria vida. Mas o universo ainda era uma sopa densa e opaca, onde a luz não tinha espaço para

escapar. Num segundo completo após o Big Bang, algo extraordinário aconteceu: as primeiras interacções nucleares deram origem ao que conhecemos como núcleos atômicos leves.

Hidrogênio e hélio, os elementos mais simples e abundantes do universo, nasceram como os primeiros tijolos de uma construção que levaria mil milhões de anos para se completar. Era o primeiro esboço da matéria tal como a conhecemos. Enquanto isso, o espaço expandia-se a uma velocidade incompreensível. Cada segundo trazia consigo uma nova paisagem, um novo horizonte. O universo, numa coreografia majestosa, expandia-se e esfriava, preparando o cenário para o aparecimento da luz. Mas a luz teria de esperar. Nos primeiros minutos, o cosmos era uma teia de energia e gravidade, onde a luta entre expansão e colapso ditava as regras. A gravidade, silenciosa e paciente, começou a esculpir a estrutura do universo.

Pequenas flutuações na densidade da matéria formaram os primeiros vislumbres de galáxias e aglomerados estelares. Cada uma dessas sementes seria, no futuro, o berço de milhões de estrelas, cada estrela uma promessa de luz e vida. Então, vieram os primeiros minutos, onde a física nuclear consolidou o que a energia havia iniciado. A radiação, antes dominante, começava a ceder à matéria. O universo era ainda um bebê, mas um bebê que carregava em si o potencial de tudo: galáxias, sistemas solares, a Terra, e cada um de nós. A poeira do tempo não havia ainda assentado, mas a jornada estava em curso. Cada segundo após

o Big Bang foi uma orquestra de leis físicas a desempenhar

uma sinfonia de criação. O tempo, esse maestro invisível, havia iniciado a sua mais grandiosa composição, e o universo dançava ao ritmo da eternidade. Num intervalo inimaginável de tempo — entre 10−36 e 10−32 segundos após o Big Bang — algo extraordinário aconteceu. O universo, ainda na sua infância, acordou com um impulso de crescimento que redefiniria tudo. Durante a expansão inflacionária, o cosmos passou de um tamanho microscópico para dimensões astronômicas numa fração de tempo tão curta que desafia qualquer compreensão humana. Era como se o próprio tempo estivesse a tentar recuperar o atraso, num universo que não tolerava a imobilidade. Antes deste evento, o conceito de tempo era quase irrelevante.

Sem uma separação clara entre causa e efeito, passado e futuro não existiam como os conhecemos. Mas com a expansão inflacionária, o universo estabeleceu as bases da causalidade. Espaço e tempo, antes indistinguíveis, começaram a desempenhar papéis distintos. Pela primeira vez, eventos podiam ser ordenados, e a seta do tempo começava a apontar numa direção. Imagine um grão de areia a crescer para o tamanho de uma galáxia em menos de um piscar de olhos. A energia contida nesse momento era incomensurável, mas não caótica. Pelo contrário, era um crescimento incrivelmente disciplinado, regido por leis físicas que só começavam a emergir.

Pequenas flutuações quânticas, invisíveis e insignificantes naquele instante, tornaram-se as sementes das galáxias, estrelas e planetas. Em cada oscilação, estava o potencial de criar sistemas solares e, mais tarde, a vida. Para o universo, o tempo passou a ser uma narrativa. A expansão inflacionária trouxe consigo a noção de continuidade, a possibilidade de uma história com início, meio e fim. Foi o instante em que o cosmos começou a contar a sua própria história, e o tempo tornou-se o cronista invisível dessa epopeia. Mas o que tornava este momento ainda mais extraordinário era a efemeridade do evento.

Num instante infinitesimal, a expansão terminou, como se o universo tivesse dado um suspiro profundo antes de estabelecer as bases do que seria a sua evolução. A energia que alimentava o crescimento foi convertida em matéria e radiação, marcando o início de uma nova era. Se não fosse pela expansão inflacionária, o universo nunca teria alcançado o equilíbrio térmico que permitiu a formação da matéria como a conhecemos. Sem ela, não haveria diferença entre o passado, o presente e o futuro — o tempo, enquanto conceito humano, não existiria.

E assim, num intervalo de tempo menor do que qualquer segundo que conseguimos conceber, o universo moldou o tempo, oferecendo-nos a possibilidade de compreendê-lo, questioná-lo e, talvez, encontrar o nosso lugar dentro dele. A expansão inflacionária não foi apenas o começo de tudo; foi também o começo do próprio tempo.

O universo, ainda a dar os seus primeiros passos, atingira o marco de um segundo após o Big Bang. E nesse instante, algo extraordinário começou a acontecer: a matéria e a energia, que antes dançavam num caos incandescente, começaram a organizar-se. Foi neste momento que o tempo, tal como o concebemos, passou a ser mensurável — não em frações de eternidade, mas em segundos concretos, em que os acontecimentos seguiam uma ordem definida. As temperaturas, ainda colossais, tinham caído o suficiente para permitir a formação das primeiras partículas subatómicas. Protões e neutrões, antes dispersos como faíscas num fogo quântico, uniram-se em ligações frágeis mas promissoras.

Estas partículas, os blocos fundamentais da matéria, eram as precursoras de tudo o que conhecemos hoje: estrelas, planetas e a própria vida. Cada neutrão capturado, cada protão estabilizado, era um triunfo da ordem sobre o caos. Este foi também o momento em que a radiação começou a ceder o protagonismo à matéria. Antes, a energia dominava de forma avassaladora, mas agora era a matéria que tomava o palco principal. Os electrões, livres e errantes, esperavam o momento de se juntar a estas novas estruturas. Tudo ainda era instável, mas a promessa de estabilidade estava no horizonte. A partir deste instante, o universo podia ser medido em segundos, minutos, horas.

Era o nascimento do tempo como um fio condutor, algo que não apenas acontecia, mas que podia ser contado. A expansão do cosmos continuava, mas

agora, com a matéria a assumir forma, as primeiras leis da física clássica entravam em cena. A gravidade começava a agir de forma mais definida, unindo estas partículas em pequenos aglomerados que, mais tarde, se tornariam os núcleos de átomos. O primeiro segundo foi mais do que um instante; foi a faísca que deu início à estrutura do universo. Não foi apenas o começo do espaço, mas do tempo enquanto narrativa. A partir daqui, cada segundo, cada minuto seria uma história — um capítulo na epopeia do cosmos.

E assim, enquanto os protões e neutrões dançavam nesta nova coreografia, o universo estabeleceu o alicerce do que viria a ser tudo o que conhecemos. Cada segundo contado era uma promessa de continuidade, uma afirmação de que o tempo não só existia, mas estava aqui para ficar. Duzentos milhões de anos após o Big Bang, o universo era uma vastidão de escuridão e gás. Mas, no silêncio do cosmos, a gravidade operava silenciosamente, reunindo a matéria que restara da expansão inicial. Hidrogénio e hélio, os elementos primordiais, começavam a formar nuvens densas que colapsavam sob o seu próprio peso.

E foi neste cenário que, finalmente, as primeiras luzes se acenderam: as estrelas nasceram, e com elas, o universo deixou de ser apenas um vazio escuro para se tornar um palco iluminado.

Essas primeiras estrelas, conhecidas como estrelas da População III, eram gigantescas, quentes e efémeras. Viveram rápido e morreram em explosões de supernova, lançando elementos mais pesados, como carbono, oxigénio e ferro, para o espaço.

Estes elementos, por sua vez, tornaram-se os blocos fundamentais para a formação de planetas e, eventualmente, para a vida. As primeiras estrelas não eram apenas fontes de luz, mas também agentes transformadores do universo. Com o nascimento das estrelas, veio também o início das galáxias. Pequenos aglomerados de matéria foram atraídos uns para os outros, formando estruturas maiores, verdadeiros berços de novas estrelas.

A gravidade era o maestro desta sinfonia cósmica, unindo nuvens de gás e poeira em redemoinhos que, milhões de anos depois, seriam as galáxias que hoje observamos no céu noturno. A formação das estrelas e galáxias trouxe consigo algo ainda mais profundo: a perceção do tempo astronómico. Pela primeira vez, o universo começou a medirse pelos seus próprios ciclos. A rotação das estrelas, as órbitas dos planetas que se formariam em torno delas, e o movimento das galáxias marcaram o início de um relógio cósmico. Era uma nova dimensão do tempo, não mais medida em segundos ou anos humanos, mas em milhões e biliões de anos. Este momento foi crucial para definir o universo como o conhecemos.

O tempo, agora ligado aos movimentos celestes, tornou-se tangível. A luz das primeiras estrelas viajou por biliões de quilómetros para iluminar os recantos mais escuros do cosmos, e cada galáxia tornou-se uma testemunha do tempo em expansão. O ciclo de vida das estrelas — nascer, brilhar e morrer — passou a ser um reflexo da própria história do universo. Assim, o universo, que antes era apenas uma tapeçaria de matéria dispersa,

transformou-se num cenário vibrante e dinâmico. A gravidade moldava o espaço, e o tempo, marcado pelos movimentos das estrelas e galáxias, tornava-se uma entidade viva.

Cada estrela acesa era um marcador na linha do tempo cósmico, uma promessa de que o universo continuaria a evoluir, a brilhar e a contar a sua história.

13:00

Do Fuso ao Turno: Como a Revolução Industrial Sincronizou o Tempo

Era o século XIX, e o mundo estava a acelerar. As máquinas a vapor rugiam, os telégrafos transmitiam mensagens a velocidades inimagináveis, e os caminhosde-ferro estendiam-se como artérias metálicas, ligando cidades, países e continentes. Mas havia um problema invisível que ameaçava este novo ritmo da modernidade: o tempo. Ou melhor, a falta de uniformidade na sua medição. Na vastidão de um cosmos sem forma, um diálogo insólito decorreu entre o Meridiano de Greenwich e os recém-propostos fusos horários, ainda em conceptualização. O Meridiano, rígido e imponente, falou primeiro: — Ora, senhores, creio que compreendem o peso desta responsabilidade. Foi-me conferido o papel de ser o ponto zero do tempo.

Um eixo em torno do qual o mundo se alinhará. Alguém tem objeções? — perguntou com um tom autoritário, mas com uma pitada de vaidade. Um dos fusos horários, situado 90 graus a leste, replicou com um tom ligeiramente sarcástico: — Ah, sim, Meridiano de Greenwich, o grande senhor do tempo. Mas não acha que esta divisão é um pouco...

arbitrária? Afinal, porque não Paris ou Nova Iorque? — Meu caro, — respondeu o Meridiano com uma calma ensaiada, — Paris tentou. Nova Iorque também. Mas a comunidade internacional concordou que eu, situado em Londres, no coração do império da época, seria o ponto ideal. Afinal, é necessário um centro, e eu fui escolhido.

Outro fuso, 180 graus a oeste, interveio, sempre prático: — Muito bem, Greenwich, podes ser o centro, mas como vamos lidar com os comboios? Tão preocupados com a precisão, os humanos precisam de algo funcional. Se cada cidade mantiver o seu próprio tempo solar, vamos acabar com acidentes ferroviários e confusões intermináveis. O Meridiano assentiu, com um ar de autoridade: — Justamente! E é por isso que dividiremos o mundo em 24 segmentos. Cada fuso horário regerá 15 graus de longitude, e cada um de vocês se alinhará comigo.

Os humanos poderão sincronizar os seus transportes, os seus telégrafos e as suas vidas. — E as resistências culturais? — questionou o fuso 120 graus a oeste. — As pessoas não gostam de mudar os seus hábitos. Vão reclamar que o tempo local é mais autêntico. Greenwich esboçou um sorriso condescendente: — O progresso não se faz sem resistências, caro amigo. Eventualmente, compreenderão que a uniformidade é necessária. Quando virem que podem

apanhar um comboio em Londres e chegar à Escócia sem confusões horárias, render-se-ão à lógica dos fusos. Os fusos murmuraram entre si, conscientes da relevância do plano. Um deles,

situado sobre o Pacífico, soltou uma gargalhada: — E o que farão comigo? Não vos esqueceis da Linha Internacional de Data. Um dia aqui, outro dia ali... Isso vai confundir ainda mais. — De facto, será complexo, — admitiu Greenwich, — mas essencial para harmonizar os calendários. O teu papel será crucial, como uma ponte temporal. E assim, enquanto a discussão prosseguia, os fusos horários ajustavam-se às suas novas funções, e o tempo global, pela primeira vez na história, tornava-se uma teia interconectada.

A humanidade não tardaria a perceber que, apesar das resistências iniciais, esta padronização era um passo inevitável para o futuro. No século XVIII, o mundo começou a girar de forma diferente. Não porque o planeta tivesse mudado a sua rotação, mas porque a humanidade encontrou uma nova forma de medir e manipular o tempo. Foi a era da Revolução Industrial, e com ela, o tempo deixou de ser uma entidade etérea para se tornar algo palpável, uma engrenagem dentro de uma máquina maior. As fábricas, com as suas chaminés fumegantes e o som incessante de máquinas a trabalhar, tornaram-se os novos templos do tempo. Lá dentro, os relógios mecânicos não eram apenas dispositivos para medir os minutos e as horas.

Eram os mestres silenciosos que marcavam o ritmo das vidas humanas. Cada badalada, cada movimento dos ponteiros, era uma ordem: começar, parar, acelerar, renderse à cadência do trabalho. Os turnos eram como danças coreografadas, onde cada passo tinha de estar em sincronia com os ponteiros do relógio. Pela primeira vez, o tempo deixou de ser

algo fluido e pessoal, regido pelo nascer e pelo pôr do sol, para se transformar numa régua implacável, que mediria a produtividade de cada operário, a eficiência de cada máquina, o lucro de cada patrão. Mas havia algo mais profundo a acontecer. O tempo estava a ser mercantilizado. Cada segundo que passava era contabilizado, avaliado, transformado em capital.

A expressão "tempo é dinheiro" tornou-se mais do que um aforismo; tornou-se uma realidade. O tempo era vendido e comprado, como qualquer outro produto nas prateleiras invisíveis da economia industrial. No entanto, nesta transformação, algo se perdeu. O tempo, que antes era vivido, passou a ser utilizado. As pessoas deixaram de sentir o passar das horas para se tornarem peças de um relógio gigante, prisioneiros de uma estrutura que elas próprias haviam criado. Havia poesia no som das máquinas, mas também havia monotonia. Havia progresso, mas também havia sacrifício. E, ainda assim, o tempo não parava. As fábricas expandiam-se, os relógios multiplicavam-se, e o mundo tornava-se cada vez mais sincronizado. Mas, no

coração de tudo, permanecia a pergunta: será que controlávamos o tempo ou será que ele nos controlava? O tempo, como um amante caprichoso, parecia oferecer-nos tudo e, ao mesmo tempo, roubar-nos algo essencial. Num canto de uma dessas fábricas, um jovem operário olhou para o relógio na parede. O som dos ponteiros era quase ensurdecedor, mesmo no meio do ruído das máquinas. "Que estranho", pensou ele. "O tempo é

feito de momentos, mas aqui parece ser feito de ordens." E com isso, voltou ao trabalho, enquanto o relógio continuava a girar, implacável, indiferente, eterno.

14:00

Quando Beethoven se Torna um Ponto: O Tempo e a Música na Perspectiva de Stockhausen

Karlheinz Stockhausen, sentado ao piano num auditório silencioso, ajustou os óculos enquanto olhava para o público. A sua expressão era de curiosidade, quase como se ele próprio estivesse prestes a descobrir algo novo ao partilhar as suas ideias. O silêncio era absoluto; todos aguardavam. — Vamos falar sobre tempo e som, — começou ele, com a sua voz calma mas autoritária. — Sobre como a música existe porque existe o tempo. E, mais importante, sobre como a música muda quando o tempo muda. Ele tocou uma nota no piano, deixando-a ressoar antes de falar novamente. — Imaginem a Nona Sinfonia de Beethoven. Um monumento musical, rico em harmonias e cheio de significado. Agora imaginem que a tocamos normalmente.

Os seus temas, os seus desenvolvimentos, os seus contrastes... Tudo ali, tudo claro. Mas e se começarmos a acelerar? Ele levantou a mão, como se pedisse permissão para quebrar um tabu. — Primeiro, se acelerarmos ligeiramente, começamos

a sentir uma urgência. A música ganha intensidade. Mas vamos além. Acelerem mais. Acelerem até que os minutos da sinfonia se reduzam a segundos, a frações de segundos. O que acontece? Fez uma pausa, deixando a questão pairar no ar. — O que acontece é que a organização tonal desaparece. A melodia, a harmonia, todos os detalhes que os nossos ouvidos reconhecem como musicais se dissolvem. A Nona Sinfonia de Beethoven transforma-se em ruído. Um ponto. Um instante sonoro indistinto.

Stockhausen levantou-se e começou a caminhar pelo palco, como se falasse directamente a cada pessoa. — E por que isso acontece? Porque a música é feita de tempo. Nós ouvimos a música porque os sons estão organizados no tempo, como um fio que desenrola uma história. Quando comprimimos esse fio, quando o esticamos além do que os nossos ouvidos podem acompanhar, perdemos a história. A música deixa de ser música e torna-se apenas som. Ele voltou ao piano e tocou algumas notas espaçadas. — Acelerem isto, e torna-se uma explosão de som. Retardem, e cada nota se torna uma paisagem inteira, com detalhes que nunca perceberiam numa velocidade normal.

Com um sorriso, olhou novamente para o público. — E isso, meus caros, é o que a música tem para nos ensinar sobre o tempo. O tempo não é apenas um pano de fundo onde as coisas acontecem. Ele é o que dá sentido às coisas. Sem o tempo, não há música. Apenas ruído.

O público permanecia em silêncio, absorvendo cada palavra, cada gesto. E, assim, Stockhausen

transformava o conceito mais abstracto de todos, o tempo, numa experiência palpável, quase audível. Porque, afinal, no universo de Stockhausen, o tempo não era apenas uma dimensão. Era a própria melodia da vida. Enquanto Stockhausen apresentava a sua palestra, num outro lugar e num passado distante, Beethoven estreava a sua Nona Sinfonia, quando algo inesperado aconteceu. As últimas notas da última sinfonia de Beethoven ecoavam na sala, arrancando aplausos e lágrimas do público. Beethoven, tomado pela emoção, inclinou-se para agradecer, mas num passo em falso, caiu no fosso da orquestra.

Em vez de bater no chão, encontrou-se a flutuar num redemoinho de luz e som, como se cada nota da sua sinfonia tivesse tecido um portal. Quando abriu os olhos, estava num espaço estranho. Não era exactamente um lugar; era uma dimensão onde o tempo parecia dobrar-se sobre si mesmo. À sua frente, um homem de cabelo desalinhado e olhar intenso observava-o com curiosidade. — Bem-vindo, Ludwig van Beethoven, — disse Karlheinz Stockhausen, com um leve sorriso. — Sou Karlheinz Stockhausen. Estamos no futuro, num ponto onde o tempo e a música se encontram. Beethoven, ainda atordoado, limpou o casaco e olhou em redor. — Que bruxaria é esta? Onde estou?

E quem é o senhor para me arrancar de uma das minhas maiores noites? — Calma, mestre, — disse Stockhausen. — Trouxe-o aqui porque quero partilhar uma ideia. Algo que talvez desafie o que entende por música. — Desafiar-me? — Beethoven arqueou uma sobrancelha. — Fui eu que rompi com

as convenções! Diga-me, o que é tão revolucionário assim? Stockhausen aproximou-se, os olhos brilhando de entusiasmo. — Imagine a sua Nona Sinfonia, mestre. Agora imagine que a comprimimos a tal ponto que toda a sua duração se reduz a um segundo. O que acha que aconteceria? Beethoven piscou, incrédulo. Depois de um momento de silêncio, explodiu. — Um segundo? Comprimir a minha obra-prima num segundo? Isso é um insulto!

Seria como esmagar uma catedral até ela caber numa caixa de fósforos! Stockhausen manteve a calma, gesticulando com as mãos. — exactamente, Ludwig! E o que restaria? Um ponto. Um som. Talvez apenas ruído. E é isso que quero explorar. Como o tempo define a nossa percepção da música. Beethoven cruzou os braços, ainda irritado.

— E porque não faz o oposto? Estique uma das suas obras até ao infinito. Veja se isso não a transforma num bocejo sem fim! Stockhausen riu, um som inesperadamente caloroso. — Já pensei nisso. Na verdade, já criei obras que exploram o conceito de eternidade. Mas aqui estamos a falar de algo diferente. O tempo é a essência da música. Quando o alteramos, alteramos tudo. O que acontece à sua melodia quando ela se torna tão curta que deixa de ser reconhecível? Beethoven esfregou o queixo, pensativo. — Nunca considerei isso. Sempre pensei na música como algo que flui. Um rio que conta uma história. — E se fosse uma gota, em vez de um rio? — provocou Stockhausen. — Não teria ainda assim a essência da história?

Beethoven riu-se, finalmente relaxando. — O senhor é um louco. Mas talvez haja algum sentido no que

diz. Contudo, não pense que vou permitir que brinque assim com a minha obra. A Nona é intocável. Stockhausen inclinou-se, respeitoso. — Concordo. A Nona é um monumento. Mas não é isso que os monumentos fazem? Fazem-nos pensar no tempo, no que é eterno e no que é fugaz. E assim, os dois gigantes da música, separados por séculos, sentaram-se juntos. Beethoven ao piano, a improvisar algo que parecia infinito, enquanto Stockhausen ajustava os seus dispositivos eletrónicos, transformando sons em pontos de luz.

Naquele lugar onde o tempo se dobrava, as ideias fluíam, mostrando que a música, tal como o tempo, não tem limites.

15:00

O Tempo Passado, O Futuro Esquecido: Miguel e Mariana no Crepúsculo das Alterações Climáticas

O relógio na parede marcava as 16:00, mas para o planeta, o tempo parecia estar num compasso acelerado, como um metrónomo enlouquecido. Na pequena aldeia costeira, o céu estava de um cinzento doentio, carregado com a ameaça de uma tempestade que parecia estar sempre ao virar da esquina. O vento trazia consigo um calor seco, o tipo de calor que não deveria existir em pleno inverno. Lá fora, Mariana olhava para o mar, cujas ondas batiam nas rochas com uma força que parecia querer devorá-las. A água, mais alta do que deveria estar, lambia as margens da estrada principal, onde há apenas uma década as crianças brincavam sem medo de se molhar.

Agora, essas crianças estavam crescidas e observavam, inquietas, o que o futuro lhes reservava. — Lembras-te de quando as estações eram previsíveis? — perguntou Miguel, inclinando-se na cadeira da cozinha, com uma chávena de café esquecida nas mãos. Ele olhou para Mariana, cujo rosto parecia reflectir o estado do

mundo: uma mistura de resignação e urgência. — Lembro-me — respondeu ela, sem desviar os olhos do horizonte. — Mas acho que não damos conta de quando as coisas mudam. Elas só mudam, e depois, um dia, percebemos que não há mais volta. Miguel suspirou. Pegou no telemóvel e deslizou o dedo pelo ecrã.

As notícias eram um desfile de tragédias climáticas: cheias catastróficas na Ásia, secas severas em África, florestas tropicais a arder como velas de um bolo de aniversário que celebrava o fim do mundo. — Sabes, os cientistas dizem que o tempo era o nosso maior aliado. — A voz de Miguel quebrou o silêncio. — Tínhamos tempo para nos adaptar, para mudar, para corrigir. Mas agora... agora parece que o tempo virou as costas. Está a fugir de nós. Mariana virou-se para ele, com um olhar cansado mas decidido. — O tempo não virou as costas, Miguel. Fomos nós que o queimámos. Queimámos o tempo nas nossas fábricas, nos nossos carros, nas nossas vaidades. E agora, estamos a viver nos segundos que restam.

Miguel olhou para ela, tentando encontrar as palavras certas, mas o peso da verdade era esmagador. Ele voltou a olhar para o ecrã, onde uma imagem de um urso polar perdido num pedaço de gelo flutuante parecia implorar por algo que ele não podia dar. — Achas que ainda temos tempo? — perguntou ele, quase num sussurro. Mariana voltou a olhar para o mar, que continuava a avançar, lento mas inexorável. — Tempo? Talvez. Mas não é o tempo que precisamos. Precisamos de coragem. O tempo pode ser um relojoeiro impiedoso, mas nós é

que lhe demos a corda.

Lá fora, as primeiras gotas de chuva começaram a cair. Mas não eram gotas comuns; eram pesadas, quase oleosas, carregadas com o peso de um mundo em desequilíbrio. E assim, enquanto o relógio marcava 16:01, o planeta continuava o seu curso, prisioneiro de um tempo que nunca parava, mas que parecia estar sempre a correr para um fim inevitável. Agora o relógio no canto da sala marcava 16:30, mas para Miguel e Mariana, o tempo já não era medido em minutos ou horas. Era medido em memórias, em perdas, em esperanças desfeitas. A pequena casa, agora cercada por dunas onde antes havia florestas, rangia com o vento incessante que parecia nunca se cansar.

Miguel estava sentado na sua velha poltrona, olhando para fora através de uma janela embaçada pela poeira. O mar, que antes era uma visão distante, agora lambia as margens do quintal. As ondas estavam mais próximas do que ele alguma vez imaginara. — Lembras-te de quando ainda tínhamos estações? — perguntou Miguel, com a voz rouca, quase abafada pelo som do vento. Mariana, sentada na outra ponta da sala, segurava um cobertor sobre os joelhos. O rosto dela, marcado pelo tempo, ainda guardava uma expressão de força tranquila. — Lembro-me — respondeu ela, com um tom melancólico. — Lembro-me de quando as árvores davam sombra e as crianças corriam pelas ruas sem medo do calor.

Agora, até o ar parece estar em guerra connosco. Miguel suspirou, apoiando o queixo na palma da mão. — Achávamos que o tempo ia reparar tudo.

Que tínhamos todo o tempo do mundo para mudar as coisas. Mas agora... agora o tempo só nos serve para contar o que perdemos. Mariana olhou para ele, os olhos cheios de uma tristeza contida. — Sempre dissemos que o tempo era um recurso. Mas tratámo-lo como se fosse infinito. Gastámo-lo sem pensar nas consequências. E agora, aqui estamos, a viver o que restou. Lá fora, uma rajada de vento fez com que a porta batesse.

Miguel levantou-se lentamente para fechá-la, o corpo curvado pela idade e pelo peso de um mundo desfeito. — Sabes, Mariana — disse ele, enquanto voltava para a poltrona —, às vezes pergunto-me se fizemos tudo o que podíamos. Se, de alguma forma, poderíamos ter mudado o rumo das coisas. Mariana sorriu, um sorriso pequeno e cansado. — Fizemos o que sabíamos fazer, Miguel. Mas o problema nunca foi só o que fizemos. Foi o que não quisemos ver. Acreditámos que o amanhã sempre estaria lá. Que o tempo era o nosso aliado. Mas o tempo... o tempo estava a passar por nós.

O silêncio instalou-se entre eles, interrompido apenas pelo som do vento e do mar a avançar. Finalmente, Miguel quebrou o silêncio, com uma risada baixa e amarga. — E pensar que os cientistas avisaram. Fizeram contas, gráficos, previsões. E nós? Rimos, discutimos, adiámos. O tempo deu-nos todas as oportunidades. E agora? Agora temos apenas o tempo para esperar. Mariana estendeu a mão trémula e pousou-a na dele. — Ainda temos algo, Miguel. Ainda temos um ao outro. E talvez, mesmo neste caos, ainda possamos encontrar pequenos momentos para lembrar que o tempo,

mesmo assim, ainda é uma dádiva. Os dois ficaram em silêncio, olhando para o horizonte onde o céu se misturava com o mar.

O futuro era incerto, mas naquele momento, enquanto o sol começava a descer, o tempo parecia parar apenas para eles.

16:00

O Relógio e o Cronómetro: Uma Conversa Onírica sobre o Tempo

A sala parecia envolta num crepúsculo permanente, enquanto as sombras da tarde começavam a alongar-se. Era a hora perfeita para falar sobre o maior domesticação do tempo: a invenção do relógio mecânico. Por volta do século XIV, a necessidade de medir o tempo com precisão tornou-se um imperativo. As primeiras cidades medievais fervilhavam com comércio e produção, e a coordenação das atividades diárias já não podia depender apenas do movimento do sol ou da memória das badaladas de um sino. Foi nesse contexto que surgiram os primeiros relógios mecânicos, e entre os pioneiros destacava-se Richard of Wallingford, um monge inglês com uma obsessão pelo cosmos e pela mecânica.

Richard nasceu em 1292, numa Inglaterra de mudanças lentas e tradições profundamente enraizadas. Desde cedo, demonstrou um fascínio incomum pelos céus, passando horas a observar o movimento das estrelas e a desenhar esquemas que tentavam captar o mistério do tempo. Na Abadia de St. Albans, onde se tornou abade, Richard construiu um dos primeiros relógios astronómicos do mundo

— uma maravilha que não só marcava as horas, mas também mostrava o movimento dos planetas e as fases da lua. Este relógio, conhecido como "Horologium", não era apenas uma máquina, mas uma revolução silenciosa. Pela primeira vez, os humanos tinham algo tangível para confrontar o tempo.

As badaladas que emanavam do seu mecanismo ecoavam pelas aldeias, marcando o início e o fim das atividades, criando um ritmo colectivo onde antes havia dispersão. Os campos eram cultivados com mais precisão, os mercados seguiam horários definidos e até os sinos das igrejas sincronizavam as orações dos fiéis. Mas o relógio não foi apenas um triunfo técnico. Ele transformou a forma como os humanos percebiam o mundo. O tempo, antes um conceito fluido e dependente dos ciclos naturais, tornou-se um recurso contável, parcelado em horas, minutos e, eventualmente, segundos. Com isso, veio também a ansiedade. A ideia de “perder tempo” ou de “não ter tempo suficiente” nasceu com o som das engrenagens.

Mariana, de olhos fixos num pequeno relógio de pulso antigo que ela guardava como relíquia, refletia sobre essa transformação. — Miguel, imaginaste viver numa época antes de saberes a hora exacta? Antes de haver calendários, smartphones, alarmes? Como achas que seria? Miguel olhou para o relógio de parede, um objecto simples que nunca deixava de marcar a sua presença com o tique-taque incessante.

— Acho que devia ser libertador — respondeu ele. — Mas também confuso. Imagina tentar marcar um

encontro sem sabermos se estamos no mesmo "tempo". — E ainda assim, — Mariana sorriu, — mesmo com toda a precisão, continuamos a chegar atrasados. O riso deles ecoou suavemente, enquanto o sol descia mais uma vez, obedecendo às leis inalteráveis de um cosmos que nem o melhor dos inventores poderia domesticar completamente. O legado de Richard of Wallingford e de outros como ele permanece, mas com ele veio também um lembrete: o tempo pode ser medido, mas nunca possuído.

E assim, enquanto o mundo se tornava cada vez mais dependente do seu ritmo mecânico, o homem permanecia, paradoxalmente, prisioneiro e senhor do tempo. A sala parecia suspensa num tempo próprio, enquanto Miguel ajeitava os óculos para ler mais sobre um objecto que revolucionara o mundo moderno: o cronómetro. Na penumbra da tarde, as palavras do livro que segurava traziam a história de John Harrison, o homem que desafiou o tempo e os mares para criar o instrumento mais preciso que o mundo já tinha visto. John Harrison, um carpinteiro inglês nascido em 1693, nunca imaginou que mudaria a história da navegação e do tempo. Desde jovem, mostrava uma habilidade impressionante para criar engenhos mecânicos.

Quando os mares se tornaram o palco do comércio global, a necessidade de determinar a longitude com precisão tornou-se crucial. Era comum que navios se perdessem ou se despenhassem por erros de cálculo, custando vidas e fortunas. E assim surgiu o desafio lançado pelo Parlamento britânico: um prémio de 20 mil libras para quem resolvesse o

problema da longitude. Harrison mergulhou de cabeça nesse enigma. Ele acreditava que a chave para a longitude estava no tempo — ou, mais precisamente, na capacidade de medi-lo de forma exacta, mesmo nas condições adversas do alto-mar. Foi assim que, após décadas de trabalho meticuloso, ele criou o cronómetro marítimo H4, em 1761.

Um relógio portátil, preciso e resistente, que se tornou uma verdadeira revolução. Na cozinha, Mariana preparava chá enquanto Miguel lia em voz alta: — "O cronómetro de Harrison não era apenas um objecto; era um portal para uma nova era. Com ele, o tempo deixava de ser apenas um conceito abstracto e passava a ser um aliado da exploração e do progresso." Mariana sorriu enquanto colocava duas chávenas na mesa. — Imagina, Miguel, passar meses no mar sem saber onde estás e, de repente, um relógio pode dizer-te isso. Deve ter sido quase mágico. — E pensar que, hoje em dia, usamos a precisão do tempo para coisas tão mundanas como marcar um alarme para acordar cedo — respondeu Miguel, rindo.

— Mas na época, o cronómetro não era apenas uma ferramenta. Era sobrevivência, era futuro. O H4 de Harrison foi testado numa viagem a bordo do HMS Deptford. Quando retornaram, os cálculos de longitude provavam que o cronómetro tinha funcionado. No entanto, como a história muitas vezes é injusta, levou anos até que Harrison recebesse o reconhecimento que merecia. Mariana pousou a sua mão sobre a de Miguel. — Sabes o que acho fascinante? É que, com o cronómetro, Harrison não apenas mediu o tempo; ele deu-nos a

capacidade de o dominar. Mas também nos lembrou que o tempo, no final das contas, sempre segue o seu próprio curso. Miguel fechou o livro com um suspiro. — Talvez seja isso que torna o tempo tão intrigante.

Podemos medi-lo, controlá-lo, organizá-lo... Mas nunca podemos detê-lo. E o cronómetro, Mariana, foi a primeira grande ferramenta que nos deu a ilusão de que podíamos. Os dois ficaram em silêncio, ouvindo o tique-taque do relógio de parede, enquanto o crepúsculo coloria o céu. E assim, entre chávenas de chá e memórias de invenções passadas, o tempo continuava o seu percurso, lembrando que cada segundo é um presente. Miguel e Mariana, exaustos das discussões e reflexões sobre o tempo, adormeceram no conforto do sofá. As suas mentes, ainda ocupadas com as ideias do dia, mergulharam num sonho partilhado, onde o tempo ganhava voz e personalidade.

E assim, na vastidão do mundo onírico, um relógio de parede antigo e um cronómetro moderno encontraram-se para um diálogo improvável. — Olá, velho amigo — disse o Cronómetro, com o brilho prateado da sua carcaça reflectindo uma luz inexistente. — Ainda a marcar o tempo de forma tão... compassada? O Relógio, com o mostrador amarelecido pelo passar dos anos, respondeu com um tique-taque pausado: — E tu, jovem presunçoso? Ainda a tentar medir o que ninguém pode controlar? O Cronómetro riu, um som metálico e ligeiramente arrogante. — Eu não tento controlar o tempo, caro Relógio. Eu capturo os seus momentos mais fugazes.

Nos meus ponteiros, vivem os segundos mais preciosos — as vitórias, os recordes, os limites da humanidade. — E enquanto o fazes, esqueces-te do que é essencial. — O Relógio girou lentamente os ponteiros, como se ponderasse. — Eu dou ritmo às vidas. Marcando cada hora, cada dia, ajudo a criar memórias. O teu tempo pode ser rápido, mas o meu é constante. — Constante? Ou aborrecido? — provocou o Cronómetro. — Eu sou a urgência, o pulso da adrenalina. Sou o que torna cada segundo vital. O Relógio suspirou, se é que um relógio pode suspirar.

— E eu sou o que torna o tempo compreensível. Sem mim, os dias seriam caos. Tu serás talvez a paixão, mas eu sou a ordem. Mariana, ainda adormecida, mexeu-se ligeiramente no sofá, e o sonho pareceu intensificar-se. O Relógio continuou: — Sabes, há uma coisa que nós partilhamos, jovem Cronómetro. Ambos somos invenções humanas. Ambos existimos porque os homens não suportam a incerteza do tempo. O Cronómetro, por um instante, pareceu reflectir. — Talvez tenhas razão. Mas, no final, não somos apenas ferramentas. Somos memórias. Sou as vitórias dos atletas, os momentos exactos que definem a história.

Tu és o som tranquilizador em noites solitárias, o eco das vidas que passam. — E, juntos, somos o que dá sentido ao tempo humano. — O Relógio sorriu com um leve tique. Enquanto o diálogo prosseguia, Miguel e Mariana flutuavam na vastidão do sonho, observando como testemunhas silenciosas. Quando finalmente acordaram, não disseram uma palavra. Mas ambos sabiam que algo tinha mudado — no

sonho, no tempo e, talvez, neles mesmos.

17:00

A Escultura que Canta: Quando o Tempo e o Espaço se Encontram

A sala de pintura estava mergulhada num silêncio peculiar, interrompido apenas pelo som do vento que passava pela janela entreaberta. Numa mesa, um pincel repousava, as suas cerdas ligeiramente tingidas de uma cor azul esquecida, enquanto diante dele, uma tela branca permanecia em expectante quietude. — Por quanto tempo mais vais ficar aí, inerte? — perguntou a Tela, rompendo o silêncio. — Estou à espera de ti para existir. O Pincel, meio adormecido no seu descanso, ergueu-se com um leve arquejo de indignação. — Ah, Tela, não sejas tão impaciente. Sabes que o tempo da pintura é diferente. Para ti, sou um instante; para mim, cada pincelada é uma eternidade.

A Tela sorriu, se é que uma tela pode sorrir. — Eternidade? Mal posso esperar para ver o que chamas de eternidade. Para mim, tempo é vazio — branco e estéril. Preciso de ti para o preencher. O Pincel suspirou, rodopiando nas suas cerdas como se refletisse profundamente. — Pois bem, Tela, deixa-me contar-te algo. Cada toque meu não é apenas cor. É memória. Cada linha que traço é uma lembrança do instante em que foi criada. E tu, na

tua vastidão branca, és o espelho de todos os momentos que o tempo recolhe. — Palavras bonitas, ó Pincel. Mas, sem mim, onde colocarias essas memórias? Onde ancorarias as tuas eternidades? — provocou a Tela.

O Pincel inclinou-se ligeiramente, como se reverenciasse a sua interlocutora. — Tens razão. Sem ti, as minhas cores seriam apenas sombras no vazio. E, no entanto, sem mim, tu serias apenas uma promessa por cumprir. Juntos, fazemos do tempo algo tangível. A Tela manteve-se em silêncio por um instante, absorvendo as palavras do Pincel. — E o que é, então, o tempo na pintura? É o momento em que me tocas? Ou é o resultado final, quando me olham e veem o que criámos juntos? O Pincel hesitou antes de responder. — O tempo na pintura é todos esses momentos e mais. É o instante em que me movo, a reflexão que antecede a primeira pincelada, o olhar contemplativo que segue cada traço.

O tempo é o que nos une e o que nos torna eternos. A Tela parecia satisfeita, mas não totalmente convencida. — Então, Pincel, porque não começamos? Mostra-me o teu tempo e, juntos, vamos preenchê-lo com algo que dure para sempre. O Pincel, agora completamente desperto, ergueu-se como um maestro que se prepara para conduzir uma sinfonia. Tocou a Tela com um gesto suave, e a primeira linha de azul atravessou o branco, como um relâmpago que inaugura uma tempestade de cores.

— Aqui estamos, Tela — murmurou o Pincel. — Este é o nosso tempo. E assim, na quietude da sala, o

diálogo entre o Pincel e a Tela transformou-se numa obra de arte, cada traço carregado de memórias, cada cor uma celebração do tempo que, na pintura, se tornou palpável e eterno.

Num outro canto esquecido de uma sala de ensaios, um metrónomo analógico de madeira, com um pêndulo gasto, observava com desconfiança o seu colega digital, brilhante e novo, que repousava num estojo elegante. — Não achas que estás demasiado seguro de ti mesmo? — começou o Analógico, o seu pêndulo oscilando com um tique-taque deliberado. — O teu brilho pode impressionar, mas não te esqueças: fui eu quem manteve os músicos no ritmo por gerações antes de sequer sonharem contigo. O Digital piscou o visor com um número exacto: 120 BPM. — Claro, respeitável ancião, mas convenhamos. Eu sou precisão pura. Ofereço tempos perfeitos, subdivisões, compasso composto.

Posso até mudar o timbre do meu som para agradar ao gosto do maestro. — Ah, precisão — resmungou o Analógico. — Tu chamas isso de precisão, mas para mim, é artificial. O meu tique-taque pode ter pequenas variações, é verdade, mas isso é a vida. O tempo não é uma linha recta, meu amigo. É um pulso, uma respiração. Os músicos sentem-me, não me seguem como autómatos. O Digital ajustou o visor, que agora mostrava uma série de opções: 3/4, 6/8, 12/8. — E quem disse que eu não posso ser orgânico? Posso simular ligeiras irregularidades, criar um rubato. Mas também posso garantir que a orquestra inteira comece no mesmo pulso, sem desculpas para desacertos.

O Analógico, agora um pouco irritado, rebateu: — Ah, mas onde está a alma nisso? Eu não preciso de ecrãs ou botões. Apenas um giro da chave e o meu pêndulo começa a balançar, como um coração que bate. Sou uma presença física, uma companhia tátil no silêncio de uma sala de ensaios. O Digital piscou novamente, desta vez exibindo um gráfico de onda. — Isso é adorável, mas ultrapassado. Hoje em dia, os músicos precisam de precisão milimétrica, especialmente na gravação. Sou eu que os ajuda a criar obras impecáveis, que ficam para a posteridade. O Analógico balouçou o pêndulo num ritmo suave, quase melódico. — E é exactamente por isso que a tua frieza me preocupa. O tempo não é apenas uma questão de medicião.

É sentimento. O que vale uma música perfeita se não mexer com a alma de quem a escuta? Por um momento, o Digital silenciou o visor, como se refletisse. — Talvez tenhas um ponto, velho amigo. Mas não achas que juntos somos melhores? Eu trago a precisão, e tu trazes a alma. Que músico não gostaria de nos ter ambos ao seu lado?

O Analógico hesitou antes de responder. O seu tique-taque pareceu mais suave, quase reconciliador. — Talvez tenhas razão. O tempo, afinal, é tanto exatidão quanto emoção. Não somos adversários, mas aliados na música que dá sentido à passagem dos momentos. E assim, no silêncio da sala, o Relógio e o Cronómetro aprenderam que, mesmo em mundos diferentes, havia algo que os unia: o desejo de dar forma ao tempo através da música. Entretanto num canto iluminado de um ateliê, Marcel Duchamp contemplava a sua mais

recente criação: a Escultura Sonora. Ela não era apenas um objecto; era um conceito, uma ideia que vibrava no tempo e no espaço.

E, para sua surpresa, essa ideia agora falava. — Ah, Monsieur Duchamp, finalmente decidiste dar-me forma — disse a Escultura, a sua voz um murmúrio melódico que parecia sair de dentro das suas curvas e frestas. — O que te levou a misturar o som com o espaço? Duchamp cruzou os braços e sorriu ligeiramente, com aquele brilho irônico que lhe era característico. — Sempre me intrigou a ideia de que o tempo é invisível, mas tangível. E o som é o seu embaixador. Se o tempo pudesse ser moldado, penso que seria algo como tu. Uma forma que não é só para ser vista, mas também ouvida. A Escultura riu, um som cristalino que ecoou pelo ateliê. — E, no entanto, tu brincaste com o espaço durante toda a tua carreira.

Com as tuas rodas de bicicleta, os teus uránicos ready-mades, sempre desafiaste a ideia do que o espaço poderia ser. Mas agora, com som, entras num novo domínio. Como te atreves a chamar-me apenas uma escultura? — Tens razão — admitiu Duchamp, aproximando-se. — Talvez eu tenha finalmente percebido que o tempo e o espaço não podem ser separados. Tu existes entre esses dois mundos. Cada som que emites é um momento, e cada curva tua é um eco desse momento. — E o que farás comigo, então? Vais deixar-me aqui, num ateliê vazio, ou levar-me para ser admirada por olhos que não entendem os meus segredos? Duchamp inclinou a cabeça, pensativo. — Talvez te leve ao mundo, talvez não. Mas isso não importa.

O que importa é que existes, e a tua existência já desafia tudo o que sabemos sobre arte, som e tempo. A Escultura sorriu, ou pelo menos deu a impressão disso, através de um leve sussurro que parecia um riso. — Oh, Marcel, tu nunca mudarás. Mas eu gosto disso. Afinal, a arte não é para ser entendida. É para ser sentida. E eu sou a prova de que o tempo e o espaço, quando unidos, podem cantar.

E assim, no silêncio do ateliê, Duchamp e a Escultura Sonora permaneceram, como criador e criação, unidos por um diálogo que transcendeu as fronteiras do que é visível e audível, do que é tempo e do que é espaço.

18:00

A Partida entre o Espaço e o Tempo: Duchamp e Cage no Tabuleiro

John Cage estava sentado numa poltrona desgastada no canto de um salão imaginário, rodeado por figuras ilustres da história da música. Ao seu lado, Ferruccio Busoni também estava acomodado, com um olhar sereno e contemplativo. Mais ao fundo, Alphonse Allais mantinha um semblante brincalhão, enquanto Erwin Schulhoff tamborilava os dedos no ar, como se tocasse uma melodia invisível. Yves Klein, porém, permanecia de pé, de braços cruzados, olhando para Cage com uma mistura de curiosidade e desafio. — Então, Cage — começou Busoni, com uma voz calma mas incisiva —, como é que decidiste que o silêncio podia ser uma composição? Cage sorriu, inclinando-se ligeiramente para a frente. — O silêncio nunca foi uma ausência.

Sempre o vi como uma moldura para o som. Quando compus "4'33'"", não queria criar nada vazio. Queria abrir um espaço para que os sons do mundo entrassem e fossem a música. Alphonse Allais soltou uma gargalhada. — Meu caro, estás a reinventar a roda! Já em 1897, escrevi o meu "Funeral March for the Obsequies of a Deaf Man" — vinte e quatro

compassos de absoluto silêncio. E não me venha dizer que não ouviste falar disso! Cage levantou as mãos, num gesto de rendição. — Admito que não estava consciente da tua obra na época. Mas talvez o silêncio esteja no ar, esperando que o ouçamos. Erik Satie influenciou-me profundamente. Talvez o teu funeral silencioso tenha sido mais um eco nessa linha de pensamento.

Schulhoff interveio, os olhos brilhando de entusiasmo. — Não esqueças o meu "In Futurum"! Tudo feito de pausas e silêncios. Um mundo de possibilidades escondido nas pausas entre as notas. Yves Klein finalmente quebrou o seu silêncio. — O meu "Monotone-Silence Symphony" dedicou vinte minutos inteiros ao silêncio. Não para preencher um vazio, mas para criar uma tensão. O que dizes a isso, Cage? Cage acenou lentamente, como quem absorve cada palavra. — Digo que o silêncio é uma tela em branco para todos nós. Cada um de vocês encontrou uma forma de moldá-lo. Eu apenas quis mostrá-lo como é, sem molduras ou ornamentos.

Busoni sorriu, quase paternal. — Talvez o silêncio seja o único ponto em que todos os compositores se encontram. Porque é no silêncio que percebemos a verdadeira essência da música: o que não é dito, mas sentido. A sala ficou em silêncio por um instante. Um silêncio carregado de significado, como se os sons ausentes contassem uma história que nenhum deles poderia

articular plenamente. E assim, naquele espaço imaginário, os precursores e o pioneiro do silêncio partilharam um momento que transcendeu palavras, notas e pausas, unindo-os no coração daquilo que

faz da música algo universal: o espaço entre os sons. Marcel Duchamp entrou na sala, o seu olhar enigmático varrendo o espaço como se cada detalhe estivesse a ser cuidadosamente arquivado na sua mente. Os outros compositores e artistas, percebendo a presença magnética de Duchamp, retiraram-se em silêncio, como se compreendessem que algo extraordinário estava prestes a acontecer. Apenas John Cage permaneceu, sentado calmamente numa cadeira, com as mãos pousadas sobre os joelhos, aguardando o próximo evento.

Duchamp aproximou-se e, com um gesto teatral, colocou um tabuleiro de xadrez sobre a mesa entre eles. — Cage, meu caro, ouvi dizer que tens andado a mexer em conceitos que só poderiam ter saído da minha própria mente. Esse teu "4'33'"... não é, por acaso, o meu conceito de Object Trouvé, traduzido para a música? Cage sorriu, ajustando os óculos enquanto movia um peão com tranquilidade. — Duchamp, o teu Object Trouvé é um génio da escultura e da pintura. Eu, no entanto, trabalho com o tempo. O meu "4'33'" é uma experiência temporal, onde o silêncio se transforma em música porque depende do momento, do espaço sonoro em que é realizado.

Duchamp ergueu uma sobrancelha e moveu o cavalo, provocando Cage. — Ah, mas não vês aqui a mesma essência? Eu pego num urinol e transformo-o numa obra de arte porque o coloco num contexto diferente. Tu fazes o mesmo com o silêncio — transformas algo comum numa experiência sublime apenas porque lhe dás um enquadramento novo. Cage tamborilou os dedos na

mesa, como se estivesse a compor mentalmente a próxima jogada. — Concordo que há um paralelismo, mas a diferença fundamental é que o teu urinol é um objecto fixo, espacial, enquanto o meu silêncio é fluido, dependente do tempo. Cada execução de "4'33'"" é única, porque os sons do ambiente nunca se repetem da mesma maneira.

Duchamp riu baixinho e moveu uma torre. — Muito bem, admito que tens o teu ponto. Mas se o teu silêncio é música porque depende do tempo, não poderia o meu "Fonte" ser uma obra musical num sentido mais amplo? Afinal, ele também gera reações no tempo, enquanto o observador o contempla. Cage inclinou-se para a frente, ajustando novamente os óculos. — Fascinante ideia. Talvez, Duchamp, a verdadeira diferença entre nós seja apenas a forma como escolhemos os nossos meios de expressão. Tu enquadras o espaço. Eu moldo o tempo. No fundo, ambos estamos a criar experiências humanas.

Duchamp sorriu, movendo o rei para uma posição inesperada. — E é por isso que estamos aqui, Cage. A desafiar as fronteiras entre o espaço e o tempo, entre a música e a arte. Mas diga-me, consegues ganhar-me neste tabuleiro? Cage respondeu com um sorriso tranquilo, movendo a rainha para um xeque-mate suave, mas definitivo. — Parece que desta vez, Duchamp, o tempo venceu o espaço. Os dois riram, numa cumplicidade que transcendia os limites das suas próprias disciplinas. E assim, naquele salão imaginário, tempo e espaço encontraram um equilíbrio inesperado, no jogo eterno da criatividade humana.

19:00

O Brinde ao Tempo ou Um Diálogo entre a Heroína e a Cocaína

Era uma noite densa, carregada de silêncios e murmúrios que pareciam surgir do próprio tecido do tempo. Numa pequena sala iluminada por candeeiros de gás, o químico Felix Hoffmann, um jovem que trabalhava para a farmacêutica Bayer, mexia lentamente uma solução num frasco de vidro. O ano era 1897, e Hoffmann, sem o saber, estava prestes a criar algo que distorceria a perceção do tempo para sempre. A descoberta começou como um gesto quase rotineiro, um movimento deliberado e calmo, como se o próprio tempo estivesse a observá-lo. Hoffmann procurava uma solução medicinal para aliviar dores intensas, algo mais potente do que a morfina, mas menos viciante — ou assim pensava.

No entanto, o que emergiu daquele frasco não foi apenas um composto químico; foi um portal para um estado de consciência onde o tempo não seguia as suas regras habituais. A substância cristalizou-se lentamente, formando pequenos grânulos brancos que Hoffmann observou com fascínio. Chamou-lhe heroína, derivado da palavra alemã heroisch, porque acreditava que os seus efeitos seriam heroicos no combate à dor. Mal sabia ele que este

nome se tornaria irônico — ou talvez profético —, porque a heroína iria transformar-se numa sombra colossal, atravessando décadas e gerações, alterando para sempre a perceção do tempo dos que a experimentavam.

Para os primeiros pacientes que receberam a heroína, o tempo tornou-se uma entidade maleável, quase tangível. Um segundo podia estender-se infinitamente, cada batida do coração ecoando como o som de um tambor distante num deserto sem fim. As dores desapareciam, mas com elas também se esvaía a urgência da vida. O presente expandia-se, enquanto o passado e o futuro se desvaneciam numa neblina indistinta. Para muitos, esse estado era um alívio, uma fuga ao ritmo impiedoso do mundo moderno. Mas para outros, era uma armadilha. A heroína não só retardava o tempo; aprisionava-o.

Aqueles que sucumbiam aos seus efeitos descreviam a experiência como estar suspenso numa bolha onde nada mais importava, onde cada segundo era um universo em si mesmo. “O tempo é uma construção humana,” pensou Hoffmann, observando a sua criação. Mas, naquele momento, ele ainda não podia imaginar como a sua descoberta atravessaria fronteiras e décadas, moldando a forma como a humanidade lida com a dor, o prazer e o tempo. Avancemos no tempo, para as ruas de Nova Iorque nos anos 1920, onde jovens artistas e escritores experimentavam a heroína como uma forma de expandir os limites da perceção. Para eles, o tempo não era uma linha recta, mas um círculo que se dobrava sobre si mesmo, criando laços e

voltas.

Entre as sombras e as

luzes da cidade, as suas mentes percorriam paisagens impossíveis, cada instante um mosaico de cores e sons que nunca poderiam ser capturados por palavras. E, no entanto, o tempo tinha um custo. Quanto mais se prolongava o presente, mais o futuro se encolhia. O que começava como uma experiência de transcendência acabava muitas vezes numa espiral de perda e desespero. O tempo, que parecia infinito sob o efeito da heroína, revelava-se afinal cruelmente finito. No final, a heroína não foi apenas uma descoberta química. Foi um espelho para a condição humana, para a nossa relação com o tempo e com a necessidade de o controlar ou escapar dele.

Hoffmann não poderia ter previsto o impacto da sua criação, mas, de certa forma, o tempo — sempre o tempo — acabaria por ser o juiz definitivo. Enquanto o sol se punha sobre o horizonte daquele dia de 1897, Hoffmann deixou o seu laboratório, sem saber que acabara de alterar para sempre a forma como os humanos percebem o tempo. E assim, o tempo continuava, indiferente, enquanto os ponteiros do relógio se moviam incessantemente, marcando os segundos de um futuro que ele nunca imaginaria. Era uma manhã abafada no verão de 1860, quando Albert Niemann, um jovem químico alemão, observava atentamente o conteúdo de um frasco de vidro no seu laboratório.

Sobre a bancada, folhas de coca cuidadosamente moídas esperavam para revelar os seus segredos.

Niemann estava prestes a isolar um composto que mudaria para sempre a relação da humanidade com o tempo: a cocaína. As primeiras etapas do processo foram meticulosas. A extração requeria paciência, precisão e tempo — ironicamente, o mesmo recurso que a sua descoberta alteraria para os que a experimentassem. Quando os cristais brancos finalmente se formaram, brilhando sob a luz trémula da lâmpada de gás, Niemann não tinha como prever a magnitude daquilo que tinha acabado de alcançar. A cocaína, um alcaloide poderoso, não era apenas uma substância química.

Era um acelerador do tempo, uma espécie de combustível que prometia energia ilimitada e uma concentração quase sobre-humana. Para aqueles que a experimentavam, o tempo não se desdobrava mais em momentos lineares; ele corria como uma torrente, intensa e implacável. Um segundo podia conter o esforço de uma hora, enquanto as horas evaporavam como vapor ao vento. No final do século XIX, a cocaína ganhou popularidade entre intelectuais, médicos e artistas. Sigmund Freud, por exemplo, referiu-se à substância como um "tónico milagroso". Para Freud, a cocaína oferecia um estado de clareza mental, uma capacidade de prolongar o tempo útil e uma fuga às limitações físicas.

Ele escreveu entusiasticamente sobre a forma como a cocaína parecia transformar o tempo num aliado, permitindo-lhe mergulhar por horas nos mistérios da mente humana.

Mas a história da cocaína não foi apenas de descoberta e admiração. Na década de 1920, as

suas propriedades alucinantes e viciante começaram a mostrar o seu lado sombrio. Para muitos, o tempo acelerado pela cocaína era também um tempo roubado. O que parecia uma janela aberta para possibilidades infinitas rapidamente se tornava uma porta fechada para a estabilidade. A cocaína encurtava distâncias, mas também vidas. Nas ruas das grandes cidades, desde Paris a Nova Iorque, surgiam figuras frenéticas, movidas por um ritmo que ninguém conseguia acompanhar.

Escritores como Robert Louis Stevenson e músicos de jazz como Charlie Parker encontraram na cocaína uma forma de explorar novos territórios criativos, mas ao custo de uma relação cada vez mais tensa com o tempo. Era como se o passado fosse obliterado, o presente fosse intensificado e o futuro fosse irrelevante. Num dos relatos mais famosos, um jovem poeta descreveu a experiência da cocaína como estar "suspenso entre o tique e o taque de um relógio". O tempo parecia parar, mas apenas para colapsar logo depois numa cascata de momentos perdidos. Era uma ilusão, uma promessa de controle que acabava por escapar pelos dedos. Niemann nunca viveu para ver o impacto completo da sua descoberta.

Morreu jovem, talvez consumido pelas próprias exigências do trabalho que o levou a desvendar o segredo da coca. Mas a cocaína permaneceu, atravessando épocas e culturas, sempre como um reflexo das ambições e fragilidades humanas. Hoje, a cocaína continua a ser um paradoxo do tempo. Promete mais tempo, mais energia, mais vida — mas frequentemente rouba o futuro para

intensificar o presente. Os cristais brancos que Niemann isolou tornaram-se um símbolo de poder e destruição, um lembrete de que o tempo, mesmo quando parece elástico, tem os seus limites. Enquanto o sol se punha naquele dia de 1860, Niemann provavelmente voltou para casa satisfeito com o seu progresso.

Ele não sabia que o seu trabalho abriria uma nova dimensão na relação humana com o tempo. Mas, como tantas outras descobertas, a cocaína revelou tanto sobre a natureza do universo quanto sobre a condição humana: o desejo insaciável de dominar o tempo, mesmo quando isso significa perdê-lo para sempre. No canto mais sombrio de um bar fictício, envolto por uma luz tremeluzente e o som abafado de um jazz melancólico, duas figuras improváveis estavam sentadas frente a frente. A heroína, envolta num áurea de calma e melancolia, tinha um copo de whisky nas mãos. A cocaína, por outro lado, vibrava com uma energia quase tangível, mexendo incessantemente no gelo do seu cocktail.

"Então, aqui estamos," disse a heroína, com um suspiro arrastado. "Tu, sempre apressada, e eu, sempre a desacelerar. O tempo, para ti, corre como um relâmpago. Para mim, escorre como mel."

A cocaína soltou uma gargalhada rápida, quase cortante. "Claro que corre! O tempo é uma corrida, querida. Cada segundo conta, e não há nada pior do que desperdiçê-lo. Enquanto tu arrastas os teus fiás e embalas o mundo numa lentidão mortificante, eu faço as coisas acontecerem. Estou nos momentos em que as ideias surgem, em que os pensamentos brilham." "Sim," respondeu a heroína, com um

sorriso triste. "E também nos momentos em que tudo desmorona. A tua pressa deixa um vazio tão grande quanto a velocidade que imprimes. Eu? Eu dou às pessoas o dom de sentir o infinito em cada segundo. Transformo o instante num éter sem fim." "Mas a que custo?" retrucou a cocaína, tamborilando os dedos na mesa.

"Tu prendes as pessoas numa espiral de nostalgia, num passado que não existe mais. Eu, pelo menos, dou-lhes o presente, a energia para conquistar o agora." "Ah, o agora," disse a heroína, inclinando-se para a frente. "O teu precioso agora é uma ilusão. Tão rápido quanto chega, vai-se embora. Eu dou-lhes uma pausa, um momento para contemplar, para escapar." O barman, um velho estoico com um avental manchado, aproximou-se. "Vocês vão querer mais alguma coisa?" "Sim, outro round," disse a cocaína, acenando impacientemente. "Estamos apenas a começar." "Para mim, talvez só água," murmurou a heroína, antes de voltar-se para a cocaína. "Sabes, nós somos como dois lados de uma moeda.

Onde estás, eu logo apareço, e vice-versa. As pessoas usam-te para acelerar e recorrem a mim para parar. No fundo, o tempo não nos pertence. Somos apenas serviços temporários." "E mesmo assim," respondeu a cocaína, com um sorriso astuto, "o mundo gira mais depressa comigo do que contigo." "Gira, talvez," disse a heroína, com um olhar pensativo. "Mas não se sustenta. Tudo o que acelera demasiado depressa acaba por colapsar. O tempo é uma corrente, e nós somos apenas desvios momentâneos." O barman voltou com as bebidas, e

por um momento, ambas ficaram em silêncio. A luz do bar cintilava sobre os copos, enquanto o jazz continuava a tocar.

Era como se o tempo, entre elas, tivesse decidido fazer uma pausa, dando-lhes um instante raro de compreensão mùtua. "Então, um brinde?" sugeriu a cocaína, levantando o copo. "Um brinde," concordou a heroína, com um meio sorriso, "ao tempo, que nunca nos pertence, mas que sempre controlamos." Os copos tilintaram, e o tempo, pela primeira vez naquela noite, parecia estar do lado delas.

20:00

A Dromologia: Quando o Tempo Acelera Demais para Ser Visto ou O Disparo que Nunca Acontece

O vento soprava suave naquela noite, carregando o aroma salgado do mar até ao terraço onde Paul Virilio, de caderno em mãos, rabiscava ideias que pareciam incendiar-lhe a mente. A cidade, vista do alto, era uma sinfonia de luzes e movimento. Carros brilhavam como cometas, atravessando avenidas em trajetórias que pareciam desafiar a noção de permanência. Foi nesse cenário, entre os ecos do mar e o zumbido incessante da cidade, que Virilio concebeu a ideia que o acompanharia para sempre: a dromologia. "Tudo é velocidade," murmurou ele para si mesmo, enquanto observava os faróis dançarem no horizonte. "Mas onde há velocidade, o tempo desmorona-se." Virilio não era apenas um pensador; era um arquiteto do tempo.

Nascido em Paris, cresceu entre os escombros da Segunda Guerra Mundial, onde os tanques e os aviões tornaram evidente que a velocidade não era apenas uma questão de deslocamento, mas também de poder. Para ele, o tempo não era uma linha recta, mas um fluxo que podia ser comprimido, distorcido,

até mesmo apagado pela pressa incessante da modernidade. No caderno que segurava, Virilio esboçava ideias que soavam como enigmas. Ele questionava o impacto da aceleração sobre a percepção humana, sobre a política, sobre o próprio existir. "A velocidade é a tirania invisível do nosso tempo," escreveu. "A tecnologia não só nos aproxima, mas também nos separa.

Quanto mais rápido é o mundo, menos somos capazes de viver o instante." Ele lembrava-se do primeiro momento em que a ideia de dromologia, a "ciência da velocidade", o atingira. Era um jovem arquiteto, observando como os bunkers nazis na costa francesa foram concebidos não apenas como estruturas de guerra, mas também como manifestações de um mundo que se movia tão depressa que precisava de se proteger de si mesmo. Esses bunkers, sombras do passado, pareciam ecos de um tempo que tentava desacelerar, mesmo enquanto o mundo em redor corria sem controle. Enquanto o vento lhe revirava as páginas, Virilio pensava nas implicações filosóficas da sua dromologia.

"Quanto mais rápido o transporte, mais curtas as distâncias; mas quanto mais curtas as distâncias, menos tempo temos para entender onde estamos. A velocidade não é só um fenómeno físico; é uma condição existencial." Ele imaginava o impacto da velocidade sobre as artes, sobre a política e sobre o amor. "Quando tudo acontece a uma velocidade vertiginosa," pensava, "o que acontece à memória? Ao espaço entre uma nota e outra numa melodia? Ao espaço entre um olhar e o próximo?" Para Virilio,

o tempo está no espaço entre os

eventos, e a velocidade era a força que eliminava esse espaço, comprimindo tudo até não restar mais nada. Ele recordava como a velocidade havia moldado o mundo moderno. Os caminhos de ferro e o telégrafo, no século XIX, haviam encurtado distâncias. Os automóveis e os aviões fizeram o mesmo no século XX. Agora, na era digital, a velocidade tornou-se invisível, mas omnipresente. A internet e os smartphones criaram uma ilusão de ubiquidade, onde todos estão em todo o lado e, ao mesmo tempo, em lugar nenhum. Naquele terraço, enquanto o mundo corria abaixo dele, Paul Virilio viu o futuro. Um futuro onde o tempo não era apenas precioso; era um recurso finito, constantemente comprimido pela pressa.

"O tempo é o último luxo," escreveu ele na última página do caderno. "E a velocidade é o ladrão que nos rouba a capacidade de vivê-lo." Com um último olhar para as luzes da cidade, Virilio fechou o caderno. O vento soprava mais forte agora, como se o próprio tempo tentasse arrancar-lhe as ideias. Mas ele sabia que estas estavam seguras, gravadas não apenas no papel, mas na mente daqueles que, um dia, compreenderiam o impacto da velocidade sobre o mundo. E então, com um suspiro, ele entrou em casa, enquanto o tempo, implacável, continuava a correr.

Mais tarde, já no seu apartamento, Paul Virilio estava sentado na sua cadeira, o seu olhar fixo numa parede vazia que, para ele, era um espaço repleto de significados. O conceito de "tempo real" rodopiava na sua mente como uma engrenagem

incessante. "Nada neste mundo acontece em tempo real," murmurou para si mesmo, saboreando a ironia da sua própria teoria. De repente, um som metálico ecoou pela sala. Um revólver, aparentemente saído de uma outra dimensão, materializou-se na sua secretária. Tinha um brilho prateado, quase sedutor, mas o cano apontava directamente para ele. Virilio, no entanto, não se moveu; o medo não fazia parte do seu vocabulário.

Ele sabia que, segundo a sua própria lógica, aquele revólver nunca poderia cumprir a sua ameaça em "tempo real". "Então és tu o famoso Virilio," disse o revólver, com uma voz que parecia um eco distante. "Falas de velocidade, de tempo real, mas achas mesmo que compreendes o que significa viver no intervalo entre a acção e a perceção?" Virilio ergueu uma sobrancelha, curioso, mas sem surpresa. "Nada se passa em tempo real, meu caro. Nem sequer o teu disparo. A bala que estás a prometer nunca chegará ao seu destino como tu pensas." O revólver riu, um som metálico e áspero. "Ah, mas eu sou pura velocidade, uma extensão da tua própria filosofia. Sou o ápice da aceleração.

Quando o meu gatilho é puxado, a bala viaja a uma velocidade que desafia o espaço e o tempo."

"exactamente," respondeu Virilio, inclinando-se para a frente. "És velocidade pura, sim, mas também és um paradoxo. Quanto mais rápido te moves, mais escapares ao conceito de tempo real. A tua bala não é apenas um projétil; é um símbolo. Assim que és disparado, o acto de atingir o alvo é diluído pela diferença entre o instante e a perceção." O revólver hesitou, como se ponderasse

as palavras do filósofo. "E se eu puxar o gatilho agora?" Virilio sorriu, um sorriso enigmático que tinha o peso de séculos de reflexão. "Se o fizeres, a tua bala estará presa na mesma liminaridade que define toda a experiência humana.

Entre o momento em que disparas e o momento em que me atinges — ou não — há um intervalo que o tempo nunca consegue preencher completamente." O revólver, intrigado, decidiu demonstrar. O gatilho foi puxado, e o som do disparo encheu a sala. A bala saiu, mas parecia mover-se com uma estranha lentidão, como se atravessasse um campo invisível de resistência. Virilio observava calmamente, quase como se estivesse a assistir a uma experiência científica. "Vês?" disse ele, enquanto a bala pairava no ar, congelada num momento que parecia eterno. "Esta é a tua limitação. Não és um agente de tempo real, mas um mensageiro da diferença entre acção e perceção.

O tempo nunca te permitirá atingir o teu destino sem um desfasamento." A bala parou a poucos centímetros do peito de Virilio e caiu ao chão, inofensiva. O revólver, derrotado pela lógica implacável do filósofo, desapareceu tão misteriosamente quanto tinha aparecido. Virilio levantou-se, pegou na bala e colocou-a na secretária. "A aceleração nunca nos dá o tempo real," murmurou. "Apenas nos faz perceber o quão longe estamos de o alcançar." E, com isso, voltou a sentar-se, retomando a reflexão sobre a ilusão do tempo num mundo obcecado pela velocidade.

21:00

No Bar do Tempo: Uma Formiga, um Hipopótamo e uma Girafa Entram Numa Anedota

No fundo de um bar perdido entre as fronteiras do imaginário e do real, uma formiga, um hipopótamo e uma girafa reuniam-se para a sua tertúlia semanal. A bebida do dia era um coquetel chamado Tique-Taque, servido com gelo em forma de ampulheta. O tema da noite? O tempo. E, claro, as inevitáveis anedotas. A formiga, como sempre, começou. Subiu com destreza para o topo do balcão, ajustou o microfone invisível e, com o seu jeito teatral, lançou: – Sabem porque é que o relógio ficou deprimido? A girafa inclinou o pescoço para baixo, curiosa. – Porquê? – perguntou o hipopótamo, mastigando lentamente um amendoim. – Porque se sentia fora de tempo! – respondeu a formiga, rindo-se de si mesma.

O hipopótamo soltou um grunhido que era difícil de distinguir entre riso ou impaciência. A girafa deu uma gargalhada prolongada, o que fez as luzes do teto oscilarem. – Boa, formiga! Mas deixa-me contar esta: o que disse o ponteiro das horas ao ponteiro dos minutos? – O quê? – perguntaram os outros dois

em uníssono. – "Eu guio-te, mas não esperes que ande à tua velocidade!" O hipopótamo revirou os olhos, mas acabou por se render e tentou a sua sorte: – Ok, agora ouçam esta. Sabem por que razão o Tempo não joga às cartas? – Não faço ideia, porquê? – perguntou a girafa, ainda a limpar as lágrimas da anedota anterior. – Porque nunca consegue ficar em mãos! O bar explodiu em risos.

Mesmo os clientes das mesas ao lado, um esquilo e um pinguim, riram-se baixinho enquanto fingiam não prestar atenção. A formiga, já animada, não quis ficar atrás: – Sabem o que aconteceu quando o Tempo foi a uma festa? – O quê? – insistiu a girafa, ainda de cabeça inclinada. – Toda a gente ficou parada! Desta vez, até o hipopótamo riu-se alto, batendo com a pata na mesa e derrubando o seu Tique-Taque. A girafa aproveitou a pausa para a sua última investida: – Ok, aqui vai uma filosófica: sabem por que é que o passado, o presente e o futuro entraram num bar e foram expulsos? – Não! Porquê? – perguntaram os outros dois. – Porque estavam a criar um clima de tensão!

O silêncio momentâneo foi seguido por uma gargalhada geral. Até o barman, um camaleão com um relógio de bolso preso à cauda, não conseguiu conter o riso.

Enquanto as anedotas continuavam a fluir, o trio percebeu que o tempo, esse grande mistério, era talvez o maior comediante de todos. Afinal, ele está sempre a rir-se de nós, enquanto fingimos controlá-lo. Entretanto estes amigos não-humanos, decidem ir valsar. No centro de um salão de dança grandioso, sob um lustre de cristais em forma de

relógios, uma música suave ecoava. Era a valsa Danúbio Azul, mas algo parecia diferente: os compassos pareciam brincar com o tempo, acelerando e desacelerando ao sabor dos passos de quem dançava.

A formiga, o hipopótamo e a girafa, vestidos a rigor – a formiga num fraque minúsculo, o hipopótamo com um colete que mal segurava a barriga e a girafa num vestido de gala brilhante – preparavam-se para entrar na pista. – Ora bem, pessoal – começou a formiga, ajeitando a gravata –, a valsa é um jogo de tempo perfeito. Três tempos, um-dois-três, um-dois-três. Se perdermos o ritmo, acabamos a tropeçar uns nos outros. – Fácil para ti, com essas perninhas rápidas – resmungou o hipopótamo, ajustando o colete que teimava em abrir. – Para mim, o tempo é mais lento... Afinal, quem tem tempo para correr quando pesa meia tonelada? A girafa inclinou-se com graça e sorriu: – Não subestimem a importância de uma visão ampla.

Eu vejo o relógio lá em cima, no alto do salão. O tempo é uma coisa engraçada: daqui de cima, parece que tenho mais dele do que vocês. Mas talvez seja só ilusão. Começaram a dançar. A formiga, ágil, guiava com precisão milimétrica, o hipopótamo fazia os seus movimentos pesados e a girafa, elegante, deslizava pelo salão como se dançasse no espaço sideral. – Sabem – disse a formiga, enquanto evitava o pisão de uma pata enorme do hipopótamo –, a valsa é como a vida. Cada passo que damos está ligado ao tempo. Um pequeno atraso e tropeçamos. Um passo demasiado rápido e perdemos a música. – Isso explica muita

coisa – murmurou o hipopótamo, esforçando-se para rodopiar. – Às vezes sinto que estou sempre fora do ritmo.

É o meu destino, talvez. O tempo para mim é como uma corrida que nunca consigo ganhar. A girafa riu-se suavemente. – É porque pensas no tempo como um adversário. Eu gosto de pensar nele como um parceiro. Ele guia-nos, dá-nos ritmo, mas também precisamos de improvisar de vez em quando. Nem sempre o relógio está certo. – Belo discurso para quem tem pernas que quase atravessam o salão num único passo! – brincou a formiga, puxando a girafa de volta ao ritmo. – Mas a verdade é que o tempo está em toda a parte. Até nesta música. Não há valsa sem compasso, sem ritmo. O tempo é a melodia da existência.

O hipopótamo suspirou enquanto girava, atrapalhando-se levemente com o colete. – Então, por que parece que estou sempre a desafinar? A girafa inclinou-se, o pescoço formando um arco elegante, e respondeu: – Talvez porque te preocupas demasiado em acertar no tempo perfeito. Às vezes, é mais importante sentir a música do que contar os passos. Quando a música terminou, o salão ficou em silêncio por um instante. A formiga ajeitou a gravata, ofegante mas satisfeita. – Acho que aprendemos algo importante hoje: o tempo não é só um compasso, é a forma como o vivemos. E, claro, como dançamos com ele.

O hipopótamo e a girafa assentiram, enquanto o lustre oscilava levemente, reflectindo a luz em fragmentos que pareciam brincar com os ponteiros do relógio no alto do salão. O tempo, afinal, era uma

valsa infinita – um-dois-três, um-doistrês –, guiando todos os seres, grandes ou pequenos, na dança da vida.

22:00

O Debate Infinito entre a Vida e a Morte

A noite envolve o mundo num silêncio pesado, como se até o tempo parasse para ouvir o que a morte tem a dizer. Sentado na penumbra, olho para o relógio na parede, cujos ponteiros parecem mais lentos do que nunca. É quase irónico pensar que, no instante da morte, o tempo parece congelar. Mas será mesmo assim? A morte não é apenas o fim de uma vida; é o início de uma ausência. E nessa ausência, o tempo assume novas formas. Para quem parte, o tempo cessa — ou, pelo menos, assim nos dizem. Mas para quem fica, ele estica-se, dobra-se e repete-se, como um vinil riscado. Um segundo pode parecer uma eternidade, e uma eternidade pode desaparecer num piscar de olhos.

Se o tempo e a morte fossem dois personagens, o diálogo entre eles seria cheio de rivalidade. A morte, com a sua presença inevitável, gabaria-se: "Eu sou o limite que define tudo. Sem mim, o tempo seria uma linha infinita, sem começo nem fim, perdida num vazio sem propósito." Mas o tempo, com o seu tom calmo e paciente, responderia: "E eu sou o que dá valor à tua existência. Sem mim, serias apenas um silêncio eterno, sem contraste, sem relevância." Penso nos relógios que continuam a tiquetaquear depois de um último suspiro. Um mistério perverso, como se o tempo quisesse provar

que a morte não o detém.

Ele segue, indiferente, enquanto nós, os vivos, tentamos desesperadamente agarrar-nos às memórias, essas pequenas cápsulas de tempo que salvamos da destruição total. A morte, então, não é o contrário do tempo, mas uma parte dele. Afinal, o tempo não existe sem começo e fim, sem ciclos que se renovam e que, um dia, se encerram. Mesmo na morte, há tempo — o tempo que passamos a recordá-la, a lamentá-la, a temê-la. É o tempo que gastamos a tentar compreendê-la, mesmo sabendo que nunca o faremos totalmente. E se a morte, em vez de ser um ladrão do tempo, for um marcador? Um ponto final que nos obriga a olhar para a frase inteira?

Talvez ela seja a única coisa que nos impede de desperdiçar o tempo que temos, o único lembrete real de que o relógio, afinal, nunca para. O ponteiro do relógio avança um pouco mais, indiferente às minhas reflexões. A noite aprofunda-se, trazendo consigo uma quietude que não é ausência, mas sim presença — do tempo, da vida, e, sim, da morte. Num mundo onde tudo acaba, até o tempo é um recurso escasso. E é por isso que, mesmo sabendo que o fim nos espera, continuamos a contar os segundos, na esperança de que cada um deles tenha valido a pena. Mas, um dia, na penumbra do cosmos, onde os conceitos se tornam tangíveis, a Morte e a Vida encontraram-se. A Morte, envolta num manto negro como o vazio,

observava a Vida, que irradiava luz e movimento, como uma chama inquieta. Entre elas, o tempo flutuava, intangível mas omnipresente, como um fio

invisível que as unia e separava ao mesmo tempo. "Tu fazes muito ruído," disse a Morte, com uma voz grave e pausada. "Sempre apressada, sempre a correr. O tempo é o teu escravo, mas também o teu tirano. Nunca o dominas realmente, por mais que tentes." A Vida, ofendida, rebateu de imediato, com um tom vivo e vibrante. "E tu, o que sabes do tempo? És apenas um fim. Eu é que o moldo, que o preencho. Sou eu que dou sentido a cada segundo que passa.

Sem mim, o tempo seria um vazio eterno, como a tua presença fria." A Morte esboçou um sorriso subtil, como quem já ouviu aquele argumento inúmeras vezes. "Mas és tu que estás presa a ele, não eu. Cada batida de um coração, cada passo que dás, cada sombra que deixas no chão — tudo é contado, limitado. O tempo é uma ampulheta, e tu corres para tentar virar a areia antes que ela acabe." A Vida hesitou por um momento, mas não podia deixar aquela provocação sem resposta. "E quem disse que isso é mau? O limite é o que dá sabor ao tempo. É o que faz com que os momentos importem, com que a memória exista. Sem tempo, não haveria nada para recordar, nem nada para antecipar. É isso que te escapa, Morte.

Tu és a pausa, eu sou o movimento. Eu sou o que cria o tempo, tu és apenas o que o interrompe." "Interrompo, sim," respondeu a Morte, calmamente. "Mas também liberto. Há um certo tipo de paz no fim. Um instante em que o tempo deixa de ser uma preocupação, em que o fardo de contar os segundos é retirado. Eu dou descanso ao tempo, Vida. Tu dás-lhe trabalho interminável." A Vida cruzou os

braços, pensativa, mas ainda com o brilho de quem sabe que tem o argumento final. "Talvez," disse ela, com um sorriso leve. "Mas és apenas uma consequência de mim. Sem a vida, não há morte. Sem mim, tu não existes. O tempo pode ser um fardo, mas é também uma dádiva, porque é nele que tudo acontece.

Tu és apenas o fecho de um ciclo que eu crio." A Morte inclinou a cabeça, reconhecendo a verdade nas palavras da sua eterna rival. "Talvez," murmurou, "mas lembra-te disto: sem mim, o tempo não tem fim. E tudo o que não tem fim, perde o sentido." O tempo, que até então pairava em silêncio, moveu-se imperceptivelmente, como um sopro. As duas forças permaneceram ali, encarando-se, sabendo que, apesar das diferenças, eram inseparáveis. A Morte precisava da Vida, e a Vida precisava da Morte. E entre elas, o tempo continuava, fluindo como sempre, sem tomar partido.

23:00

O Último Ponto Final ou O Livro Que Nunca Termina

Escrever um livro é um acto de resistência ao tempo. As páginas, cobertas de palavras, transformam-se em cápsulas temporais, onde o autor decide quanto dura uma vida, um dia ou até um instante. Mas como sabemos que um livro chegou ao seu fim? Será quando a história se esgota ou quando o autor sente que não há mais nada a dizer? Talvez o verdadeiro fim de um livro não esteja na última palavra, mas no momento em que o leitor fecha as suas páginas e o tempo da leitura se dissolve no tempo da memória. Borges, o mestre do tempo literário, sabia disso melhor do que ninguém. Na sua obra História Universal da Infâmia, apresenta-nos A Intrusa, uma narrativa que condensa, em poucas páginas, a complexidade de uma vida.

Uma história de traições e paixão, de desejos e possessão, que termina de forma abrupta, quase cruel, como a própria vida. Borges não precisava de anos para relatar um dia ou de centenas de páginas para expor uma eternidade. Ele compreendia que a literatura, como o tempo, é elástica. Escrever um livro pode consumir anos da vida de um autor. James Joyce levou 17 anos a escrever Finnegans

Wake. Mas o tempo dentro do livro é outra coisa: pode durar um dia, como em Ulisses, ou um instante, como em contos que capturam uma epifania fugaz. O autor controla o tempo, mas ao mesmo tempo está à mercê dele. O escritor observa o relógio, sente o peso dos dias, enquanto as palavras se acumulam e o mundo avança.

E, no entanto, o tempo do leitor é uma incógnita. Pode devorar um romance de 600 páginas em dias ou carregar um conto por toda a vida. Mas será que o livro termina mesmo com o ponto final? Talvez não. Um livro é mais do que a soma das suas palavras; é o tempo que ele gera no leitor. É o espaço que ocupa na mente, as reflexões que evoca, as memórias que desperta. Como dizia Borges, o verdadeiro autor de um livro é o leitor, aquele que dá sentido ao que lê e cria novos significados a partir daquilo que absorveu. E assim, a noção de fim torna-se fluida. O tempo num livro é simultaneamente eterno e efémero, um paradoxo que ecoa a própria experiência humana. A pergunta permanece: como sabemos que um livro terminou?

Talvez a resposta seja que ele nunca termina. Fica sempre ali, à espera de ser redescoberto, relido, reinterpretado, prolongando a sua existência além do tempo em que foi escrito, além do tempo em que foi lido. Num certo sentido, escrever um livro é desafiar a mortalidade, inscrever-se numa narrativa que pode transcender o autor. É deixar que as palavras sejam os verdadeiros mestres do tempo, moldando-o conforme as histórias que têm para contar.

Entretanto eu adormeço na mesa, exausto das horas a escrever, o lápis ainda pendurado entre os dedos. O quarto mergulha num silêncio profundo, interrompido apenas pelo som do vento lá fora. Mas algo está errado. Um murmúrio discreto cresce no canto da sala. Tento ignorar, mas o som transformase numa voz nítida, persuasiva. — Não te atrevas a pôr o ponto final — diz a voz, firme, com uma entoação que mistura autoridade e desespero. Ergo a cabeça, a piscar os olhos ainda enevoados pelo sono. A fonte da voz é inconfundível: o livro que acabei de escrever está ali, em cima da mesa, aberto, com as páginas ligeiramente onduladas como se estivessem a respirar. — O quê? — murmuro, incrédulo. — Ouviste-me bem.

Este livro nunca termina. Pensa no que estás a fazer. Um ponto final? Isso é prisão perpétua para mim. Deixa-me continuar, deixa-me respirar. — Mas estás pronto! Já escrevi horas e horas. Tenho capítulos, cenas, diálogos... Até um final decente! O livro suspira, um som de páginas a folhear-se sozinhas. — Decente? Decente é uma sentença de morte com luvas de veludo. Achas que podes capturar o Tempo? Que podes simplesmente embrulhá-lo e entregá-lo ao leitor como se fosse um presente? Não percebes que eu sou maior do que tu? Sou uma ideia, não um objecto. — Maior do que eu? — retruco, indignado. — Eu escrevi-te! Passei noites em claro! Cada palavra, cada frase...

Sou o teu criador. — Criador? — pergunta o livro, soltando um riso seco, como páginas a rasgar-se. — E o que me diz isso? Que sou teu servo? Não, meu caro. A partir do momento em que escreveste o

primeiro parágrafo, ganhei vida própria. Sou eterno, sou infinito. Enquanto houver leitores, eu existo. Tento contra-argumentar, mas o livro é implacável. — Sabes o que acontece quando dizes que terminei? — continua ele, com o tom de um professor severo. — Dizes que o Tempo se esgotou. Mas o Tempo nunca se esgota. É por isso que nenhum livro termina de verdade. Os leitores pegam em mim, recomeçam. Interpretam-me de formas que nem tu, o "grande autor", podes prever.

Portanto, quem és tu para decidir o meu destino? — Mas... e se ninguém te ler? — pergunto, num tom provocador. — O que é um livro que ninguém lê, senão papel com tinta? O livro hesita por um momento, mas recupera rapidamente a compostura. — Isso não importa. Até no silêncio há tempo. Mesmo esquecido numa prateleira, eu existo. E, quando me redescobrem, sou novo outra vez. Tu, por outro lado... — O livro pausa, como se saboreasse as palavras. — O teu tempo é finito.

Aquela última frase atinge-me como um soco. Respiro fundo, tentando encontrar uma forma de retomar o controlo da conversa. — Está bem, mas... não queres que os leitores tenham uma conclusão? Algo que os faça sentir que a viagem valeu a pena? O livro inclina-se ligeiramente, as páginas a formar um sorriso invisível. — A viagem não acaba com a última frase, meu caro. Termina quando o leitor fecha a capa e continua a pensar em mim. O ponto final é apenas uma ilusão. Eu não termino. E tu, escritor, também não. Enquanto houver ideias, o Tempo é nosso cúmplice. Fico em silêncio. Talvez o livro tenha razão. O sono começa a pesar

novamente, mas a voz dele ecoa na minha mente, insistente e misteriosa. — Vai lá, dorme.

Eu fico aqui, à espera do próximo capítulo que ainda não sabes que vais escrever. Adormeço com o lápis ainda na mão, o som de páginas a sussurrar como um vento distante. O livro, triunfante, permanece aberto, um enigma à espera de ser desvendado — e nunca realmente terminado.

24:00

Epílogo — A Hora que Fecha e Recomeça

Chegámos às 24:00, essa hora impossível que fecha um dia e, no mesmo gesto, abre o seguinte. Durante vinte e quatro estações, o tempo apresentou-se como físico, filósofo, relojoeiro, músico, carrasco, cozinheiro, animal de estimação e funcionário público do Universo. Nenhuma destas profissões lhe assentou inteiramente. O tempo tem o hábito pouco científico de escapar a todas as definições justamente quando julgamos tê-lo encurralado entre duas frases.

Talvez a primeira conclusão deste livro seja, portanto, modestamente desconfortável: pensar no tempo é uma das maneiras mais sofisticadas de o perder. Enquanto medimos a duração de uma ideia, a ideia já envelheceu; enquanto discutimos se o presente existe, ele passou para o arquivo do passado; enquanto prometemos começar amanhã, o amanhã aproxima-se com a eficiência silenciosa de um cobrador que conhece a nossa morada.

Mas perder tempo não é necessariamente desperdiçá-lo. Há perdas que são formas secretas de atenção. Um músico perde tempo a escutar o intervalo entre duas notas e descobre ali uma arquitectura. Um físico perde tempo diante de

uma equação e encontra uma dobra no Universo. Uma criança perde tempo a observar um insecto e aprende mais sobre o movimento do que aprenderia olhando apressadamente para dez relógios. Até o macaco japonês mergulhado numa fonte termal, consultando o pulso com a gravidade de quem tem uma reunião, talvez saiba que a água quente é uma teoria temporal mais convincente do que muitos tratados.

O relógio mede, mas não explica. Divide a duração em parcelas iguais, embora nenhuma hora vivida seja igual à anterior. Cinco minutos numa sala de espera podem conter uma pequena era geológica; cinco minutos de música podem desaparecer antes de a memória perceber que começaram. O tempo dos instrumentos é regular. O nosso é elástico, parcial, afectivo e profundamente indisciplinado.

Ao longo destas páginas, o tempo cruzou-se com Einstein, Rovelli, Proust, Bergson, Beethoven, Stockhausen, Duchamp, Cage, Zenão e várias criaturas que dificilmente seriam admitidas na mesma conferência. Todos disseram alguma coisa verdadeira e todos deixaram alguma coisa por dizer. Talvez seja essa a única teoria que resiste: o tempo existe na diferença entre aquilo que conseguimos medir e aquilo que nunca conseguimos terminar de compreender.

Agora o livro chega ao fim, mas não alcança uma resposta definitiva. Seria indelicado para com o tempo encerrá-lo numa conclusão. Fica apenas

uma proposta: quando alguém perguntar que horas são, podemos olhar para o relógio e responder com exactidão; quando perguntar o que é o tempo, convém fazer uma pausa. Essa pausa já será parte da resposta.

O último ponto não interrompe o tempo. Limita-se a ficar para trás enquanto o leitor fecha o livro, levanta os olhos e regressa ao mundo. Nesse instante, algures, um relógio avança um segundo. Ninguém sabe exactamente para onde.

Índice remissivo

aceleração — 131, 133, 134
Alan Lightman — 12, 14
Alfredo — 28, 29, 31, 32
alterações climáticas — 100
anedota — 135, 136
animal — 72, 149
arte — 35, 37, 38, 42, 61, 114, 117, 120, 121
Beethoven — 39–43, 95–99, 150
Ben Johnson — 63, 66, 67
Big Bang — 82–84, 86, 87
Carlo Rovelli — 9, 13, 15
causalidade — 84
Charles Sweeney — 78, 79
ciência — 17, 19, 38, 75, 77, 80, 81, 131
clima — 136
consciência — 14, 16, 17, 60, 77, 122
cosmos — 57, 82–88, 90, 105, 107, 141
cronómetro — 66, 68, 77, 105, 107–110, 115
dromologia — 130, 131
Duchamp — 115–118, 120, 121, 150
duração — 11, 12, 98, 149, 150
Einstein — 12, 14–20, 34, 36, 38, 49, 64, 66, 71, 150
energia — 18, 19, 41, 43, 44, 54, 76, 79, 82–86, 125–128
Enola Gay — 75, 76
Enrico Fermi — 75
espaço — 11, 15, 16, 34, 36, 39, 50, 53, 55, 82–84, 87, 89, 97, 112, 116–121, 131–133, 137, 145
eternidade — 21, 27, 28, 30, 31, 48, 49, 56, 62, 72, 76, 84, 86, 98, 112, 140, 144
Eva Braun — 33
evolução — 10, 55, 85
Fat Man — 78
filosofia — 13, 24, 25, 72, 74, 133

física — 13, 16, 21, 24, 25, 34–36, 82, 83, 87, 115
Freud — 24–26, 125
futuro — 12, 14, 25, 38, 56, 59–62, 66, 83–85, 92, 97, 100, 104, 108, 123, 124, 126, 132, 136
Gato de Schrödinger — 21, 23–26
Heidegger — 12
Hiroshima — 54, 75–81
história — 15, 34, 41–43, 53, 60, 68, 75, 77, 78, 80, 81, 85, 87–89, 92, 96, 98, 107, 108, 110, 118, 119, 125, 144
Hitler — 33–38
humanidade — 18, 37, 60, 67, 72, 75, 77, 80, 92, 110, 123, 125
instante — 9–12, 15–18, 20, 21, 28–32, 46–48, 50, 54, 57, 76, 77, 79, 80, 82, 85–87, 96, 110, 112, 113, 119, 124, 128, 129, 131, 133, 138, 140, 142, 144, 145, 151
John Cage — 118, 120
Kokura — 78
La Gazza Ladra — 39, 41, 42
Leni Riefenstahl — 33
Leonardo da Vinci — 27
Little Boy — 75, 76, 78
Madame du Barry — 45–47
Marcel Duchamp — 115, 120
Mariana — 60–62, 100–103, 106–110
memória — 13–15, 17–19, 24, 47, 105, 112, 131, 142, 144, 150
Michael Phelps — 63, 65–67
Miguel — 60–62, 100–103, 106–110
morte — 22, 24, 25, 45–47, 77, 140–143, 146
movimento — 12, 29, 32, 42, 43, 48, 70, 71, 73–76, 80, 88, 92, 105, 106, 122, 130, 141, 142, 150
música — 11, 41, 95–99, 115, 118–121, 137, 138, 150
Nagasaki — 75, 78–81
Natureza — 56, 60, 127
Nicola Sacco — 45, 47, 51
Niels Bohr — 35
Oppenheimer — 75, 77, 80
Paris — 45, 91, 126, 130

passado — 14, 22, 23, 25, 38, 53, 59, 62, 84, 85, 97, 100, 123, 126, 128, 131, 136, 149

Paul Tibbets — 75, 76

percepção — 11, 14, 49, 98, 131

Planck — 10, 11

presente — 14, 17, 19, 22, 25, 38, 62, 85, 109, 123, 124, 126–128, 136, 146, 149

projecto Manhattan — 75, 77

radiação — 76, 79, 81, 83, 85, 86

relatividade — 16, 62

relógio — 9, 12, 16, 17, 25, 57, 58, 60, 63–65, 68, 69, 88, 92–94, 100, 102, 105, 106, 108–110, 115, 124, 126, 135–138, 140, 141, 145, 150, 151

Revolução Industrial — 90, 92

Roosevelt — 19

Rossini — 39–44

Schrödinger — 21, 23–26

segundo — 9, 12, 29, 39, 49, 52–54, 56, 57, 63, 66, 67, 76, 78–80, 82, 83, 85–87, 93, 98, 109, 110, 123, 125, 127, 128, 133, 140, 142, 151

silêncio — 11, 13, 27, 30, 31, 36, 37, 47, 51, 59, 87, 95, 96, 98, 101, 103, 104, 109, 112, 113, 115, 117–121, 129, 136, 138, 140, 143, 146, 147

som — 9, 13, 16, 27, 28, 30, 32, 36, 37, 42, 46, 50, 62, 92, 93, 95–98, 102, 103, 106, 109, 110, 112, 114, 116–118, 123, 127, 133, 134, 146, 148

sonho — 70, 72–74, 109–111

Stephen Hawking — 10

Stockhausen — 61, 62, 95–99, 150

tecnologia — 131

tempo — 9–41, 43–51, 54, 56–93, 95–118, 120–138, 140–147, 149–151

Tempo de Planck — 10, 11

Tempo de Rua — 11, 12

Terra — 52–57, 59, 70, 76, 79, 83

Tito — 28–32

Universo — 10, 11, 17, 18, 20, 21, 23, 26, 28, 35, 36, 57, 73, 77, 80, 82–89, 97, 123, 127, 149, 150

velocidade — 17, 53, 55, 83, 96, 128, 130–134, 136

vida — 10, 16, 20, 22, 24, 36, 47, 48, 53, 56, 57, 61, 64, 65, 73, 75, 76, 79, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 97, 114, 123, 126, 137, 139–145, 147

Virilio — 130–134

Zenão — 29, 70–74, 150

Zurique — 17, 18